



Uma Noite com Rubi

Joias da Nobreza

Catherine Brook



Uma Noite com Rubi
Série Joias da Nobreza 01

Catherine Brook



Sinopse

Rubi Loughy nunca imaginou que as taças a mais que tomou para esquecer a raiva causada por um pretendente a quem pensava aceitar como marido terminaria levando-a à cama do marquês de Aberdeen, o segundo homem que mais desprezava em sua vida, depois de seu pretendente, claro.

Damián, marquês de Aberdeen, retornou da guerra sendo um homem muito diferente do que era antes. Em um intento por recuperar sua antiga vida decide ir ao baile de máscaras organizado por um infame clube de jogo, e é aí onde fica cativado por uma bela e atrevida mulher. A seduz até levá-la à cama, mas sua surpresa não pode ser maior quando descobre que a mulher é virgem.

Ele está decidido a encontrá-la e ela está decidida a manter-se oculta.

Lástima que as coisas lhe estejam saindo ultimamente tão mal...

Prólogo

Surrey, 1804

O céu estava nublado. Os trovões ressoavam no lugar com uma força estremecedora e os raios e centelhas se desenhavam na noite escura de forma rápida e seguida, como prefácio da tormenta que não demoraria para explodir. A lua, escondida entre tantas nuvens, privava a noite de sua luz, por isso ninguém poderia ter distinguido com clareza as quatro pequenas figuras que corriam através do velho caminho, não só para procurar um refúgio, mas também para salvar suas vidas.

Seus formosos vestidos atestavam seu bom berço, apesar de estarem sujos e um pouco rasgados pela fuga.

O pranto de ao menos três delas rompia o silêncio da noite. O que devia ser uma formosa noite em família que celebrava a véspera de Natal converteu-se em um dos piores pesadelos para qualquer um, quando, logo que terminou o brinde, uns homens armados irromperam em sua casa e mataram a cada ser que se encontrava na sala, sem piedade nem motivo algum. Unicamente se salvaram quatro criaturas que, por insistência de sua instrutora, decidiram brincar de esconde-esconde de forma oportuna.

Os três irmãos Loughy, suas esposas e uma grande parte de ambas as famílias estavam ali, por isso as meninas

encontravam-se completamente sozinhas, com a única companhia delas mesmas.

Para três delas sempre será desconhecido o motivo pelo qual alguém quis feri-las, mas sempre ficaria na memória de todas o acontecido nessa noite. A terrível lembrança de como quase toda sua família morrera em poucos minutos ficaria sempre em suas mentes. A horrível imagem dos corpos inertes no piso as atormentaria em seus pesadelos fazendo ser impossível esquecer o assunto.

Ninguém nunca saberia exatamente o que aconteceu. Se alguém pôde escutar os disparos, apesar do quão longe ficava o imóvel das outras casas, ninguém interveio ou, ao menos, não deu tempo disso, já que tudo aconteceu tão rápido que era quase impossível acreditar. Os poucos lacaios que se armaram para defender seus senhores deviam estar incluídos no rio de sangue que banhava o que antes fora um grande salão decorado com folhas vivazes, visco e louro que, segundo a tradição, oferecia alegria e vida eterna. Não foi o caso.

Definitivamente, nenhuma esqueceria essa noite. Três delas desconheceriam que o causador morrera nessa mesma revolta e só uma ficaria marcada por ter sido testemunha da traição entre o próprio sangue.

* * *

— Aprese-se, por favor, chegarei tarde — a mulher gritou tirando um pouco a cabeça através da janela da carruagem.

— Vou o mais rápido que posso, excelência, — respondeu o cocheiro, — mas o caminho está muito escuro e seria um

perigo ir mais rápido, além disso, logo começará a chover e a estrada poderia tornar-se escorregadia.

Lady Rowena Armit, duquesa de Richmond, recostou-se no assento e olhou pelo guichê sem ver nada na realidade já que, como afirmou o cocheiro, a noite estava muito escura para poder distinguir algo.

Estava a caminho de sua mansão em Londres, onde celebraria, junto com seu marido e sua família, a véspera de Natal. Atrasou-se porque foi visitar uma amiga muito querida que se achava doente e a ponto de morrer. Não vira passar o tempo, por isso agora ia chegar tarde ao jantar. Entretanto, não se arrependia da viagem: ao menos pôde despedir-se de sua querida Clareen, que, com certeza, não passaria dessa noite e causaria uma tragédia à família em um dia que devia ser de felicidade.

Seguiu observando, pela metade, o caminho. Não devia faltar muito para chegar a Londres quando a carruagem se deteve abruptamente.

— O que aconteceu? — Perguntou, mas o condutor pareceu não escutar, já que tentava controlar os cavalos, que se agitaram pela brusca parada.

Cheia de curiosidade, abriu a porta da carruagem e desceu sem ajuda, ante o atônito olhar dos lacaios que a acompanhavam por segurança e que imediatamente ficaram ao seu redor.

Lady Richmond reprimiu uma exclamação de aborrecimento e se dispôs a averiguar a causa pela qual se detiveram.

O que viu a surpreendeu.

Ante si encontravam-se quatro formosas meninas: três delas deviam ter uns oito anos e a outra, uns quatro. Ao que parecia, a menor caíra e as demais tentavam levantá-la, mas a pequena parecia relutante em se levantar. Foi uma sorte que seu cocheiro pudesse deter a carruagem a tempo ou teria acontecido uma desgraça.

— Já não posso mais, Rubi — a menina se queixava.

De repente todas pareceram perceber sua presença, porque a olharam com uma expressão de medo nos olhos que lhe quebrou o coração e, imediatamente, uma delas começou a insistir com mais veemência para que a pequena se levantasse.

Rowena não sabia o que pensar, mal se viam os vestidos, mas o que viu foi suficiente para lhe fazer saber que não eram indigentes. Entretanto, pôde notar que deviam vir correndo fazia tempo, pelo estado desalinhado que suas roupas apresentavam. Por mais que tentasse não podia entender o que estavam fazendo as quatro crianças sós no meio do caminho e em plena véspera de Natal, quando todos deveriam estar em casa, não importava qual fosse a classe social.

Temendo assustá-las, aproximou-se lentamente e se agachou em frente a elas.

— Olá — murmurou com voz suave.

Quatro pares de olhos pousaram nela brilhando com desconfiança.

— O que fazem aqui sozinhas? Onde estão seus pais? — Insistiu.

Soube que havia tocado um ponto sensível quando todas

começaram a chorar, todas menos uma que parecia imersa em um trauma.

Rowena as olhou com determinação, mas não pôde distinguir bem seus traços nem fisionomia. Só era consciente de que duas delas possuíam o cabelo de um loiro intenso e de que suas cores de olhos não podiam ser mais diferentes. A que segurava a menina por um braço, era avelã. A outra, a que não chorava, era cinza. Uma das loiras, a maior, possuía olhos escuros, embora não soube se eram negros ou outra cor, e a menor de todas, também loira, possuía os olhos verdes mais formosos que jamais vira.

— Onde estão seus pais? — Voltou a perguntar ao não obter resposta.

A de olhos avelã a olhou com estes cobertos de lágrimas e respondeu em um murmúrio como se ainda não acreditasse no que ia dizer.

— Mortos.

— Deus! — Exclamou.

— Mataram todos — comentou uma das loiras.

— A todos? — Perguntou. — Não são irmãs?

— Primas — respondeu a de olhos avelã — e ela é minha irmã — assinalou a loira menor que ainda segurava pelo braço.

— Excelência, — interrompeu o cocheiro — deveríamos...

Ela o deteve com um sinal de mãos e centrou sua atenção nas meninas.

— Como se chamam?

— Rubi — disse a de olhos avelã.

— Safira — respondeu a loira grande.

— E você, pequena? — Perguntou à menina que seguia no chão chorando.

— E-Esmeralda — disse entre soluços.

— E você? — Perguntou à de olhos cinza, mas ela não respondeu, seguia absorta em seus pensamentos, fossem quais fossem.

— Ela é Topázio — Rubi respondeu.

Rowena esboçou um pequeno sorriso com a intenção de dar ânimo.

— Vejo que seus pais gostavam das pedras preciosas — soube que foi um engano no momento em que as palavras saíram de sua boca e se reprovou mentalmente pela indiscrição.

— Diziam que éramos suas joias — falou pela primeira vez Topázio, quem seguia sem soltar uma lágrima, mas se deixou cair contra o chão e abraçou seus joelhos contra o peito como em estado de choque.

O coração de Rowena partiu ao ver tanta tristeza junta. Não podia deixá-las ali, seria uma crueldade de sua parte. Quatro meninas sós na rua corriam perigos incontáveis. As levaria com ela, ao menos até que se esclarecesse a situação.

— Venham comigo, — disse — terão um lugar onde dormir e não estarão sozinhas.

— Milady... — tentou falar um dos lacaios.

— Virão comigo — afirmou com decisão sossegando qualquer protesto.

Entretanto, as meninas não se viam muito convencidas e não se moveram de onde estavam, de fato parecia que queriam

pôr-se a correr de novo.

— Não há nada a temer, — disse com voz doce — tudo ficará bem.

Não soube qual das duas frases as convencera, mas depois de lançarem olhares entre si, seguiram-na. Logo todas se encontravam na carruagem a caminho da mansão em Londres.

É claro que a chegada de Rowena com as quatro meninas causou surpresa, mas ninguém se atreveu a questioná-la. Todos sabiam do bom coração da duquesa e de sua debilidade pelas crianças, já que aos seus vinte e seis anos não as poderia ter. Também conheciam sua férrea determinação e seu marido, que a amava mais que a si mesmo, não se atreveu a contradizê-la quando afirmou que as crianças ficariam ali.

As pequenas, que não quiseram comer nada, foram levadas a uma habitação infantil arrumada a toda pressa e a véspera de Natal transcorreu tão normal quanto a situação permitiu.

Não precisaram investigar muito para averiguar o que aconteceu. O dia seguinte, o dia de Natal, viu-se um pouco manchado pelas fofocas do que chamaram "*A tragédia da Joia*".

Conforme se inteiraram, na noite anterior um grupo de homens armados entrara na residência do senhor Loughy, o mais velho dos filhos da família e, sem razão aparente, mataram todos os que se encontravam dentro.

Toda a família paterna estava ali, e só familiares longínquos por parte das vias maternas podiam acolher as meninas. Não obstante, nenhum deles se apresentou nos

meses seguintes reclamando-as, afinal recolher uma criança significava um gasto e, se fosse mulher, pior, pois teria que lhe proporcionar um dote, custear-lhe uma apresentação em sociedade — sem contar com os gastos de mantê-la — sendo a única esperança para recuperar o investimento que a mulher encontrasse um bom marido, coisa que muitas vezes não era possível. No fundo Rowena se alegrou de que ninguém as buscasse, pegara muito carinho pelas adoráveis crianças, e não queria deixá-las ir. Além disso, se alguém procurasse uma delas, significaria separá-la das outras, e ela estava segura de que isso as destroçaria, pois se amavam como irmãs. Assim, com ajuda e apoio de seu marido, converteu-se em sua tutora. As educaria como damas e se encarregaria de conseguir, no futuro, um bom marido para cada uma. A partir dali as senhoritas Loughy seriam suas filhas, embora elas não chegassem a considerá-la sua mãe, porque entendia que a lembrança das suas sempre estaria patente, mas ela já as amava como o que eram: umas joias. Como as joias que tinham os anéis, que pouco depois havia descoberto, pendurados em seus pescoços e que possuíam a pedra preciosa que fazia honra aos seus nomes. Agora eram suas joias. Joias da nobreza.

Capítulo 1

Londres, 1816

Rubi Loughy ajustou pela última vez sua máscara vermelha no momento em que a carruagem de aluguel se deteve em frente ao *Pleasure Club*.

The Pleasure Club era uma das tantas casas de jogos em Saint James Street preferida pelos aristocratas e especial pela peculiaridade de que, ao menos uma vez ao ano, organizava um baile de máscaras. Ali se permitia o acesso às mulheres, normalmente de classe alta, que utilizavam o anonimato para fazer o que a sociedade lhes proibia, fosse jogar, beber em excesso ou passar a noite com algum amante sem muito risco de serem descobertas por um marido ciumento ou ofendido. Inclusive, Rubi podia assegurar que casais das mais altas esferas da sociedade chegavam a cruzar-se e não se reconheciam.

Entretanto, apesar do anonimato proporcionado, qualquer jovem solteira, decente e com suficiente cérebro jamais apareceria por aqueles lugares onde sua inocência poderia ser corrompida. Ela nunca se considerou estúpida e podia dizer-se que ainda era inocente, mesmo assim estava disposta a entrar e não sairia até conseguir a informação desejada.

— Está segura de que quer fazer isto? — A voz de sua

prima deteve o avanço de sua mão para a porta.

— Começa a soar como Safira, — respondeu sem olhá-la — claro que estou segura.

— Está bem, se está segura de levar a cabo, não serei eu a detê-la. Se não quisesse fazer não teria vindo contigo. O único motivo da pergunta era aplacar minha consciência.

Rubi virou a cabeça e seus formosos olhos avelã observaram com diversão a sua prima, que nesse instante ajustava sua máscara azul celeste.

— Desde quando tem consciência? — Perguntou-lhe em tom zombeteiro.

Topázio Loughy se limitou a sorrir daquela maneira que só ela conseguia, um sorriso frio que não chegava aos olhos, mas que resultava atraente e deixava suas feições mais formosas ainda, se isso era possível.

— Um pequeno vislumbre dela apareceu hoje, mas nada que não se possa solucionar ao te ouvir assegurar que está aqui por sua própria vontade e que eu não te arrastei a nada.

Rubi sorriu e, depois de assegurar-se de que seu flamejante cabelo avermelhado se encontrava bem seguro e de que a máscara cobria grande parte de seu rosto, abriu a porta da carruagem e desceu dando um pequeno salto sem aceitar a ajuda do condutor.

Topázio seguiu seu exemplo e logo depois de dar instruções ao cocheiro para que as esperasse, as mulheres se dirigiram à entrada do clube arrastando seus vestidos, vermelho e azul celeste respectivamente, que escolheram para a ocasião. Os vestidos eram de Rowena, já que não era

permitido a uma jovem decente usar aquele tipo de vestido com cores tão chamativas e com um decote digno de uma cortesã.

Como esperavam, não houve nenhum problema na entrada e imediatamente se encontraram admirando a magnificência do lugar. Grandes colunas de marfim separavam um salão do outro. As paredes estavam decoradas em azul rei e dourado. As velas se achavam colocadas estrategicamente para que sua luz fosse ampliada pelos espelhos distribuídos para esse fim. Os criados iam de um lado a outro com taças de uísque, vinho do Porto e todo tipo de licores finos existentes. Atendiam as pessoas que se encontravam dispersas em grupos, tal e como estariam em uma festa comum, só que esta não era uma festa comum. As mulheres se vestiam de forma escandalosa e paqueravam sem nenhum pudor, enquanto os cavalheiros colocavam suas mãos em lugares nada decentes e elas, em lugar de desgostar, pareciam satisfeitas. Tudo ao redor não era mais que um cenário cheio de luxúria e depravação que escandalizaria qualquer matrona e faria uma jovem decente e normal desmaiar. Para sua sorte, elas eram decentes, mas nunca foram normais e embora Rubi admitisse sentir certo desconforto no lugar e um pouco de repulsão pelas imagens apresentadas, estava decidida a ficar e averiguar a informação desejada.

— Bom, te deixo para que localize seu objetivo, eu irei ver no que me entretenho.

Os olhos de Rubi se abriram como pratos ante a declaração e Topázio sorriu.

— Jogos de cartas, é claro, quero pôr em prática o que

William me ensinou. No que pensava?

Rubi negou com a cabeça e sorriu. Parecia que o ambiente havia começado a corromper sua mente. Na verdade, no que pensou? Sua prima podia ser tudo, mas não era louca. Bom, não muito... ao menos não nesse aspecto.

— Não vai me acompanhar? — Rubi queixou-se um pouco temerosa de percorrer aquele lugar sozinha.

— E perder uma oportunidade única como essa de achar um jogador contumaz? Não, obrigada, prefiro provar minha habilidade nas cartas.

Rubi assentiu resignada.

— Certo, ao menos saberei onde se encontrar, mas se começar a perder se retire.

Topázio sorriu.

— Eu nunca perco — foi a única coisa que disse antes de sair.

Viu como Topázio desaparecia entre as pessoas pensando em que não havia remédio. Sua prima era muito formosa, ninguém podia sequer pô-lo em dúvida. Seu cabelo mogno emoldurava um rosto delicado. Seus olhos eram cinza e sempre expressavam um mistério, atraíam de tal maneira que era impossível separar a vista deles uma vez colocado seu olhar ali. Entretanto, nem tudo podia ser dotado de virtudes, muitos a consideravam uma mulher fria e insensível, talvez porque essa era a imagem que sempre quis passar, inclusive ante ela mesma. Teria que chegar a conhecê-la muito a fundo para saber que no interior, muito no interior, era diferente do que todos acreditavam. Rubi sabia que ela guardava segredos,

nunca foi a mesma desde daquela noite da tragédia e não sabia se algum dia voltaria a ser.

Obrigando-se a concentrar-se em sua missão, começou a procurar com o olhar seu objetivo, que não era outro senão lorde Anderson, conde de Hereford.

Anderson era um dos cavalheiros que a cortejava e que, segundo certos falatórios, estava a ponto de lhe pedir em casamento. À diferença de sua irmã Esmeralda, ela era prática e não possuía ideias românticas. Sabia que quando se casasse possivelmente não o faria por amor, mas ao menos deveria sentir certo carinho e respeito para com seu par e estes teriam que ser recíprocos.

Embora não tivesse muita vontade de casar-se, — e, de fato, vinha evitando assim como suas primas os múltiplos intentos de Rowena por conseguir — sabia que devia fazê-lo, estando a ponto de completar seus vinte e um anos. Se não o fizesse logo as propostas desapareciam, mas o faria só sob as condições anteriores.

Ouvira rumores de que Anderson havia caído na ruína, que contraíra milhares de dívidas de jogo e que só queria casar-se com ela pelo substancial dote que seu pai lhe assegurara antes de morrer. Um homem que queria casar-se com ela só por isso não poderia respeitá-la e menos ainda apreciá-la, portanto, se pensava aceitar sua proposta deveria assegurar-se de que todos os rumores fossem incertos e, no fundo, esperava que fossem. O conde era a única opção que considerara aceitável entre tantos cavalheiros que só amavam a si mesmos. Se decepcionaria muito se todo o dito pelas pessoas

fosse verdade. Não havia certeza de que ele estivesse ali, mas qualquer jogador contumaz estaria, depois de tudo, era o famoso baile de máscaras do *Pleasure Club*, não só havia jogo, mas também muitas outras atividades nas quais entreter-se.

Começou a procurar o conde entre as pessoas mascaradas. Não seria difícil reconhecê-lo, embora tivesse o aspecto comum de um aristocrata inglês: alto, magro e loiro, Anderson coxeava da perna esquerda, consequência de um ferimento de procedência desconhecida. Só esperava que não estivesse sentado, então haveria um problema.

Começou a rondar por cada um dos salões ignorando deliberadamente os galanteios vulgares lançados pelos cavalheiros embriagados.

Viu-o quando ia entrar em um salão do qual ela acabava de sair e conforme recordava havia uns cavalheiros jogando um jogo cujo nome desconhecia. Apressou-se a segui-lo e o alcançou a tempo de ver como se sentava na mesa com os outros homens.

"*Isto não parece nada bom*", disse-se enquanto se aproximava da mesa e simulava ser uma das "*damas*" que observavam a partida com entusiasmo. Talvez só jogaria um pouco, isso não significava que todo o resto fosse verdade.

— Hereford, que bom ver-te por aqui, — disse um dos homens de aspecto temível que estava na mesa — devo supor que já conseguiu meu dinheiro e tem mais para jogar.

Notou como Anderson ficava pálido e se mexia incômodo no assento ao mesmo tempo que fazia com a cabeça um gesto negativo quase imperceptível. Tecnicamente suas suspeitas já

estavam confirmadas, mas algo a impulsionou a ficar ali.

— A-ainda não tenho, John, mas logo o conseguirei. Deixe-me jogar esta partida, pode ser que consiga te dar algo do que te devo — sua voz tinha um patético tom de súplica.

"O homem com quem eu pensava me casar", disse-se.

— E se perder, a dívida será maior, — advertiu o tal John, embora isso fosse mais que óbvio — não vejo como poderá pagá-la se for assim.

— Casarei logo — afirmou.

Rubi se esticou ao ouvi-lo e decidiu seguir escutando, depois de tudo, Anderson havia se tornado o centro das atenções.

John sorriu de forma calculista.

— Então é verdade — disse. — A senhorita Rubi Loughy foi tão estúpida para aceitar sua proposta de matrimônio.

Todos no grupo soltaram uma pequena gargalhada, todos menos Rubi, claro. Ela estava muito ocupada apertando os punhos e respirando fundo para conter a fúria que a embargava.

— Ainda não, mas o fará — assegurou.

Rubi já sentia como o sangue começava a tingir sua branca pele e só pôde agradecer à máscara que ocultava grande parte de seu rosto.

— Devo admitir que levaria uma boa mercadoria se casar com ela, — comentou John — é bonita, rica, além disso conta com o amparo dos duques de Richmond, mas está seguro de que te aceitará?

— Seguro — Anderson levantou a cabeça com gesto

arrogante. — Tenho-a comendo em minha mão, a convencerei de nos casar por meio de uma licença especial e logo será minha esposa.

— Então brindemos por isso — todos na mesa levantaram as taças ou copos em sinal de brinde — e à noite de núpcias que, sem dúvida, não será nenhum sacrifício. Possivelmente possa emprestá-la para mim um dia, como parte de pagamento.

— Possivelmente — concedeu o canalha.

Àquelas alturas Rubi já se encontrava tremendo de fúria. Teve que utilizar um grande autocontrole para não ceder aos instintos selvagens do sangue irlandês de sua mãe e lançar-se sobre ele e lhe arrancar os olhos, ou talvez quebrar uma taça e usá-la para cortá-lo em pedacinhos. Eram possibilidades muito tentadoras, de verdade eram, mas recordou que o assassinato se pagava com a força.

— Embora tampouco seja a mais bonita de suas primas, — o desgraçado continuou falando ao ver-se o centro das atenções — Deus sabe que é a mais fácil de manipular. A loira é muito inteligente, a morena é uma harpia e a outra é muito jovem. Entretanto, conformo-me com esta. Será todo um prazer tê-la debaixo de mim.

Outras gargalhadas ressoaram no lugar e Rubi chegou à conclusão de que se não fosse logo dali explodiria. Entretanto, seu orgulho a impedia de ir sem ao menos lançar um ataque, mesmo que fosse pequeno. Depois, durante a proposta de casamento, o colocaria em seu lugar.

— Ora, milorde, vejo que tem uma opinião muito alta de si

mesmo — sua voz ecoou na multidão que agora olhava para ela. — Muito alta diria eu, ao menos para alguém com uma constituição esquelética e uma perna ruim. Não acredito que possa agradar uma mulher assim — o olhou de cima a baixo para enfatizar o dito e pediu mentalmente perdão a Deus pela ofensa que suas palavras supunham a todas as pessoas que sofriam de alguma incapacidade e que eram melhores que aquele animal. Deus devia saber que ela só queria se vingar. — Não acredito que sua esposa tarde muito em procurar um amante.

As gargalhadas encheram novamente o salão e Rubi viu com satisfação como Anderson avermelhou de raiva. *"Bom, para que veja o que se sente ser objeto de zombaria"*, pensou.

— Cadela! — Gritou-lhe. — Agora mesmo posso te demonstrar do que sou capaz.

Ela não se deixou intimidar nem pelo insulto, nem pela ameaça; em troca, sorriu e falou com voz segura.

— Não, obrigada, valorizo muito meu tempo para perdê-lo em coisas imprestáveis.

Entre as risadas da multidão, Rubi girou sobre seus calcanhares e saiu com pose orgulhosa do salão, sem prestar atenção ao olhar de predador que a seguiu até que desapareceu.

Rubi estava mais que colérica naquele momento. Embora se achasse satisfeita com o resultado da pequena disputa, não era suficiente para satisfazer a necessidade de vingança que bulia em seu interior. Fora humilhada publicamente e falaram dela como se não valesse mais que um objeto. Isso não ia ficar

assim, por Deus que não ia ficar assim. Vingar-se-ia, de alguma forma faria com que sentisse o mesmo que ela, talvez não pudesse fazê-lo de forma pública ou não se atreveria a tanto, mas se vingaria de qualquer modo.

Como se enganara tanto? De verdade esteve a ponto de aceitar a proposta de matrimônio dessa imitação de homem? Agradecia ter aberto os olhos a tempo, tremia só de pensar no que teria sido sua vida caso se convertesse em sua esposa.

Tomou uma taça da bandeja de um garçom que passava por ali e deixou que o forte líquido lhe queimasse a garganta.

Ainda não podia acreditar que sua intuição fosse tão má. Só havia considerado aceitáveis dois homens em suas duas temporadas, e com os dois se equivocou de forma horrível. Entretanto, este equívoco era bastante pior que o anterior. O conde não só não era um cavalheiro aceitável, mas sim para ela não era nem sequer um homem, de fato, agora não o considerava mais que um animal.

Recostou-se em uma das colunas de mármore e olhou o conteúdo de sua taça. Era necessário tranquilizar-se, não podia procurar Topázio até que não o fizesse. Ela notaria imediatamente seu mal estado e iria querer saber o que aconteceu, embora fosse iminente que se inteirasse, Rubi preferia que acontecesse quando já estivessem longe daquele lugar.

Eram poucas as vezes que Topázio Loughy perdia o controle, sempre estava acostumada a comportar-se ante todos com uma fria indiferença que dificilmente se alterava, mas quando o fazia não se esperava nada bom para os que estavam

ao redor. Muitos a consideravam uma mulher fria e insensível e, em certa parte era, mas Rubi a conhecia desde seu nascimento e sabia que, ao menos quando se tratava de sua família, não o era. Por isso tinha plena segurança de que quando soubesse de todos os detalhes, porque de algum jeito conseguiria tirar-lhe, não levaria bem e todos sabiam que o mau humor de Topázio Loughy era legendário, e tão mortal como podia ser sua língua. Não lhe importaria montar um escândalo onde fizesse uso de algum daqueles famosos talentos, mas a Rubi importaria, por isso preferia que tudo se mantivesse em segredo, na medida do possível, ao menos até que estivessem a uns quilômetros de distância e fosse impossível voltar atrás.

Deteve um criado, agarrou outra taça e tomou. Ao ver que não acalmava sua raiva, voltou a fazer o mesmo, mas o licor parecia um remédio inútil. Por sua mente não deixavam de passar cada um dos insultos dirigidos à sua pessoa, desde pouco inteligente até não ser excepcionalmente formosa, e só de pensar a raiva aumentava. Quem ele acreditava que era?

Só depois da quarta taça começou a sentir-se melhor e isso porque seu cérebro já não podia pensar com clareza e se achava um pouco enjoada. Pelo visto, exagerou nas taças, o melhor seria ir embora.

— Devo admitir que sua atuação foi esplêndida, e admiro sua capacidade em dar seu castigo só com umas palavras. Você é uma mulher excepcional e me pergunto o que faz uma joia como você sem companhia?

Ela virou para enfrentar o homem que se aproximou em

algum momento enquanto estava imersa em suas reflexões.

Apesar da máscara negra que ocultava o rosto do recém-chegado e da nuvem de álcool que empanava a mente de Rubi, ela não teve dificuldade em reconhecê-lo. Aquela voz era, nada mais nada menos, que do primeiro homem pelo qual se decepcionou, o marquês de Aberdeen.

Capítulo 2

Damián observou com interesse a mulher que estava à sua frente e compôs um de seus velhos sorrisos sedutores. A dama chamara sua atenção no mesmo instante em que entrou no salão, mas captou todo seu interesse quando, com um engenho inegável, pôs em seu lugar o canalha do Hereford. Deus sabia que estivera a ponto de fazer o mesmo, só que ele não teria utilizado precisamente o mesmo engenho. A maneira com que se referiu, em frente a todo mundo, à senhorita Rubi Loughy foi desprezível e, embora fosse certo que não sentia o maior dos afetos pela jovem, nenhuma mulher merecia que falassem dela dessa forma, por isso recebeu com agrado a lição que lhe deu a mulher. Não deixava de o surpreender sua audácia e astúcia ao atacar justo o ponto mais fraco de um homem: seu orgulho. Devido a isto propôs-se saber mais dela.

— Só lhe disse o que merecia — Rubi respondeu — e sobre o porquê estou sozinha, possivelmente quero estar, de fato, já estava indo embora.

Virou-se, mas ao fazê-lo cambaleou e Damián se deu conta de que era possível que tivesse bebido algumas taças a mais.

— Mas a noite ainda é jovem — disse.

Ele não tinha estado com uma mulher há algum tempo.

Desde que retornou da guerra nenhuma parecia o atrair o suficiente para despertar seus mais baixos instintos até que a viu. O vestido vermelho paixão deixava entrever o corpo de uma deusa grega, além de uns generosos seios que seriam a fantasia de qualquer homem. Seus olhos eram de cor avelã. Seus lábios carnudos incitavam a serem beijados. Sua pele parecia de marfim e seu cabelo não sabia se era vermelho ou uma cor similar, mas o deixara maravilhado. Devido à máscara que cobria quase todo seu rosto não podia determinar quão belo era, mas algo lhe dizia que era formoso, como toda ela. Deus, Aberdeen decidiu que ao único lugar aonde iria seria a uma das habitações de cima, com ele.

— Não gostaria, é..., de divertir-se um pouco? Conheci poucas mulheres que são belas e inteligentes ao mesmo tempo. Sem dúvida, uma exceção como você deve saber como fazê-lo, e eu seria um imbecil se a deixasse partir.

Rubi observou então com determinação o homem que estava à sua frente. Não havia dúvida de que o marquês era um homem muito bonito. Possuía o cabelo castanho escuro e os olhos marrons. Sua mandíbula era firme e seus traços talvez fossem um pouco duros, mas isso em lugar de diminuir a atração, aumentava. O corpo do homem era musculoso por onde o vissem e sua presença era imponente e um pouco intimidadora, já que media mais de um metro e oitenta. Entendeu por que o consideravam anteriormente um crápula, tinha tudo para sê-lo.

A pergunta formulada demorou um pouco em ser assimilada por seu cérebro. Divertir-se? Não seria má ideia logo

depois do acontecido, entretanto, recordou que não cairia bem e não podia divertir-se com alguém que não gostava, certo? Embora, agora que pensava, não recordava porque não gostava dele. Verdadeiramente devia ter bebido muito, pois demorou um pouco em recordar o motivo de seu desgosto para com ele.

O que ocasionou sua aversão para com Aberdeen aconteceu na temporada passada, sua primeira temporada social. Recordava o dia que o apresentaram. Sua primeira impressão foi a de um homem atormentado, depois de tudo retornara da guerra e as pessoas comentavam que o que se via ali deixava traumatizado a qualquer um, para piorar, o homem retornou e soube que seu irmão morrera e ele era agora o possuidor do título, com muitas responsabilidades ao seu cargo. Entretanto, Rubi pensava que talvez não estivesse atormentado, e sim amargurado. Chegou a essa conclusão depois de ter escutado por acaso uma conversa entre ele e um homem cujo nome não recordava.

— É muito bonita a senhorita Loughy, não acha? — Perguntara o homem que se encontrava com ele

— Qual delas? A duquesa apresentou as três — foi a seca resposta do marquês.

— Sinceramente, as três são tão preciosas como as joias cujos nomes representam, e isso que ainda há uma que não foi apresentada, — sorriu de forma maliciosa — mas neste caso refiro-me à ruiva.

Aberdeen encolheu os ombros.

— Sim, é muito formosa, — admitiu — mas não duvido que ela e suas primas sejam iguais a todas, belas, mas sem um

pingo de cérebro, entretanto, aceitáveis no mercado matrimonial do qual não penso participar até que seja obrigado.

Depois dessas palavras Rubi enfureceu-se ao ponto de precisar fazer uso de toda a sua força de vontade para não revelar sua presença e lhe dizer o que pensava a respeito. Quem ele achava que era para as julgar sem nem sequer as conhecer? Para as tachar com o mesmo padrão que o das demais? O pior de tudo era que não falou apenas dela, mas também de toda sua família e isso para ela era imperdoável. Embora o motivo de sua aversão pudesse soar um tanto ridículo, ela era bastante rancorosa. O que mais se reprovava foi que acreditou que ele era diferente dos outros homens conhecidos na temporada e, em certo ponto, não se enganara. Sim era diferente, era mais insuportável e arrogante que os outros. Desde esse dia não fez nada para ocultar o desgosto que lhe causava sua presença e ele deve ter notado, pois se afastara dela como da peste e era provável que tampouco lhe caísse em graça. No entanto, aí estava, falando com ela e a chamou de inteligente, um tanto irônico considerando a opinião que na verdade tinha dela, claro que ele não podia nem suspeitar quem era na verdade.

— Senhora?

Rubi demorou um momento em dar-se conta de que se referia a ela.

— Sim?

— Perguntei-lhe se não gostaria de passar bem esta noite
— disse em um tom tão sério que ninguém acreditaria que

falava de diversão.

Rubi pensou e só demorou um segundo em decidir-se. Sim, iria se divertir um pouco. Claro, ela era alheia à ideia de diversão do marquês.

— Sim, eu gostaria, mas não com você — negou com a cabeça para enfatizar o dito. O álcool lhe soltou a língua.

Ele arqueou uma sobrancelha e se aproximou lentamente até ficar atrás dela.

— Asseguro-lhe que eu sim sei agradar uma mulher — sussurrou em seu ouvido enquanto acariciava com os dedos a união entre o pescoço e o ombro.

Rubi se perdeu um momento na maré de sensações que a assaltaram. Sentia a suave e quente respiração atrás de sua orelha. A gema dos dedos que acariciava seu ombro lhe produzia uma cálida e agradável sensação em todo o corpo que não havia sentido antes, como se sua pele fosse muito sensível ao contato.

Entre o álcool e as novas sensações que percorriam sua pele pelas simples carícias, Rubi demorou um pouco em entender o verdadeiro significado de suas palavras. Acaso acabava de lhe fazer uma proposta indecorosa? Considerando o lugar onde se encontrava, não deveria estranhar, todos ali estavam em posições mais comprometedoras que a sua. Entretanto, devia recordar-se que ela era uma dama e aquela insinuação era o que necessitava para saber que devia afastar-se dali imediatamente. Então por que seu corpo se negava sequer a dar um passo para longe dele? O álcool, sem dúvida era o álcool que a fazia sentir-se assim. Não voltaria a beber

nunca mais, embora as sensações que lhe provocavam os dedos de Aberdeen fossem muito agradáveis, não eram adequadas.

Decidida, virou disposta a dizer ao homem que partia, mas antes que alguma palavra saísse de sua boca viu-se com os lábios dele sobre os seus, então não soube se a surpresa não a deixou reagir ou não quis reagir mesmo.

O beijo estava carregado de paixão, mas ao mesmo tempo era suave. Quando a língua do homem se introduziu em sua boca, uma advertência começou a formar-se na mente de Rubi, mas esta morreu assim que seu corpo começou a arder em umas chamas que, tinha a certeza, qualquer toque avivaria.

Em um mar de sensações, claudicou e pousou com relutância as mãos em seus ombros desejando sentir seu contato. O que importavam um par de beijos? Merecia um pouco de desfrute depois do que acabava de passar. Sua reputação se encontrava a salvo ali, e não só pela máscara que protegia seu rosto, mas sim porque todos os outros estavam absortos em seus próprios assuntos e muitos eram iguais aos deles, então o que importava? O momento era muito maravilhoso para desperdiçá-lo, não importava que um homem que não gostava o proporcionasse.

Soltou um pequeno gemido de protesto quando seus lábios se separaram dos seus, mas logo a mão dele rodeou intimamente sua cintura, quase roçando seu seio, então viu-se desejando seu contato outra vez.

— Aonde vamos? — Perguntou quando percebeu que se moviam.

— A um lugar onde estaremos mais cômodos — lhe sussurrou ao ouvido.

Deixou-se levar, já que sua nublada mente não foi capaz de entrever o perigo da situação. O que de pior podia acontecer?

* * *

— Acredito que ganhei de novo.

Uns murmúrios de protesto se ouviram entre a multidão enquanto Topázio sorria satisfeita.

— A única coisa que ganhará será uma boa reprimenda se não formos imediatamente daqui — escutou que lhe murmurava uma tediosa voz familiar ao ouvido.

Topázio soltou um imperceptível sopro e virou para ver sua prima.

— O que faz aqui, Safira? — Disse em voz baixa só para seus ouvidos.

— Eu deveria fazer essa pergunta a vocês. Que raios fazem aqui? Têm a mínima ideia ao que se expõem?

Topázio recolheu seus lucros, dedicou um sorriso aos cavalheiros na mesa e logo conduziu sua prima para longe de ouvidos indiscretos.

— Onde está Rubi? — Safira perguntou fulminando a sua prima com seus olhos azuis escuros.

Topázio encolheu descuidadamente os ombros, como se o assunto não lhe importasse muito.

— Procurando Hereford, suponho. Queria comprovar se os rumores são verdadeiros e eu a acompanhei.

— Que amável de sua parte — disse sua prima, sarcástica.
— Me esqueci que quando precisamos de esbanjamento de amabilidade sempre podemos contar contigo.

Topázio sorriu.

— Certamente.

Safira se enfureceu e suas pálidas bochechas, mal cobertas por uma máscara azul escuro, avermelharam.

— Olhe, Topázio, minha paciência não está no mais alto nível neste momento. Melhor irmos procurar Rubi para sair daqui antes que alguém nos reconheça — seu tom voltava a ser calmo graças ao seu grande autocontrole.

— Duvido que alguém o faça — Topázio disse repassando Safira de cima a baixo. — Devo admitir que sua máscara é muito bonita, com certeza tirou-a do último baile de máscaras da Rowena, mas o vestido... — negou com a cabeça em sinal de reprovação ante o vestido branco — é muito recatado, muito para este tipo de lugar, isso sim chamará a atenção.

— Então é melhor nos apressarmos a procurar Rubi para sairmos daqui.

* * *

Rubi descobriu o que de pior podia acontecer quando se encontrou em um dos quartos de cima do clube. Não era necessário ser um gênio nem estar sóbrio para saber que eram destinadas aos encontros amorosos clandestinos.

— Isto não está certo — disse quando viu que ele fechava a porta.

Os efeitos do beijo apaixonado ainda percorriam seu

corpo, mas isso não podia estar certo. Olhou a habitação iluminada de forma tênue por umas poucas lamparinas a gás. Não podia distinguir com clareza os detalhes, mas pôde perceber a elegante cama no centro que parecia esperá-los. Precisava sair dali.

— Não vejo nada de errado, ficaremos melhor aqui.

Damián deveria ter vergonha de seduzir uma mulher bêbada que não estava especialmente muito disposta a ser seduzida, mas desde que a viu desejou-a e não recordava ter desejado uma mulher assim desde que retornou de Waterloo. Todo o vivido ali o havia marcado: as privações, as mortes iminentes, o massacre por todos os lados, a destruição, tudo isso lhe mudara a vida de forma irremediável.

Não permitiu que os feios pensamentos lhe arruinassem a noite e se aproximou da mulher disposto a terminar o que começara. Ela retrocedeu e olhou a porta como considerando suas opções de sair, mas Damián não estava disposto a deixá-la escapar. Ela o desejava, o deixou claro quando respondeu ao seu beijo com paixão, e uma noite cheia desta era o que necessitava para esquecer-se dos problemas que supunha a vida cotidiana. Além disso, se isso não era o que procurava, o que fazia ali, então? A menos que fosse uma aficionada ao jogo, não havia outra razão factível para que se encontrasse em um lugar daqueles.

Quando a alcançou rodeou-a com seus braços. Rubi começou a ver a batalha perdida quando seus lábios roçaram os dela, primeiro em uma terna carícia e logo em algo mais profundo e excitante.

Uma parte de seu cérebro, ainda um pouco consciente do que acontecia, advertiu que isso não estava certo e tentou lhe recordar que era com Aberdeen que se encontrava e que, mesmo que não fosse Aberdeen, isso não estava certo! Uma senhorita decente não devia estar naquela situação, nem naquele lugar, em realidade E, agora que começava a enumerar, tampouco deveria estar gozando daquela agradável sensação, mas Deus, se sentia bem. Então pouco a pouco foi desprezando o protesto que sua nublada mente tentava lhe fazer chegar e começou a desfrutar do momento. O que de pior podia acontecer? Bem que sabia, mas ignorou aquela ameaça no momento. Ela não permitiria que isso chegasse mais longe, só desfrutaria ao máximo da excitante sensação de estar junto a ele, do agradável que eram seus beijos. Só chegariam até aí, disse-se, só um par de beijos.

Soltou um gemido quando sentiu que uma de suas mãos acariciava seu seio através do tecido do corpete. O contato enviou uma nova quebra de onda de prazer ao seu corpo e logo foi consciente do momento em que abriu os botões na parte de trás de seu vestido e, posteriormente, os laços do espartilho, fazendo com que ficasse só de regata e anágua ao cair ambos ao chão. Sentia-se enjoada e não soube se era pelo álcool ou pelas ondas de prazer que percorriam seu corpo. Embora isso não fosse correto, algo dentro de si se negava a abandonar a deliciosa sensação que lhe produziam as mãos dele sobre seus, agora, sensíveis mamilos e seus lábios que percorriam nesse momento seu pescoço, detendo-se onde pulsava o sangue e acariciando com sua língua aquele lugar vulnerável. Rubi

enredou as mãos em seu cabelo e jogou a cabeça para trás para lhe facilitar o acesso ao seu pescoço.

Em poucos segundos, ou minutos, não sabia, se encontrava nua em frente a ele, só soube que teve um pouco de sentido comum para impedir que lhe tirasse a máscara, mas não o suficiente para evitar que a deitasse na cama e a deixasse perdida em muitas sensações.

Seus neurônios tentaram enviar desesperadamente a informação de que devia sair dali, mas seu corpo se negou a reagir. Em troca, ficou olhando embevecida e presa de curiosidade como Aberdeen se desfazia de seu colete, logo de sua camisa e por último de suas calças.

Vê-lo nu, com um torso firme marcado por uma cicatriz de guerra, com suas pernas musculosas e sua virilidade, que fez com que sua pele ficasse tão vermelha como um verdadeiro rubi fez alarme em seu cérebro e conseguiu que parte do sentido racional atravessasse não só a nuvem de álcool, mas também a de excitação que a rodeava, fazendo-a consciente do que na verdade estava a ponto de fazer.

Levantou-se um pouco na cama com uma força de vontade surpreendente, colocou as mãos nas têmporas e as massageou como se assim pudesse entender tudo melhor. Tinha que deter isso, era necessário que fizesse antes que perdesse por completo a prudência. Com essa determinação fez um último intento de parar o que seu corpo tanto desejava, mas que era de tudo incorreto.

— Isto não está certo, devemos...

Antes que pudesse terminar Aberdeen se colocou em cima

dela, sossegando qualquer protesto com sua boca.

Rubi soube nesse momento que havia perdido a batalha.

Enredou uma mão em seu cabelo e com a outra se dedicou a explorar o duro torso. Não protestou quando sentiu que lhe abria as pernas, algo dentro dela o desejava, algo desconhecido dentro de si lhe exigia algo mais, não sabia o que, só sabia que necessitava.

Esticou-se quando sentiu a invasão de seu membro em sua entrada. Uma dor aguda lhe percorreu o corpo e se manteve por uns segundos até que foi diminuindo e deu passo a uma agradável sensação, a de tê-lo dentro dela.

Abriu os olhos que até então estavam fechados e observou, apesar da pouca luz e da máscara negra que ainda cobria seu rosto, como os olhos marrons dele se abriam em um indiscutível gesto de surpresa. Ficou quieto e com a respiração agitada parecia debater-se em um assunto muito importante.

O corpo de Rubi se negou a esperar que resolvesse, ela desejava algo desconhecido e queria conhecê-lo.

— Por favor — rogou sem saber muito bem o que pedia.

Ele sim pareceu sabê-lo, e soltando um pequeno grunhido de redenção começou a mover-se, primeiro lento e logo mais rápido. Ela tentou seguir seus movimentos até que o prazer foi crescendo e alcançou logo seu topo mais alto e sentiu então como explodiu em mil pedaços. Ele investiu umas vezes mais e saiu dela no momento em que encontrou sua liberação.

Damián se separou de seu corpo e se recostou ao seu lado com a respiração agitada e as mãos na cabeça.

Logo as respirações de ambos foram se normalizando.

Rubi sentia muita vontade de dormir, mas a lembrança do recém-acontecido a atravessou de repente e fez com que qualquer rastro de sono e inclusive de embriaguez desaparecesse de sua mente imediatamente. A realidade começou a envolvê-la e se levantou bruscamente na cama.

Deus, o que havia feito?

Capítulo 3

Rubi agarrou os lençóis para cobrir-se e desceu o mais rápido que pôde da cama, enquanto se repreendia uma e outra vez pela estupidez que acabava de cometer. Tornou-se louca, completamente louca, tão louca que deveriam interná-la em Bedlam.

Todo o álcool pareceu haver se esfumado de sua mente e a realidade cobrava vida cada vez mais. Não, na verdade não podia haver se deitado com Aberdeen, não podia haver se deitado com ninguém! Era sério, perdera sua virtude essa noite? De verdade se deixou seduzir daquela maneira até o ponto de ter perdido todo rastro de sentido comum?

Um tanto enjoada procurou com o olhar sua roupa até que a viu em uma pilha no centro da habitação. Ignorando a dor entre suas pernas e sua nudez, aproximou-se rapidamente dos objetos e começou a vestir-se ignorando a outra presença no quarto, sua mente se achava nesse momento no recém acontecido e nas possíveis consequências. Estava arruinada! Não poderia se casar nunca. E não que o assunto pudesse sair à luz: ainda usava a bendita máscara, um pouco torcida, e não tinha ideia de como ainda seguia ali, mas a usava, também a habitação se encontrava muito escura para que o homem pudesse vê-la com exatidão. Não havia nenhuma probabilidade

de escândalo. Não, o assunto consistia em que sua própria consciência a impediria de aceitar qualquer proposta de casamento sabendo que a outra pessoa ignorava que sua virtude não seguia intacta. Então, se chegasse a revelar a alguém e este não guardasse segredo, estaria arruinada. A quem enganava? Já estava arruinada.

— Quem entrará? — Damián perguntou interrompendo seus pensamentos.

Rubi virou para ele com cara de alguém que acabava de recordar que não estava sozinha no quarto. Tentou ajustar seus olhos à penumbra do lugar para vê-lo.

— O quê?

— Acaso não entrará alguém me acusando de ter roubado sua virtude e me obrigando a contrair matrimônio?

Se não estivesse tão furiosa com ele pela sedução e com ela mesma por haver se deixado seduzir, teria rido pelo absurdo da pergunta.

— Ao menos que seja uma nova moda, duvido que um clube de má reputação seja o lugar idôneo para estender uma armadilha matrimonial. Não se preocupe, sua solteirice está a salvo — disse com desdém.

“Além do mais, se alguém tivesse desejado entrar, o teria feito antes que as coisas chegassem tão longe”, disse para si mesma.

“Não pode ser, não pode ser”, repetia-se enquanto lutava com os laços do espartilho, que não pôde ajustar bem, mas serviria.

— Quem é você? — Perguntou-lhe.

— Uma pessoa que prefere manter sua identidade em segredo.

— O que fazia uma jovem virtuosa em um lugar como este? — Perguntou sem disfarces.

Rubi o fulminou com o olhar, odiando-o nesse momento muito mais que antes. Ao menos agora possuía uma razão válida para fazê-lo.

— O que eu fazia aqui não é da sua incumbência, milorde.

— Sabe quem sou?

— Sim — não valia a pena ocultá-lo.

— Não lhe parece justo que eu também saiba quem é você?

— Não!

Terminou a impossível tarefa de abotoar o vestido e tocou seu cabelo. Várias das forquilhas saíram de seu lugar e seria impossível arrumá-lo, por isso o soltou todo e o segurou em uma cauda com uma de suas próprias mechas. Teria que dar muitas explicações.

Virou para Aberdeen, que seguia meio recostado na cama em uma posição relaxada. Claro, a vida era tão singela para os homens, ele não perdeu nada.

— Você nunca me conheceu, — disse-lhe — nada disto aconteceu.

Ele não mudou sua expressão quando respondeu.

— Visto que desconheço seu nome, não, não a conheço, mas sobre fingir que nada aconteceu... — negou com a cabeça — vejo-o impossível, querida, foi uma noite maravilhosa.

Se tivesse tido algo à mão teria jogado nele.

— Cale-se! — Ordenou-lhe negando-se a pensar no ocorrido.

Sem dizer nada abriu a porta e saiu a toda pressa dali.

Damián observou o lugar por onde escapara a mulher ainda aniquilado pelo acontecido, se deitou com uma virgem! Não importava o quanto ele repetisse, não podia acreditar, mesmo que sua consciência o deixasse bastante ciente, pois não deixava de lhe reprovar. Repetiu-se várias vezes que não era culpa dele, ele não sabia que ela era uma garota inocente, e ela não deveria estar em um lugar como esse sabendo o que poderia encontrar. Mas uma pequena voz dentro dele lhe recordou que a mulher não estava, no início, muito disposta a ficar com ele no quarto e que ele aproveitara a vantagem de ter algumas bebidas em cima para seduzi-la. Mas, pelo amor de Deus, como ele poderia saber que ela era virgem? Suas tentativas de proteger sua virtude também não foram muito grandes. No entanto, ele não havia deixado muitas oportunidades para queixar-se...

Golpeou a cama com o punho para desafogar sua frustração e começou a vestir-se.

A roupa da mulher, seu porte e sua forma de falar delatavam seu bom berço. Estaria em um sério problema se isso fosse descoberto, embora pela maneira em que lhe assegurara que sua solteirice seguiria intacta e a forma com que se negou a lhe dizer seu nome, dava a entender que ela não estava com muita vontade de ser descoberta, e ele não tinha dúvidas do por que. Se tudo isso se tornasse um assunto público ele não seria o vilão da história, pois o que fazia uma

mulher decente em um lugar como aquele? Qualquer senhorita aceitável teria que estar mal de sua cabeça para aparecer por ali.

Pensou que, possivelmente, se estivesse mal da cabeça ou fosse uma rebelde sem cura — em qualquer dos dois casos — não teria responsabilidade alguma. Como já havia dito, ele não seria o vilão da história, então por que raios seguia com a consciência pesada? Pensou que o fato de que ela parecesse tão arrependida do acontecido não ajudava muito.

Disse-se que sua sorte era invejável. Não esteve com uma mulher em meses e a primeira que lhe interessou resultou ser virgem. E para piorar, passara uma das melhores noites de sua vida com ela, mal pôde conter-se para sair a tempo e não a deixar grávida. Ao menos havia esse consolo, não a deixara com seu filho no ventre, mas sabê-lo não lhe servia de muito.

A encontraria, jurou. Não sabia como, mas o faria, e quando o fizesse se asseguraria de conhecer os motivos que a levaram àquele lugar e, por fim, à sua cama. Quando soubesse decidiria se era necessário reparar o dano ou não.

Atravessou a habitação para sair, mas a meio caminho vislumbrou entre a penumbra um brilho no chão da habitação. Aproximou-se para ver melhor e viu que o que brilhava era um rubi. Um rubi encravado em um anel de ouro se encontrava caído no chão, no lugar exato onde estivera a roupa da mulher.

Recolheu-o. O rubi possuía uma excepcional forma de coração e algo nele era conhecido. Não podia recordar onde o vira, mas o viu, isso podia assegurar.

O guardou no bolso do colete e saiu com a segurança de

que essa misteriosa joia o ajudaria a encontrar a mulher.

* * *

Uma vez no salão, Rubi se dispôs a procurar Topázio com o olhar. Acabava de decidir que ninguém, e isso incluía a sua irmã e as suas primas, saberia do acontecido. Não importava quantas mentiras tivesse que dizer para isso, ninguém saberia.

Ainda não podia acreditar no que ocorrera. Cada vez que recordava convencia-se mais de que perdera a cabeça e que deveria estar internada em um centro para doentes mentais.

Localizou o vestido de Topázio a uns poucos metros e se dispôs a ir atrás dela.

No caminho repassou mentalmente as possíveis mentiras que diria em resposta às possíveis perguntas que formularia Topázio ao vê-la. Odiava mentir, e não podia dizer-se que o fizesse muito bem, mas neste caso não ficava outro jeito e teria que fazer o possível para soar convincente ou a atormentaria até que confessasse tudo.

Quando a alcançou as desculpas se esfumaram por um momento de sua mente ao ver que sua prima já não estava sozinha.

— O que faz aqui? — Perguntou com tom acusador a Safira.

Delas três, Safira era a que melhor se adaptava à sociedade. Possuía uma beleza tão encantadora como as demais. Seu cabelo loiro, suas feições delicadas e os olhos tão azuis como o céu da noite vinham atraindo desde a temporada passada um sem-fim de cavalheiros que disputavam sua mão.

Era a mais capacitada para converter-se em uma boa esposa. Sabia tudo o que uma dama deveria saber e, em poucas palavras, só se poderia descrever como perfeita, sendo seu único defeito, ao menos para a mente masculina, sua inteligência. Tinha uma inteligência aguda. Era capaz de resolver grandes equações matemáticas, possuía um impressionante conhecimento de história, falava grego, latim, francês, italiano e alemão à perfeição e sobretudo, ela sim saberia distinguir um desgraçado caçador de dotes de um verdadeiro cavalheiro. Sim, era perfeita, mas também era uma desmancha-prazeres, não era capaz de fazer, ao menos por iniciativa própria, algo que se considerasse socialmente incorreto, portanto Rubi esperava um bom sermão de sua parte nesse momento.

— Veio nos tirar a diversão — Topázio respondeu ainda pensando em quão bem esteve passando na mesa de jogo.

Safira entrecerrou os olhos e olhou alternadamente às suas primas, com a raiva presente em suas pupilas.

— São as duas umas mal-agraçadas, — reprovou cruzando os braços — vim aqui para evitar que se vissem envolvidas em um escândalo e só recebo em troca reprovação. A pergunta correta seria, *“querida prima, onde raios você se encontrava?”*

Rubi mordeu o lábio como fazia quando estava nervosa e logo olhou suas primas. Safira se achava, como em poucas ocasiões, bastante furiosa e Topázio... Topázio a examinava meticulosamente detendo-se em seu cabelo. Era óbvio que notara a mudança de penteado. Rubi só pôde agradecer que

não mencionasse o assunto.

— Eu... eu procurava Topázio.

Safira entreabriu os olhos e a olhou como se estivesse determinando se era verdade o que dizia.

— Procuramos por todo este clube ao menos três quartos de hora, percorremos ele todo duas vezes, como é que então não demos contigo?

— O clube é muito grande, eu podia estar por um lado enquanto vocês estavam por outro.

Sua mente apresentava dificuldades para dar respostas claras, depois de tudo, o álcool não desaparecera por completo e isso devia perceber-se em sua voz porque Safira perguntou:

— Esteve bebendo?

— Só uma taça — multiplicada por quatro.

Safira soprou, olhou-a com dúvida, mas não contestou mais e se limitou a dizer:

— Saíamos daqui.

Cinco minutos depois Safira dispensou o veículo de aluguel que havia tomado para as seguir e entrou com elas na carruagem.

Durante todo o caminho Rubi não foi consciente de nada que não fossem seus pensamentos. Seguia sem poder compreender como se permitiu chegar tão longe, mas sobretudo não entendia sua forma de responder ante cada toque e cada beijo de Aberdeen. Não se explicava o prazer delicioso que obteve em seus braços e isso a assustava mais que o fato de ter perdido sua virtude.

Quando chegaram à sua residência em Mayfair cuidaram

de abrir a porta com o maior sigilo possível, precavendo-se sempre de não serem observadas. Entraram e tiraram os calçados para fazer o menor ruído na hora de dirigirem-se às suas habitações. Entretanto, logo que haviam cruzado parte do vestíbulo escutou-se o estalo de um fósforo e imediatamente depois o escuro vestíbulo foi iluminado pelo resplendor de uma vela.

Capítulo 4

Temerosas do que encontrariam ou, melhor dizendo, de quem encontrariam, as Loughy viraram para onde provinha a luz da vela.

Os suspiros de alívio foram tão evidentes que o causador do susto quase pôs-se a rir.

— Que raios faz acordado a esta hora, James? — Topázio sussurrou em tom de recriminação.

James levantou uma sobrancelha ante a pergunta e uma das comissuras de seus lábios se torceu em um gesto de zombaria.

— Acredito que deveria ser eu quem formulasse essa pergunta, ou melhor, deveria perguntar de onde vêm?

— Eu perguntei primeiro — Topázio disse.

Ele sorriu de forma travessa.

James era o irmão de William e o futuro duque de Richmond, se não houvesse, como até agora, herdeiros. Sua aparência era típica de um aristocrata inglês, loiro e de olhos azuis claros. O que o diferenciava dos outros era ser um pouco mais alto que o comum, media aproximadamente um metro e oitenta, também era mais forte que os outros aristocratas. Possuía músculos bem definidos graças às aulas de boxe e poderia se dizer que era bastante bonito. Possuía um senso de

humor excepcional. Mantinha diversos negócios apesar de só contar com vinte e quatro anos, pois, embora as coisas se viam a seu favor, ele não contava com o título no futuro. Guardava, igual a todos, a esperança de que Rowena concebesse um filho, embora já estivesse em seus trinta e oito anos. Em resumo, James era tudo o que uma dama desejaria: bonito, rico, com conexões e, como a cereja do bolo, uma boa pessoa. Seu único defeito era ser um mulherengo e sedutor contumaz, e não mostrar muita vontade de mudar.

— Retornava do baile de máscaras do *Pleasure Club* quando me topei, a caminho da minha habitação, com um duende que passeava pelo corredor preocupado por onde estariam suas primas e sua irmã.

Ouviu-se um golpe surdo, como de pele contra pele.

— Eu não sou nenhum duende — disse uma voz feminina um pouco aguda, mas em tom baixo.

James virou a cabeça e enfrentou com um sorriso os formosos olhos verdes que o fulminavam.

— Mas tem a estatura de um.

Outro golpe surdo.

James apagou o sorriso do rosto e fulminou, por sua vez, a garota com o olhar.

— Já é o suficiente. Para ser tão pequena tem a mão bastante pesada.

— Baixem a voz, — Safira ordenou — podem despertar alguém, e você, Esmeralda, — disse olhando a garota — o que faz acordada a esta hora?

— Vi-as sair pela janela e me perguntei aonde iam — a

jovem respondeu. — Quando o tempo passou e não retornaram comecei a me preocupar e, para me acalmar, decidi passear pelos corredores, onde encontrei James, e como estava tão nervosa não restou outra coisa que lhe contar o que vi — seus olhos verdes a olhavam pedindo desculpa.

Esmeralda Loughy, de dezesseis anos, era a irmã mais nova de Rubi, e em certa forma, a antítese dela, tanto no aspecto físico como na atitude. Assim como Rubi herdara o aspecto de sua mãe, Esmeralda o herdou de seu pai. Tinha o cabelo loiro como Safira e uns formosos olhos verdes que faziam honra ao seu nome. Era fanática pelas novelas românticas e sonhadora até dizer basta. Estava claro que quando chegasse o momento de casar-se faria única e exclusivamente com aquele homem que lhe fizesse sentir mariposas no estômago. Rubi só podia esperar que não se visse logo decepcionada, embora soubesse que poderia haver casamentos por amor, como o de seus pais, por exemplo, também sabia que eram muito pouco comuns. Encontrar o amor verdadeiro entre tanta gente hipócrita se tornava toda uma provocação e a determinação de Esmeralda podia não ser suficiente. Rubi amava muito a sua irmã e havia tentado lhe fazer ver que nem sempre se encontrava o amor, mas sua irmã era teimosa, e seus ideais românticos eram tais que até sua instrutora, a paciente senhorita Smith, que tantos anos aguentara as indomáveis Loughy, renunciou afirmando que Esmeralda era um caso perdido e que nunca se casaria se não mudasse sua forma de pensar. Rubi suspeitava que a razão da renúncia fosse o fato de já não aguentar mais as Loughy, do

que a veia romântica de sua irmã, mas esse não era o caso. O caso era que lhe preocupava sobremaneira sua irmã, mas sabedora de que não podia fazer mais do que fizera, só restava rezar para que Esmeralda não saísse com suas ilusões quebradas em sua primeira temporada.

— Isso me recorda — James comentou — que acabo de responder a sua pergunta e ainda estou esperando a sua resposta — cruzou os braços tentando dar uma imagem de autoridade.

Nenhuma das Loughy se deixou intimidar, nem tampouco responderam, já que não contavam com uma boa desculpa para dar.

— Sabem, é curioso, — James continuou — quando estava no baile de máscaras me pareceu ter visto uns vestidos idênticos aos seus que recordaram a uns que vi em Rowena.

Tampouco responderam, não havia nada a dizer.

— E... bem? — Apressou-as ao ver que nenhuma falava.
— Vão explicar o que faziam lá?

— O mesmo que você, é óbvio, — Topázio respondeu tranquilamente enquanto um sorriso se formava em seus lábios — nos divertindo, de fato ganhei uma pequena fortuna nas cartas.

James abandonou seu semblante sério e mostrou um de seus conhecidos sorrisos.

— Querida, acredito que sua ideia de diversão difere muito da minha, me acredite, não estávamos fazendo o mesmo.

As outras Loughy se ruborizaram, embora não fosse visível na escuridão, e Topázio apagou o sorriso e fulminou James

com o olhar.

Rubi pensou com amargura que sua ideia de diversão devia ser mesma que a de Aberdeen. Como desejava subir à sua habitação e ficar ali, para sempre preferivelmente, mas não podia fazê-lo até acabar com o absurdo interrogatório.

— Fui comprovar se os rumores sobre Hereford são verdadeiros — soltou. — Topázio me acompanhou e Safira nos seguiu. Contentes?

— Poderia ter me pedido que o averiguasse — James sugeriu.

— Prefiri descobri-lo por mim mesma.

E descobrira.

— E eram verdadeiros? — Perguntou curioso.

Como resposta Rubi virou e se dirigiu para sua habitação sem dizer uma palavra. Isso foi suficiente resposta para todos.

Rubi caminhou o mais rápido possível para seu quarto e teve que conter-se para não fechar com uma pancada.

Só recordar o acontecimento dessa noite a fazia arder de fúria e não se referia precisamente ao ocorrido com Hereford, e sim ao que isso produziu.

A cabeça dava voltas, começou a tirar com muita dificuldade o vestido enquanto se repetia uma e outra vez o quanto foi estúpida. Quão rápido havia sucumbido e, o pior de tudo, o muito que gostara. Recordá-lo não só a fazia ter raiva, mas conseguia que um calor se estendesse por todo seu corpo. Rememorar seus beijos sobre sua pele e suas mãos sobre ela fazia com que estremecesse e... e o que estava pensando!? Era com Aberdeen com quem estivera! Aberdeen! O homem que lhe

declarou guerra no instante em que a julgou sem conhecê-la. O homem... o homem que a fez sentir-se mulher. Nem jogando a culpa ao álcool podia negar.

Frustrada consigo mesma chutou o chão como uma menina birrenta e terminou de tirar o vestido. Foi então quando se deu conta de que seu anel não estava no corpete, onde o guardara. Certamente caiu quando se despiu e se esqueceu dele. Não, não! Isso era o que lhe faltava para acabar a noite mais desastrosa de sua vida: perder a única lembrança que possuía de seus pais. Aquele anel era especial, todas possuíam um e sempre o levavam consigo como se se tratasse de um amuleto, as fazia sentir-se bem, era como uma parte de seus pais que permanecia junto a elas e o perdera! As coisas não podiam estar se saindo pior.

Colocou a camisola e se meteu na cama, mais aborrecida consigo mesma do que já se encontrava. Logo depois de um momento dando voltas no leito enfim começou a sentir como o cansaço se fazia presente. Estava a ponto de cair nos braços de Morfeu quando a porta de seu quarto se abriu sem prévio aviso.

Rubi afogou um grunhido e fingiu estar adormecida, mas em poucos segundos Topázio a estava sacudindo pelos ombros. Abriu os olhos e levantando-se um pouco, usou o ombro para apoiar sua cabeça e olhou à sua prima.

— Suponho que seria muito esperar que aguardasse até a manhã para iniciar o interrogatório.

— O que aconteceu? — Perguntou deitando-se na cama na mesma posição que ela.

— Descobri que tudo era verdade — confessou.

— E...

Nunca deixaria de admirar aquela capacidade de sua prima para saber quando outra pessoa ocultava algo. Sabendo que era inútil fazê-la desistir do assunto, contou-lhe tudo o que escutou Hereford dizer.

— Oh, querida, — pegou uma mão em gesto de apoio — Hereford é um desgraçado, como se atreve? Isto não pode ficar assim!

— Não me tente, Topázio, a necessidade de vingança é muito grande para ser avivada.

— É que isto merece uma vingança, isso que lhe disse não é nem de longe suficiente, o canalha necessita de uma vingança do mesmo tamanho do que te fez.

— Sabe, uma pessoa normal me aconselharia a deixar as coisas como estão, e afirmaria que a vingança não leva a nada.

— Acaso eu sou uma pessoa normal? — Perguntou arqueando a sobrancelha. — Merece uma vingança, não há mais o que dizer.

— Eu me encarregarei disso — assegurou.

Também se asseguraria de que não pudesse enganar outra ingênua, teria que pensar logo em como faria.

Topázio se conformou com a resposta, mas como Rubi temeu, não deixou passar o outro assunto.

— Pode-se saber onde se enfiou depois disso? E por que seu cabelo já não estava penteado?

Rubi suspirou.

— Depois disso afastei-me um pouco para me acalmar —

ao menos isso não era uma mentira — e sobre o cabelo... um bêbado tropeçou comigo por trás, quase me faz cair e o penteado se arruinou, então decidi soltá-lo e recolhê-lo em uma cauda.

Topázio a olhou por um momento aos olhos, um momento no qual teve que fazer um esforço monumental para não desviar o olhar. Logo sua prima sorriu friamente e Rubi soube que isso não era um bom sinal.

— Querida, nem uma criança acredita nisso, o que aconteceu de verdade? — Sua voz não admitia réplica, mas ela não ia falar.

— Não quero dizer — respondeu cortante.

— Rubi...

— Não vou falar, Topázio, respeita, por favor.

Sua prima a olhou zangada pelo que pareceram anos, logo se levantou da cama e encolhendo os ombros, disse:

— Tenha por certo que saberei — saiu sem dizer nada mais.

Rubi se deitou e suspirou. Depois de uma eternidade conseguiu conciliar o sono, mas a imagem dos lábios de Aberdeen sobre os seus foi a última imagem que passou por sua mente antes de cair rendida.

Capítulo 5

“Comenta-se que certo marquês retornado da guerra voltou para a ativa. Ontem à noite, no famoso baile de máscaras, foi visto em companhia de uma misteriosa dama de cabelos vermelhos e vestido de igual cor. Juntos subiram a uma das habitações, e não acredito que fosse para falar com mais tranquilidade.”

Coluna de fofocas, Comentam por aí.

Quando Topázio advertiu a sua prima que, de uma forma ou outra, se certificaria do acontecido, estava convencida de que o faria, porém nunca acreditou que o faria tão rápido.

Releu outra vez o artigo que estava em suas mãos enquanto levava uma torrada à boca. Tudo era muita coincidência e ela nunca acreditou nelas. Não havia dúvida: Rubi esteve com Aberdeen!

A esta altura de sua vida e vivendo o que viveu, muitas poucas coisas surpreendiam Topázio e essa pertencia, sem dúvida, ao grupo dessas poucas coisas.

Ainda assimilando o lido, Topázio virou-se para ver sua prima que entrava nesse momento.

— Parece que nos levantamos tarde — Rubi comentou ao ver que não havia ninguém mais na mesa do café da manhã.

Se fosse por ela ficaria todo o dia na cama. Estava com

uma dor de cabeça espantosa que deu outro motivo mais para afirmar que não voltaria a tomar uma só gota de álcool em sua vida. Fazê-lo só causava problemas, às vezes, maiores que o imaginado.

— Sim, — Topázio respondeu com tranquilidade lhe estendendo o periódico e lhe assinalando a coluna de intrigas para que a lesse. — Safira, Esmeralda e William devem estar acordados há tempos e Rowena e James devem seguir dormindo.

Soube o momento exato no qual Rubi lera a nota. Ficou pálida e atirou o papel à mesa como se tocá-lo a queimasse.

— E então? — Topázio inquiriu com sua habitual indiferença. — O que tem a dizer em sua defesa?

Rubi pensou que a vida seria formosa se as pessoas não se metessem em assuntos que não lhes diziam respeito. Essa era uma das muitas colunas de intrigas que circulavam pela cidade e ela não podia deixar de admirar a capacidade dessas pessoas para obter informação. Sempre se informavam de tudo aquilo que a sociedade pudesse considerar interessante e publicavam sem nenhum pudor, nunca davam nomes, mas todos deduziam facilmente de quem se falava. Não sabia como faziam, contavam com espiões em todos os lados ou possuíam poderes sobrenaturais, mas não havia nada que lhes escapasse. Por essa coluna em específico ela se informou da situação econômica de Hereford, e agradeceu em seu momento, mas agora era a ela a quem colocavam em um apuro. Fosse qual fosse o escritor, foi muito claro em sua descrição ao dizer a cor de seu cabelo, que não era de todo comum na Inglaterra e

se podia assegurar que era a única ruiva naquela festa. Topázio seguramente sabia. Não fazia nem ideia de como escapar do assunto e sua cabeça não estava com muita vontade de pensar em umas desculpas que certamente seriam imprestáveis, então disse o primeiro que lhe veio à mente.

— Uma coincidência, não acredita? — Comentou fazendo uma careta.

Para Topázio isso bastou como prova.

— Não acredito em coincidências.

Rubi desabou na cadeira e parecia a ponto de chorar.

— Oh, Topázio, ninguém deve saber disto.

Tomou a mão em gesto de apoio.

— Querida, como aconteceu? — Falou com aquele tom doce que só o escutavam uma vez a cada milênio.

Rubi apoiou os cotovelos na mesa e logo segurou a cabeça com as mãos.

— Não sei... eu estava muito aborrecida e comecei a beber, logo apareceu ele e começou a falar... depois me beijou e terminamos lá em cima, — se ruborizou ao dizer — cometi uma estupidez, eu sei.

— Entretanto, não há nada que se possa fazer a respeito — Topázio concluiu com sua normal indiferença. — Me diga, as pessoas... as pessoas costumam dizer que é um amante excepcional, é verdade?

— Topázio! — Exclamou ficando tão vermelha como um tomate. — Isso é um assunto sério.

— Um assunto ao qual já não se pode voltar atrás e que não vale a pena discutir — argumentou. — Pelo menos

desfrutou — ela nunca se lamentava por assuntos que não podiam ser resolvidos.

— Minhas possibilidades de casamento estão arruinadas!
— Vociferou em voz baixa como se sua prima não compreendesse aquele assunto.

Topázio pareceu considerar um momento.

— É verdade que não há muitas ruivas na Inglaterra, mas tampouco é a única, ninguém te relacionará com a nota, nem tem porque fazê-lo. Ante a sociedade não está arruinada.

— Não poderia me casar com alguém lhe fazendo acreditar que sigo intacta, isso seria desonesto, e tampouco poderia confessar a ninguém.

— Então não se case, — sugeriu — não vejo qual é o empenho em tornar-se posse de um homem. Aos vinte e cinco anos o dote que nossos pais nos deixaram passará às nossas mãos, poderemos com isso viver tranquilas pelo resto das nossas vidas.

Rubi negou com a cabeça.

— Quero uma família, Topázio, talvez não tão cedo, mas desejo uma família.

Topázio revirou os olhos ante a declaração.

— Então vá ao Aberdeen, diga que você foi a jovem com quem esteve ontem à noite e lhe exija que se case contigo.

— Está louca! — Exclamou horrorizada. — Jamais faria isso, além disso, não gosto de Aberdeen.

Topázio soltou um sopro pouco feminino, sinal de sua exasperação.

— Deveria recordar isso antes de se deitar com ele —

disse. — Sabe, — levantou-se — encheu-me a paciência, quando souber o que fará diga-me — dito isto saiu da sala de café da manhã.

Só que Rubi não fazia a menor ideia do que faria.

Agarrou o jornal entre suas mãos e o amassou. O queimaria o mais breve possível, não se arriscaria a que James o visse e chegasse às mesmas conclusões que Topázio, ou pior ainda, que Safira soubesse. Rubi podia confiar na descrição de sua prima, mas sabia Deus que o sermão que lhe daria seria mais longo que o de um reverendo em missa de domingo. O melhor era desfazer-se daquele papel, embora James não fosse gostar muito de ficar sem seu periódico quando despertasse.

Levantou-se sem nem sequer comer, a incerteza de seu futuro era suficiente para lhe tirar a fome.

Horas mais tarde Rubi pensava na melhor forma de fazer credível a enfermidade que inventaria para ser dispensada de ir à festa dos Derby, esquecera de que se realizaria essa noite.

Depois de todos os acontecimentos recentes, o que menos sentia vontade era de encontrar-se nessa festa com as duas pessoas que haviam contribuído com seu atual estado de desespero.

Hereford iria, não havia dúvida disso. Que tivesse a certeza de que ela iria bastava para que ele também o fizesse. Com respeito ao Aberdeen..., não tinha a segurança de que ele fosse, mas algo — chamem-no intuição ou conhecimento de sua atual má sorte — dizia-lhe que ele iria e, sinceramente, não fazia ideia de qual dos dois desejava ver menos.

Depois de vários minutos pensando sem obter ideias para

uma boa desculpa, Rubi decidiu que iria e, por mais estranho que soasse, Hereford era a razão. Se desejava acabar já com o assunto devia conseguir sua desforra, devia conseguir já a proposta de matrimônio e disse se asseguraria essa noite.

Decidida, chamou a sua criada para que a ajudasse a vestir-se.

O vestido de tafetá cor-de-rosa era bonito, possuía um decote quadrado recatado adornado com fitas brancas, com renda *Quillings* nas mangas e um laço também branco que lhe rodeava a cintura. Era uma bela criação, não lhe assentava tão bem como o vermelho intenso que usou no baile de máscaras, mas não podia usar outra coisa por sua condição de solteira que, dadas as circunstâncias, seria indefinida.

* * *

Uma vez na mansão dos Derby, Rubi decidiu que se divertiria a todo custo e não deixaria que nada a incomodasse. Aceitou convites para todas as danças até que sua caderneta estivesse quase cheia, embora teve que deixar dois espaços vazios nos quais passaria tempo com Hereford que, pelo problema de sua perna, não podia dançar. Só a ideia de estar com ele a repugnava, mas decidida como estava a lhe causar um pouco de humilhação ao rejeitar sua proposta, conseguiu manter o sorriso e assentir sobre tudo o que dizia. Logo esteve segura de que o mais tardar no dia seguinte teria sua proposta e, portanto, sua desforra.

Já para a metade da festa encontrava-se arrependida de aceitar tantas danças, não aguentava os pés. Decidiu ir em

busca de uma limonada para refrescar-se e foi então que o viu.

Seu instinto não falhara, Aberdeen estava lá e soube, assim que o olhar dele pousou no seu, que deveria ter inventado uma enfermidade.

Capítulo 6

Rubi fez um grande esforço para não desviar a vista do homem que nesse momento a olhava como se quisesse resolver um enigma. “*Não me reconhecerá, é impossível que o faça*”, repetiu-se para tranquilizar-se, mas a cada segundo que aqueles olhos marrons se mantinham em sua pessoa ficava mais nervosa. Então, como uma tábua de salvação, Rowena se aproximou dele com Safira ao seu lado, e seguramente se viu obrigado a pedir-lhe uma dança.

Damián se forçou a prestar atenção à dama com a qual dançava, mas a tarefa era difícil, pois seus pensamentos estavam em outro lugar.

Logo que viu Rubi Loughy seus pensamentos vagaram à misteriosa mulher da noite anterior. Não sabia se era porque sua cor de cabelo era igual ou porque sua silhueta era similar, mas Rubi Loughy lhe recordou imediatamente a dama que, por mais que tentasse, não podia tirar da cabeça, o que era uma estupidez, é claro. Não podia haver mais diferença entre ambas.

A mulher de ontem à noite era inteligente, audaz e irradiava paixão por cada um de seus poros, apesar de não ter conhecido outro homem fora dele. Em troca, a senhorita Loughy era ingênua, demonstrava-o o fato de que estivesse

disposta a casar-se com o conde, apesar dos rumores que corriam dele. Era uma beleza, mas sem muito cérebro, que só procurava um marido.

— Você é uma bailarina esplêndida — disse a Safira Loughy com o fim de manter sua cabeça na Terra.

— Obrigada, milorde, você também é um bailarino excepcional — respondeu cortês, mas sem rubores nem sorrisos tolos.

Das três senhoritas Loughy que estavam nesse momento em sociedade, Safira Loughy era a que considerava mais aceitável. Além de ser formosa, seus olhos deixavam entrever uma inteligência e sensatez sem igual. Era uma dama dos pés à cabeça. Qualquer homem estaria feliz de estar dançando nesse momento com ela. Em troca, ele estava com os pensamentos em uma ruiva a quem sabia, não gostava dele.

Não disse mais nada pelos minutos restantes da dança e só quando a puxou pelo braço para retorná-la para onde estava a duquesa percebeu seu anel.

Um suor frio ameaçou lhe rodar pela testa quando viu a semelhança entre esse e o que agora guardava nas abas do fraque. A única diferença entre ambos era que o que a dama ao seu lado usava possuía uma safira em lugar de um rubi.

— É um formoso anel o que você usa — comentou, temendo para onde o levaria essa conversa.

Safira observou o anel que sobressaía em sua luva branca, sorriu com ternura e um pouco de melancolia, logo o olhou.

— Cada um de nossos pais nos presentearam com a pedra correspondente aos nossos nomes — ela respondeu.

Isso bastou para que o temor de Aberdeen começasse a aflorar, mas ainda assim perguntou:

— Sempre o levam consigo?

— Sempre, jamais tiramos, é como um amuleto.

“Não pode ser, isto não pode ser”, Damián repetiu-se procurando a forma de negar o inegável, de convencer-se de que era impossível o que pensava nesse momento, mas de verdade era? Não acabara mesmo de comparar ambas?

Só havia uma forma de comprovar.

Deixou a senhorita Safira onde a encontrou e se foi em busca de Rubi Loughy, achou-a no mesmo lugar que antes, desta vez acompanhada de Topázio Loughy.

Sem vacilar em nenhum momento dirigiu-se com passo firme para ela, esquivando-se habilmente de todas as pessoas no caminho. Pouco antes de chegar seu olhar se desviou às mãos enluvadas que estavam desprovidas de joias. Isso não era um bom sinal, sobretudo porque Topázio Loughy estava usando seu anel.

Em poucos segundos mais se encontrou em frente a elas, as saudando com uma inclinação de cabeça.

— Senhorita Loughy, me concede a seguinte dança? — Olhou-a nos olhos para que não houvesse dúvida de a qual senhorita Loughy se referia.

Rubi enrugou ligeiramente o cenho em gesto de surpresa e jogou um olhar furtivo à sua prima cujos olhos cinza brilhavam com diversão. A condenada se divertia com a situação incômoda em que se encontrava.

— Temo, milorde, que tenho ocupada todas as danças —

respondeu o mais calma que pôde.

— E esta é minha — interrompeu a voz de lorde Edward, que chegou nesse momento.

Damián não pensava dar-se por vencido.

— Estou seguro de que a senhorita Topázio adoraria dançar com você para compensá-lo.

Lorde Edward pareceu horrorizado e Topázio soltou uma pequena risada musical.

— Não sei como chegou a essa conclusão, milorde, — ela respondeu — asseguro-lhe que não tenho a menor intenção de dançar com ninguém.

Aberdeen lhe dirigiu um olhar pétreo e Rubi agradeceu pela primeira vez a falta de educação de sua prima.

— Já vê, milorde, não posso dançar com você, seria uma completa descortesia com lorde Edward.

— Mas senhorita, — disse em um tom que aparentou ser de pena — vai me negar o privilégio de dançar com você? Estou seguro de que lorde Edward já teve esse prazer, em troca eu não, e hoje, que enfim me decidi a lhe propor uma dança, vai me negar?

— Acredito que posso conceder isso, senhorita, — lorde Edward interveio — por favor, não se preocupe por mim — inclinou a cabeça e se foi.

Rubi quase rangeu os dentes de raiva ao ver que o homem se ia.

— Não dançarei com você — afirmou cortante.

— Eu acredito que fará — respondeu de igual forma e a puxou pelo braço para levá-la à pista.

— Não sabia que a guerra deixava problemas auditivos em seus sobreviventes, — interveio Topázio — acredito que minha prima disse que não quer dançar com você, milorde.

— Ninguém pediu sua opinião... bruxa, — esta última palavra mal foi um sussurro, destinado a ser escutado só por ele, mas Topázio com seu agudo ouvido, ouviu claramente.

Aberdeen arrastou Rubi para a pista sem que ela pudesse fazer nada para liberar-se por medo de um escândalo. Só quando esteve muito longe para ser salva Topázio saiu de seu estado de estupefação e um sorriso incrédulo se formou em seus lábios.

— O que acontece? — Safira perguntou chegando ao seu lado.

— Acredito que gosto de Aberdeen.

* * *

— Na verdade, milorde, não entendo sua insistência nesta dança — Rubi comentou enquanto giravam na pista de baile ao ritmo de uma valsa. Pensou em lhe dizer que não tinha permissão para dançá-la, mas o sorriso de Rowena do outro lado do salão teria desmentido sua afirmação.

Estava nervosa, não podia negar, mas morreria antes de deixá-lo perceber. Sentir suas mãos em seu corpo, embora fosse de maneira formal, não fazia mais que reviver as lembranças que tanto tentava esquecer.

— Me diga, senhorita Loughy, você não usava sempre um anel de rubi? Hoje não o vi e sua prima me assegurou que sempre o levavam consigo.

Rubi esperava não ter empalidecido. Não estava segura do que acontecia, mas estava com um mau pressentimento.

— Não entendo a que vem o interesse no assunto, milorde.

— Acontece que desejo dar de presente à minha irmã um anel de rubi em seu aniversário e pensei que possivelmente podia ver o seu para me dar uma ideia de como mandar fazer o dela.

Rubi não se tranquilizou nada com essa explicação.

— Todos os nossos anéis são iguais, milorde, a única diferença é a pedra, se deseja ver o modelo pode ver o de qualquer uma de nós.

— Mas eu desejo ver o rubi nesse modelo, para me assegurar de que é a pedra que desejo escolher.

— Eu... eu não trouxe o meu, estava com muita pressa e me esqueci.

— Em outra ocasião, então.

Rubi preferiu não replicar, já era muito para um dia.

Dançaram em silêncio uns minutos mais, logo Damián retirou de surpresa a mão que sustentava a sua e a meteu na aba de seu fraque. Tirou algo dali e poucos segundos depois Rubi estava com o anel novamente adornando seu dedo.

— Acredito que isso é seu — disse em um semblante neutro, mas o que estava pensando não passou despercebido a Rubi.

Agora sim havia empalidecido, e mais, devia parecer um cadáver. Era um milagre que seguisse de pé e não estivesse desabada no piso. Olhou ao chão com a leve esperança de que este se abrisse e a fizesse desaparecer, mas não aconteceu,

teria sido muita sorte. Isto não podia estar lhe acontecendo. Uma parte sua estava feliz por ter recuperado seu anel, mas essa felicidade não era nada comparada com a angústia que começava a formar-se em seu interior.

— Nada a dizer? — Perguntou arqueando uma sobrancelha.

Nada que ela quisesse dizer. Precisava pensar em algo rápido.

— Eu... é... eu lhe agradeço que tenha encontrado meu anel, milorde. A verdade é que o perdi, mas não desejava que minhas primas se inteirassem. Tem um valor muito sentimental para nós e por isso tive que afirmar que o havia deixado em casa — conseguiu dizer, enfim, com naturalidade. Depois de tudo, não era completamente uma mentira.

— E onde o perdeu? — Perguntou com falsa tranquilidade. Antes morta que dizer-lhe.

— Não sei, milorde, não recordo — ao menos desejaria não o fazer.

— Um tanto estranho que tendo um valor sentimental para você tenha-o perdido, não acha?

— Costumo ser muito distraída.

O final da dança a salvou de mais perguntas indesejadas e rapidamente escapou. Quando localizou Rowena entre um grupo de mulheres, dirigiu-se para elas.

— Rowena, estou me sentindo mal.

Não teve que fazer muito para passar pela inspeção da mulher loira de trinta e oito anos, seu semblante bastou para que aqueles claros olhos azuis se enchessem de preocupação

maternal.

— Oh, querida procuremos as demais para ir.

Durante a busca Rubi não se separou de Rowena em nenhum momento, como se temesse que Aberdeen aparecesse a qualquer instante exigindo uma explicação. Entretanto, nem em sua cama pôde se sentir confortável. Algo lhe assegurava que ele iria em busca de uma explicação, pois tinha a certeza de que a descobrira, mas ela não podia permitir que ele tivesse a certeza. Estaria arruinada se assim fosse, precisava convencê-lo de que ela não era a quem andava procurando, fazer-se de parva, inventar algo ou, melhor ainda, evitá-lo a todo custo. Sim, essa era a melhor ideia, evitá-lo e fazer com que Aberdeen se esquecesse do assunto.

Só devia saber que não seria tão fácil.

Capítulo 7

Rubi se encontrava em sua habitação falando com Topázio quando o mordomo a informou que o marquês de Aberdeen desejava vê-la.

— Topázio, receba-o e lhe diga que não estou.

— O mordomo pode fazer isso.

— Você mente melhor, além disso, pode fazer com que se vá.

Topázio pareceu pensar.

— Está bem, — aceitou — embora comece a sentir curiosidade por saber o motivo do repentino interesse de Aberdeen por você.

— Oh, digo-lhe isso depois, vá e lhe diga que não estou, por favor, — rogou.

Topázio assentiu e desceu até chegar à sala de visitas onde esperava Aberdeen. Este se levantou ao vê-la entrar, mas sua expressão de aborrecimento deixou claro seu descontentamento.

— Milorde, que surpresa vê-lo — Topázio disse, com uma leve expressão divertida nos olhos.

Topázio Loughy nunca usava a expressão “*que alegria o ver*”, pois para ela era mentir de maneira descarada quando não era o caso.

Ele não se incomodou em responder à saudação.

— Lembro ter pedido para ver especificamente a senhorita Rubi Loughy — disse.

— Mas que descortês, milorde, — fingiu-se ofendida — minha prima não está e já que me dei ao trabalho de dizer-lhe eu mesma, o menos que esperava era uma resposta à saudação.

Damián soprou e fez uma reverência zombeteira em forma de saudação.

— Que alegria a ver, senhorita Loughy, — disse em tom sarcástico — pode informar sua prima que desejo falar com ela?

Topázio ampliou seu sorriso.

— Na verdade começarei a pensar que tem problemas auditivos, milorde, acabo de lhe dizer que não está.

Acabava de descobrir qual das três senhoritas Loughy gostava menos. A mulher mentia bem, mas ele sabia que mentia.

— Seu mordomo me informou que iria buscá-la.

— Não pode lhe haver dito isso, milorde, deve ter dito que iria ver se se encontrava. Se dissesse o contrário seria despedido.

Era inteligente, teve que admitir Damián, mas também era uma harpia, embora o doce tom de sua voz e sua cara de anjo se empenhassem em desmentir esse fato.

Enquanto Aberdeen tentava controlar-se, uma jovem loira entrou no pequeno salão.

— Topázio... oh, desculpem não sabia que havia visita.

— Não há, — Topázio respondeu — milorde já se ia. Mas, já que está aqui, me permitam fazer as apresentações. Milorde, esta é a senhorita Esmeralda, irmã de Rubi. Esmeralda, ele é milorde, marquês de Aberdeen.

Esmeralda fez uma perfeita reverência e Aberdeen tomou sua mão para beijá-la, sem deixar de surpreender-se por quão diferentes ambas as irmãs eram fisicamente.

— É um verdadeiro prazer conhecê-la, senhorita. Você é igualmente formosa como sua irmã, deve ser de família, — Esmeralda se ruborizou — estou seguro de que em sua primeira temporada terá todos os homens babando por você.

— Obrigada, milorde, — Esmeralda exclamou com as bochechas mais ruborizadas ainda — a que devemos a honra de sua visita?

— Vim ver sua irmã. Poderia chamá-la, por favor?

Antes que Esmeralda pudesse falar, Topázio interveio.

— Já lhe disse que não está, milorde, — seu tom de voz era calmo, mas Damián pôde notar uma leve exasperação nele — saiu com sua criada para fazer umas visitas.

— Mas se a acabo de ver... — um olhar de Topázio bastou para que ela entendesse — saindo com sua donzela, certo. Não está, milorde.

Damián tentou não perder a paciência. Não podia ser mais óbvio que Rubi Loughy não queria recebê-lo e mandou a bruxa de sua prima despedi-lo, sem ser consciente de que ao fazê-lo incrementava mais suas suspeitas, pois se não devia nada por que não o enfrentar? Não importava. Ele não iria dali sem vê-la.

— Então...

A chegada de Safira o interrompeu.

— Oh, milorde, é você, escutei que havia uma visita.

— Vim ver sua prima, a senhorita Rubi — disse com a esperança de que esta Loughy dissesse a verdade.

— E eu lhe informei que não está — Topázio apressou-se a dizer.

Safira entendeu a mensagem, mas para desgraça de Rubi, mentir não estava entre suas muitas qualidades.

— Oh, sim, saiu recentemente — disse, mas seu tom era indubitavelmente nervoso.

Aberdeen perdeu a paciência.

— Olhem senhoritas, basta de brincadeiras, não penso ir daqui sem ver ...

— Milorde! — Exclamou uma voz que não podia ser outra que a de Rowena, seguramente informada pelo mordomo de tão ilustre visita. — Que prazer o ter por aqui.

— Excelência, — saudou — é um prazer vê-la.

— A que devemos o prazer de sua visita?

Ele sorriu.

— Vim para ver uma de suas encantadoras pupilas, — não soube como fez para não engasgar com a palavra "*encantadoras*". — A senhorita Rubi.

Os olhos de Rowena se iluminaram.

— Oh, é claro, deve estar em sua habitação, eu mesma a buscarei. Sente-se, por favor — disse e logo saiu feliz para cumprir sua missão.

Aberdeen olhou as três Loughy com um sorriso vitorioso nos lábios.

— Bem, — Topázio comentou a ninguém em particular enquanto se dirigia à saída sem despedir-se — não pode dizer que não tentamos.

— Eu... retiro-me, — disse Esmeralda, que fez uma reverência de despedida e saiu um pouco confusa.

Safira, como a dama educada que era e apesar do incorreto da situação, não se atreveu a deixá-lo só até que apareceu Rowena acompanhada de uma relutante Rubi. Quando ia saindo seus olhos azuis disseram à Rubi que mais tarde exigiria uma explicação.

— Eu os deixo — disse Rowena saindo, mas deixando a porta do salão aberta para guardar o decoro.

Rubi suspirou com resignação, contendo o impulso de lhe rogar que ficasse. Ela nem sequer deveria deixá-la sozinha, isso ia contra o decoro, mas devia estar muito desesperada para lhe encontrar um marido, além disso, não havia virtude que resguardar; ela já estava arruinada. Com inapetência sentou-se na cadeira oposta à de Aberdeen e o olhou com aborrecimento.

— O que deseja, milorde? — Perguntou sem rodeios. Não estava para saudações corteses.

— Acredito que sabe a resposta, — disse sentando-se.

— Temo que não saiba, milorde.

Oh, claro que sabia, mas já que o plano de se manter afastada não surtiu efeito, tentaria fazendo-se a parva. Morreria antes de admitir que fora ela a mulher daquela noite. De alguma forma conseguiria que Aberdeen visse nela a estúpida senhorita tola que sempre acreditou que fosse.

— Sabe, — continuou como se ela não tivesse falado —

nunca acreditei que fosse tão covarde. Mandar a bruxa de sua prima mentir por você.

Também sabia isso. Sabia que se comportou como toda uma covarde ao mandar Topázio para despachá-lo, mas o que mais podia fazer? Era pecado querer evitar a conversa que seguramente estava por vir? Sem nada que dizer em sua defesa, esclareceu:

— Topázio não é uma bruxa.

— Entretanto atua como uma, mas não vim para falar dela. Venho em busca de uma explicação.

Rubi mordeu o lábio e o soltou ao dar-se conta de que o fazia, não podia lhe deixar saber que se encontrava nervosa.

— Repito-lhe milorde, que não tenho a menor ideia do que está dizendo.

Aberdeen arqueou uma sobrancelha.

— Ah, não?

— Não.

— Poderia me dizer, então, onde estava na noite de sábado?

Rubi respirou fundo. Nunca se dera muito bem em mentir.

— Em minha casa, é óbvio, posso saber a que vem a pergunta? Parece-me um tanto ridícula.

Ao Aberdeen não passou despercebido como retorcia as mãos em seu colo, indubitável sinal de seu nervosismo.

— Gostaria de saber onde encontrei seu anel?

Não! Queria exclamar Rubi, mas se o fizesse despertaria mais suspeitas, então muito contra sua vontade perguntou:

— Onde o encontrou?

Damián inclinou seu corpo ligeiramente para frente, intimidando-a.

— Em uma das habitações do *Pleasure Club*, a mulher com quem passei a noite o perdeu.

Não podia acreditar que tivesse sido tão direto, que classe de cavalheiro era esse?

O fato de que ficou tão vermelha como um tomate deu mais credibilidade ao que Rubi fingiu a seguir.

— Milorde! — Exclamou tentando parecer tão horrorizada quanto possível. — Esses... esses não são temas de conversa corretos.

Esses nem sequer eram temas de conversa! Uma jovem decente e uma matrona desmaiaria ante semelhante descaramento e falta de educação, deveria fingir um desmaio?

— E, — ele continuou como se ela não tivesse falado nada — o mais curioso era que a mulher se parecia com você: sua cor de cabelo era igual, tinha esse tom avermelhado com alguns reflexos marrons bastante estranhos.

Rubi se encontrou desejando que terra a tragasse. Pensou um momento em deixar de fingir. Para que? Ele estava completamente convencido de que ela era a mulher com a qual passara a noite; não se enganava, entretanto, não podia dar-se por vencida tão rápido, havia muita coisa em jogo.

Levantou-se e adotou a pose mais digna que pôde.

— Temo, milorde, que se for seguir falando dessa forma tão grosseira em minha presença deverá retirar-se.

— Está me mandando embora?

— Sim.

Damián suspirou e se levantou.

— Por que não deixamos de brincadeiras, Rubi, e falamos claro?

— Não... não te dei permissão de usar meu nome de batismo — gaguejou.

Isso era o que lhe faltava, perder todo o respeito que possuía como uma dama. Ele nesse momento devia estar acreditando-a uma moça desviada, irremediavelmente e não podia culpá-lo. A culpa fora só dela e de ninguém mais. Ela se deixara seduzir. Ela se deitara com ele. Ela consentiu tudo aquilo e agora estava tentando salvar algo irrecuperável. Mas a pior batalha era a que não se realizava.

— Talvez porque eu não te pedi permissão — Damián respondeu com tranquilidade e provocou em Rubi a vontade de jogar algo em sua cabeça para lhe baixar a arrogância. — Te disse que deixemos de brincadeiras, você sabe muito bem o que quero dizer.

— Asseguro-lhe que não tenho a menor ideia e lhe peço, por favor, que me trate com respeito — embora ela considerasse que não o merecia.

— Em nenhum momento te faltei com respeito.

— Fez sim, desde que chegou!

A paciência de Rubi começava a fraquejar.

— Talvez veja assim porque insiste em desempenhar um papel que, se me permite dizê-lo, interpreta muito mal.

— Não estou interpretando nenhum papel — obrigou-se a baixar o tom de sua voz se por acaso tivessem ouvidos indiscretos perto.

— Basta! — Damián resmungou. — Já me cansei, estou seguro de que foi a mulher com a qual estive naquela noite.

Rubi sentia que lhe faltava a respiração. Uma coisa era andar com rodeios e outra tratar o tema diretamente.

— Não..., não penso permitir semelhante ofensa, saia daqui!

— Se não o era, o que fazia seu anel na habitação?

— Já... já lhe disse que o perdi, alguém pode havê-lo encontrado, vendido e este foi parar à dama com a qual tanto se empenha em me confundir — sua voz foi quase um sussurro, temerosa de que alguém pudesse ouvi-los.

— Por que se negou a me receber? — Inquiriu também em voz baixa.

— Porque que não gosto de você — uma verdade para variar, entre tantas mentiras.

Damián não se alterou, em troca pareceu reconsiderar o assunto.

— Então suponho que só há uma forma de comprovar o que digo.

Rubi não fazia a menor ideia de qual era essa forma, mas tampouco desejava sabê-la.

— Parta! — Ordenou, a esse ponto não lhe interessava a boa educação. Lançaria nele todos e cada um dos objetos da estadia se com isso conseguisse tirá-lo dali.

Ele não deu atenção, em troca aproximou-se dela, encurralou-a contra o móvel e, antes que ela pudesse prever suas intenções, beijou-a.

Rubi ficou estática, sem saber como responder, seu corpo

preso de surpresa se negou a reagir e o deixou fazer. Aqueles lábios se moviam entre os seus e lhe recordavam o delicioso prazer que podiam lhe proporcionar. Fizeram-lhe rememorar com detalhes a noite de sua perdição e insistiram a que pecasse, mas antes que seus mais baixos instintos a traíssem, ele se separou.

— Acredito que é suficiente confirmação para mim.

Rubi se deixou cair na cadeira. Sentia que suas pernas já não a sustentavam e acreditava que desmaiaria a qualquer momento. Muita pressão para um só dia.

Damián teve piedade dela. Fora ali com a firme convicção de que obteria respostas às suas perguntas e estava disposto a consegui-las, mas não era cego e via como acabavam as forças de Rubi Loughy para seguir na batalha. Admirava sua capacidade de querer manter sua identidade oculta e, que quisesse fazê-lo — somado à sua atitude nervosa — só lhe confirmava o que já temia. Ela se arrependia daquela noite. Saber isso só fazia com que a culpa revivesse nele. No fundo teria desejado que as coisas fossem diferentes, havia tentado convencer-se por todos os meios de que isso não era sua culpa, mas não podia, sua consciência não o deixava tranquilo e por isso estava ali procurando uma resposta que pudesse lhe dar um pouco de tranquilidade. Esperava encontrar algo em sua atitude que lhe dissesse que ela não se encontrava absolutamente afetada pelo ocorrido ou que foi àquele lugar em busca daquilo, mas encontrou justamente o contrário. Encontrara uma mulher que não sabia o que fazer nesse momento e que parecia a ponto de perder o sentido. O que o

levava à conclusão de que naquela noite ela se incomodou tanto ao escutar tais atrocidades sobre ela da boca de Hereford que tinha bebido para acalmar-se. Exagerou nas taças. E ele se aproveitou disso. Se não fizesse algo isso lhe pesaria sempre na consciência.

— Tranquilize-se, por favor, — pediu em um tom mais doce — só quero falar contigo.

— Eu não quero falar — ela respondeu utilizando até o último grama de autocontrole de seu corpo. — Vá! Saia e não retorne!

Damián pensou que talvez fosse melhor deixá-la para que se recuperasse e logo voltar. Mas estava seguro de que obteria sua explicação.

Virava para sair quando entrou o mordomo.

— Senhorita Rubi, milorde, o conde de Hereford deseja falar com você.

Rubi suspirou e disse ao mordomo que o fizesse esperar um momento. Esqueceu-se por completo da possibilidade de que Hereford viesse hoje lhe pedir em casamento. E viera no momento mais inoportuno, tinha que dizer. Não sabia de onde tiraria forças para rejeitar da pior maneira a proposta de casamento. Já não sentia vontade nem de vingar-se. E, para piorar, Aberdeen virou nesse momento para ela.

— O que faz esse canalha aqui? Por Deus, Rubi não me diga que de verdade pensa aceitar sua proposta de matrimônio depois de tudo o que disse de você? Não acredito que esteja tão desesperada. Não permitirei que se case com ele.

Rubi não soube nesse momento o que foi que a enfureceu

mais, se o fato de que continuasse a chamando por seu nome, embora devesse admitir que soava maravilhoso em seus lábios, ou que na verdade acreditasse que ela estava tão desesperada para aceitar a proposta, ou que dissesse que não permitiria. Quem ele achava que era para lhe dizer algo assim? Se lhe desse vontade de terminar de arruinar sua vida ele não tinha porque se meter.

— O que eu faço ou deixo de fazer não é de sua conta — disse com a força que a raiva lhe proporcionou. — Vá agora mesmo ou começo a gritar até que alguém venha me socorrer! E não volte a me chamar pelo meu nome de batismo!

Damián pensou que não ter fingido ignorância ante o que Hereford disse dela era sinal de que já dava a batalha por perdida. Por outro lado, compreendeu que fossem quais fossem suas intenções certamente não aceitaria a proposta, não seria tão estúpida. Embora já estivesse manchada, não acreditava que isso a fizesse chegar tão longe. Ele mesmo a viu enfrentar Hereford quando falou todas aquelas coisas más dela. A mulher parecia querer matá-lo, não acreditava que tivesse mudado de ideia.

— Bem, — aceitou — irei, mas temos uma conversa pendente.

— Não temos nenhuma conversa pendente, e mais, ficarei feliz se não voltar a me dirigir a palavra.

— Engana-se, retornarei, então até breve... Rubi.

Aberdeen sorriu ao ver como ela ficava vermelha e parecia procurar com o olhar algo que lhe lançar em cima.

“Que temperamento”, pensou enquanto saía do salão.

Conforme pôde comprovar nos últimos dois dias, sua primeira impressão sobre a senhorita Loughy não pôde ter sido mais errônea. A mulher tinha caráter e o demonstrara... em mais de um aspecto, pensou permitindo que um pequeno sorriso se formasse em seus lábios. Sinceramente, nunca lhe caíra de todo mal, sua antipatia para com ela firmava na que ela tinha dele, por algum motivo desconhecido. Nunca pôde negar que se travava de uma mulher interessante, embora sempre pensara que fosse estúpida havia algo nela que lhe chamava a atenção. Era como uma espécie de estranha atração que não experimentara antes, atração que não fez mais que incrementar-se com a noite passada junto a ela.

O sorriso se apagou ao ver Hereford, que se levantava e caminhava ao salão de onde ele acabava de sair e de onde Rubi fazia gestos para que entrasse. Hereford o olhou, inclinou a cabeça a modo de saudação e seguiu caminhando.

Deu em Aberdeen uma repentina vontade de torcer o pescoço daquele imbecil. Deveria ser bem canalha para fazer o que ele estava fazendo com Rubi Loughy e só esperava que o fato de que ela se sentisse desesperada por ter perdido sua virtude não a levasse a cometer uma estupidez. E embora a cometesse, ele não podia permitir que ela se casasse com outro, muito menos com Hereford, para ressarcir um erro cujo causador havia sido ele. Em todo caso, caberia a ele a pedir em casamento e Deus sabe que considerava essa possibilidade desde a noite passada, quando se informara de tudo. Passou toda a noite em claro pensando no assunto.

Recentemente estava mais que decidido a expandir sua

solteirice pelo maior tempo possível, até que fosse inevitável precisar casar-se para ter um herdeiro; claro que não havia contado que acontecesse algo como isto. Entretanto, a ideia de um matrimônio com Rubi Loughy não lhe desgostava tanto quanto teria feito há alguns dias, não depois daquela noite que fora uma das melhores de sua vida, nem o fato de descobrir a identidade da misteriosa dama podia lhe fazer negar isso. Tinha que admitir que só em pensar o que outro homem pudesse lhe fazer ao descobrir que ela não era virgem o fazia ferver de culpa, mas pensar que outro homem pudesse tocá-la fazia nascer um estranho sentimento de posse dentro de si. Quando chegou à sua casa já havia tomado uma decisão. Primeiro escutaria a explicação que a obrigaria a dar, mas independentemente da resposta, ele precisava reparar o dano. Se casaria com ela, estivesse ela disposta ou não, embora não visse que a ela restassem muitas opções a respeito. Rubi Loughy seria dele, ou melhor dizendo, já era.

Capítulo 8

Rubi teve que respirar fundo várias vezes para recuperar um pouco do seu autocontrole. Logo depois de acreditar consegui-lo fez um gesto ao Hereford para que entrasse e assim acabar de uma vez com aquele assunto.

A visita de Aberdeen e seus resultados conseguiram a deixar com os nervos à flor da pele, estava alterada, exausta, e só o que desejava era trancar-se em sua habitação e não sair nunca mais, sobretudo agora que o homem sabia toda a verdade e suas intenções eram desconhecidas. Acaso poderia ser pior sua sorte?

Hereford entrou nesse momento com aquela pose arrogante que fazia com que sua bengala parecesse mais um artefato majestoso para completar sua aparência que algo que na verdade necessitava. Rubi compôs seu melhor sorriso de boas-vindas. Obrigou-se a pensar em quão satisfatório seria o que aconteceria a seguir.

— Milorde, mas que alegria o ver.

— Minha querida senhorita Loughy, — disse pegando sua mão para beijá-la e ela teve que reprimir o impulso de afastá-la — vim porque já não posso esperar mais.

Rubi sorriu.

— Sente-se, milorde, por favor.

— Não, não, acredito que será melhor estar de pé para lhe dizer o que quero dizer. A verdade é que desde que a vi pela primeira vez soube que você era a mulher que desejava por esposa, soube que era a pessoa com a qual queria passar o resto da minha vida, por isso, hoje, contra todas as formalidades que dizem que primeiro devo falar com seu tutor, eu venho — disse tirando de seu colete um pequeno estojo que continha um singelo anel de diamante — lhe pedir que me conceda a honra de ser minha esposa. Quer casar-se comigo?

Rubi sorriu e os olhos de Hereford brilharam com satisfação.

— É claro... que não, milorde. Não tenho a menor intenção de me casar com você.

Hereford abriu os olhos com surpresa.

— Como?

— Escutou bem, não vou casar com você.

— Mas eu... quer dizer... eu acreditei que...

— Acreditou que eu estava interessada em você? — Disse em tom de zombaria. — Pelo amor de Deus, milorde, nunca o achei tão estúpido. De verdade pensou que eu, uma dama possuidora de um grande dote, que está sob tutela dos duques de Richmond, ia casar-me com você?

— Mas... — o homem não parecia sair de seu estado de estupor.

— Posso aspirar a algo melhor que um conde empobrecido, querido. Com você foi... uma brincadeira. Queria demonstrar a mim mesma que podia ter a quem quisesse aos meus pés e o consegui, não? Foi muito simples enganá-lo. Sou

muito mulher para você.

Ao menos essa última frase era verdade e Rubi se sentiu melhor ao ver como o rosto do homem começava a se tornar de um vermelho carmesim. Não sabia se era pela raiva de ver seus planos frustrados ou pela vergonha da humilhação passada, mas não lhe importava, deu-lhe um pouco de seu próprio remédio. Agora saberia o que era sentir-se humilhado e rebaixado a nada.

— É uma... — se calou justo antes que a palavra ofensiva saísse de sua boca, não importava quão zangado estivesse, seu pequeno orgulho lhe impediu de dizer algo grosseiro ali.

— Acredito que é melhor que se vá, querido.

Hereford não tentou implorar. Girou sobre seus calcanhares e se foi com a maior dignidade que lhe restou.

Rubi se deixou cair no sofá mal o homem saiu pela porta. Embora obtivesse certa satisfação ao conseguir sua desforra, não podia estar completamente tranquila, porque as palavras de Hereford naquele clube foram as que provocaram seu estado atual de nervosismo. Agora não sabia o que Aberdeen pensava fazer. Não sabia se divulgaria tudo, se divulgaria uma parte... fosse como fosse, ele não sairia perdendo já que havia sido ela quem fora àquele bendito clube. Aberdeen nunca lhe pareceu uma dessas pessoas que gostassem de fofoca nem que desprestigiasse a reputação de alguém só por diversão ou desforra, estava quase segura disso, entretanto também estava quase segura de que Hereford era um bom homem, por isso já não sabia se devia confiar em sua capacidade de julgar as pessoas.

Levantou-se com inapetência. Hereford não ficaria tranquilo depois de ter investido tanto tempo em um plano que ao final não fora frutífero. Com sua rejeição Rubi lhe roubara a possibilidade de obter seu dote e, portanto, a salvação de sua dívida. Já não tinha tempo para cortejar ninguém mais e devia estar desesperado só pela ideia de terminar no cárcere de devedores. Apesar de ser tão má julgando o caráter das pessoas, uma coisa sabia com certeza, Hereford iria querer vingança e a melhor forma de obtê-la era desprestigiá-la ante a sociedade. Podia inventar algo e manipular a situação ao seu desejo, e só havia uma opção para evitar isso: ela fazer primeiro. Dessa forma não só asseguraria sua reputação, que para ela já não valia nada, mas para sua família sim, mas também advertiria as outras garotas do caça-fortunas e canalha que era Hereford. Se alguém quisesse casar-se com ele seria sob sua responsabilidade.

Decidida a levar imediatamente a cabo a segunda parte de seu plano, Rubi subiu à sua habitação. Tirou de sua cômoda uma folha e uma pluma e se sentou em sua penteadeira a escrever: *“Meu querido remetente desconhecido:”*

Não era o melhor que lhe podia ocorrer, mas nesses momentos não sabia com que outro nome chamar um colunista anônimo de intrigas, assim continuou:

“Escrevo-lhe porque tenho em minhas mãos informação que lhe interessará e estou encantada de compartilhar com você.”

“Saiba que é toda uma certeza que o conde de Hereford está na ruína. Deve quantias exorbitantes de dinheiro a um famoso jogador conhecido como John. Também saiba que certa

dama rejeitou sua proposta de casamento, já que é claro que o interesse professado era pelo dote dela, por isso o conde deve andar desesperado procurando algum outro dote que caçar. Nós não gostaríamos que nenhuma outra jovem caísse em suas redes, não é? Acredito que deve supor quem lhe envia esta carta, não obstante, espero contar com sua discrição.”

Atte.: Anônima.

Rubi selou a carta. A enviaria à sede do periódico onde escrevia o desconhecido, e os empregados a fariam chegar, pois, como bom repórter de intrigas, ninguém sabia quem era nem onde vivia. Corria o risco de que a carta fosse aberta antes de chegar ao seu destinatário, mas estava disposta a correr o risco desde que tudo saísse como queria.

O mais tardar amanhã "*Comentam por aí*" já teria publicado tão succulenta notícia e as intrigas não demorariam a correr. Podia ser que houvesse alguns que não acreditassem e o desprezassem por ser uma simples fofoca, mas se falaria disso e haveria gente que acreditaria, pois se falavam, falavam por algum motivo. Sim, a sociedade acreditaria ou, ao menos levariam em consideração.

Sabia que teria que enfrentar algumas perguntas indiscretas depois disso, mas estava disposta a respondê-las e inclusive ela mesma propagaria a intriga. Não deixaria oportunidade ao Hereford de desprestigiá-la, se tentasse depois disso, todos tomariam como ataque defensivo e suas palavras cairiam em saco furado ou, ao menos, isso desejava. Às vezes a palavra de uma mulher não valia nada contra a de um homem, mas esperava que esse não fosse o caso. Confiava em que na

guerra dos falatórios desse tipo sempre ganhava quem atacava primeiro. Depois pensaria no que diria à Rowena a respeito.

Logo depois que enviou um laçao com a carta, retornou ao seu quarto, onde se encontrou com Safira e Topázio que tinham cara de querer uma explicação.

— E... então? — Safira inquiriu.

— Então, o quê?

— Não se faça de parva, Rubi. Por que não queria receber Aberdeen?

— Acredito ter deixado claro faz tempo que não gosto dele.

— Estou segura de que essa não é a razão.

— Como pode estar tão segura?

— Porque estou! Além disso, a pergunta deveria ser porque Aberdeen queria ver-te?

— Essa resposta sim me interessa — Topázio interveio.

Rubi olhou suas primas com cara de aborrecimento. Sua resolução de manter tudo oculto não durou nem uma semana. O que importava, então, que Safira também soubesse? Se Aberdeen sabia nada mais importava.

Com resignação começou a narrar toda a história. Ao final Safira a olhava como se lhe tivesse saído outro olho.

— Ficou louca! — Gritou.

— Baixa a voz! — Ordenou. — Sim, cometi o pior erro da minha vida, sei, mas já não posso fazer nada para remediá-lo.

— E o diz com tanta calma — soprou sem poder acreditar. — Acaso não sabe as consequências que isto conduz?

— As tenho bastante presente, mas não se preocupe, hoje decidi que não penso me casar nunca. Os homens só trazem

problemas.

Safira seguia negando com a cabeça.

— Aberdeen sabe, — afirmou — por isso veio — deduziu.

Rubi assentiu.

— Como soube? — Topázio perguntou.

— Bom...

Ao final dessa parte da explicação Safira parecia a ponto de explodir. Inclusive parecia mais preocupada que ela.

— Está metida em uma boa confusão, Rubi — disse.

Isso ela também sabia.

— Apesar de tudo, não acredito que Aberdeen seja o tipo de pessoa que espalhe intrigas dessa índole, sobretudo quando o envolvem.

Safira não pareceu lhe dar atenção.

— Tem que se casar com ele — afirmou.

Agora foi Rubi quem a olhou como se fosse louca.

— É óbvio que não!

— Não tem alternativa. Se ele for um cavalheiro se casará contigo, e mais, já devia ter lhe pedido isso.

— Não penso me casar com ele!

— É a única forma, Rubi não pode se casar com ninguém mais, está manchada! É justo que ele repare o dano.

— Dano que de uma ou outra forma aceitei, — recordou — eu causei tudo, eu viverei com as consequências.

— Em realidade, — Topázio interveio — se formos ao caso, todo este assunto quem causou foi Hereford. Eu voto para que o linchemos.

— Oh, não mencione esse canalha, — Safira disse —

merece que lhe deem um tiro no meio da testa; na verdade, espero que lhe tenha dado seu castigo. Mas esse não é o tema, estávamos em que...

— Em que não me casarei com Aberdeen, — Rubi interrompeu — não o obrigarei a fazê-lo e não acredito que ele se deixe obrigar. O que aconteceu, aconteceu e já não posso remediá-lo. Além disso, já te disse que não penso me casar nunca, portanto, a falta de virtude não suporá nenhum problema.

— E se estiver grávida? — Safira perguntou.

Rubi não pensara nisso. Uma pontada de preocupação lhe atravessou o peito, mas desapareceu depois de analisar o assunto.

— Não acredito, certamente Aberdeen tomou medidas para evitá-lo.

— Pode-se evitar? — Safira perguntou assombrada.

— Acredito que sim, — respondeu franzindo o cenho em gesto pensativo — espero que sim.

— Como sabe isso?

Ela encolheu os ombros.

— Rowena deveria contratar criadas mais discretas.

— Oh, você deveria ser menos fofqueira — Topázio disse.

Safira tirou a importância do assunto com um gesto de mão.

— Não importa, ninguém me tirará da cabeça que deve se casar com ele.

— E a mim ninguém convencerá do contrário.

— Já basta! — interveio Topázio chateada. — Acredito que

Rubi é bastante grande para resolver as confusões nas quais se colocou e viver com as consequências de seus atos.

— Tal e como faz você — Safira retrucou.

— Exatamente. Safira, estamos fazendo uma tempestade em um copo d'água. Já não se pode fazer nada para evitar o que aconteceu. Rubi não quer se casar e você não pode obrigá-la. Fim do assunto.

— Mas está arruinada, — Safira contestou em um tom de verdadeira preocupação.

— Minha virtude, talvez, — Rubi respondeu em tom doce — minha vida não.

— Não poderá ter filhos.

— Então, serei a tia carinhosa — encolheu os ombros em um ligeiro intento de humor. — De verdade acredita, Safira, que eu poderia ser feliz com Aberdeen?

Ela pareceu pensar um momento.

— É um bom homem, — respondeu — nem sequer sei por que não gosta dele.

— Sei que não nos daríamos bem.

— Isso você não pode saber.

— Sei — disse um tanto exasperada.

— Possivelmente se o tratar mais...

— Basta, embora eu aceitasse, ele nunca o faria. Fim do assunto. Posso contar com sua discrição e apoio a respeito?

Safira a olhou ofendida.

— Mas que pergunta mais estúpida, é óbvio que pode contar com isso.

Rubi sorriu e se arrumou para abraçar ambas.

— Não sei o que faria sem vocês — disse-lhes.

— Teria uma vida mais singela — Topázio comentou separando-se do abraço. — Eu me retiro, não vão começar a chorar — disse antes de sair.

— Algum dia mudará, acredita? — Perguntou Safira à Rubi.

— Duvido.

— Sabe, às vezes penso que nos esconde algo.

Rubi encolheu os ombros.

— Se for assim tenha por certo que, se for por ela, nunca saberemos.

— Topázio não era assim, Rubi, sabe, não era tão mesquinha, tão cínica nem descarada. É tão... desconfiada, é como se tentasse defender-se de antemão de algum ataque que está segura que chegará. Nunca voltou a ser a mesma desde aquele dia.

— Nenhuma voltou a ser a mesma desde aquele dia, Safira, ninguém pode ser o mesmo depois de ter perdido seus pais em um massacre cujo motivo se desconhece. Melhor agradecer que tivemos sorte e Rowena cuidou de nós.

— Agradeço, é claro que o faço, mas... às vezes é tão difícil esquecer — disse acariciando o anel em seu dedo.

— Não há por que esquecer, só é questão de suprimir as más lembranças e ficar com as boas. Eles sempre estarão em nossos corações.

— Sim... suponho que sim.

Depois que Safira se foi, Rubi se deitou na cama e começou a pensar. A vida podia ser uma caixa de surpresas,

uma pena que a maior parte das vezes estas não fossem tão boas.

Ela não recordava com clareza aquele dia tão trágico. Só se lembrava da fuga. Da necessidade de escapar daquele lugar cheio de sangue. Da angústia sentida em cada passo que davam tentando procurar um lugar onde passar a noite. O tipo de experiências que não desejaria nem ao pior inimigo. Esse dia havia mudado tudo. Tudo o que conheciam caiu. Seus pais haviam morrido. Sua família também. Estavam completamente sozinhas. Sós em um mundo que mal descobriram e, que podia ser muito cruel. Sós com a única companhia das outras, o que conseguira que o vínculo entre elas fosse irrevogável.

Rowena foi como um anjo da guarda que lhes mandou o céu. Ocupou-se delas quando ninguém mais quis fazê-lo e as amara como se fossem suas filhas de sangue. William tampouco ficou atrás, não demorou para as aceitar em sua família e em lhes proporcionar o mesmo carinho que Rowena. Isso era algo pelo qual sempre estariam agradecidas. Algo que nunca esqueceriam. A vida, talvez, lhes arrebatara — da maneira mais cruel possível — seus pais, mas não as deixara desamparadas.

Entretanto, Rubi não podia deixar de pensar que, em momentos como esses, daria o que fosse para ter a sua mãe consigo, para lhe contar todos os seus problemas e esperar que ela, com aquela voz doce e maternal que a caracterizava, dissesse que tudo ficaria bem, que tudo havia uma solução, que só era questão de encontrá-la.

Nesse instante Rubi não via nenhuma solução possível.

Vivia em uma sociedade onde a mulher deveria ser o mais parecido à perfeição possível e, se não o era, considerava-se uma ovelha desencaminhada. Onde chegar virgem ao casamento determinava o grau de dignidade da senhorita. Onde desprezavam e criticavam todos aqueles que não seguissem suas regras. Sabendo isso era muito difícil encontrar a solução para o assunto.

Se se casasse com alguém e este alguém descobrisse que não era tão íntegra como no dia de seu nascimento, tinha direito a lhe reprovar e podia desprestigiá-la ante toda a sociedade, se desejasse. Então ela ficaria completamente arruinada, e se ficasse arruinada, sua família também. Não desejava fazer isso às suas primas e muito menos pôr Rowena nessa situação constrangedora. Portanto nunca se casaria. Vivia em um mundo muito injusto, que não dava indícios de mudar. Nunca poderia ter uma família, filhos aos quais amar e com quem compartilhá-los. Vendo assim, o panorama se observava bastante negro. A única solução firmava em casar-se com Aberdeen, mas ela não o faria. Não o obrigaria a isso, e não só porque ainda não gostasse dele, mas sim porque estaria condenando-os a uma vida que podia ser pior que a atual realidade. Além disso, Rubi já comprovara que não se podia confiar nos homens. Às vezes podiam ser bastante desprezíveis e, para estar atada a alguém assim, para submeter-se sempre à sua vontade, preferia ficar solteira. Sim, isso era o que faria, ficaria solteira, e não havia nada que dizer a respeito.

Capítulo 9

Aberdeen tinha algo a dizer a respeito.

Rubi devia imaginar que nem tudo podia ser tão simples, que ele não se daria por vencido tão facilmente, mas nada lhe custava sonhar.

Só demorou mais um dia para Aberdeen aparecer de novo em sua casa. Quando lhe disse que precisavam conversar, ele quis dizer isso, e Rubi pressentia que não conseguiria se livrar dele até que eles não o fizessem ou, no pior dos casos, ela não iria se livrar dele.

No momento em que viu, da janela de seu quarto, a carruagem que se aproximava, não precisou esperar que seu ocupante descesse para saber quem era. Imediatamente sua cabeça começou a inventar uma série de planos para evitá-lo, mas nenhum parecia ser bastante bom. Dois minutos mais tarde Rowena batia à porta de seu quarto.

— Rubi, querida, o marquês de Aberdeen quer ver-te.

Rubi suspirou pensando em como seria difícil convencer Rowena de que ela não queria vê-lo. Talvez fosse mais difícil que fazê-lo desistir, por isso não fazia sentido seguir evitando o inevitável, ele queria falar, falaria, e que fosse o que Deus quisesse.

Com a pose mais digna que pôde desceu para recebê-lo. O

que não esperava era que ele não queria falar ali, e sim em algum lugar do Hyde Park.

Rubi não sabia se essa seria a melhor ideia. Certamente sua casa não era nem de longe um lugar onde queria tratar daquele assunto, porém, um parque abarrotado de gente tampouco era, embora bem que podiam encontrar um lugar privado onde falar, porque ainda era cedo, para Rubi esse era o maior problema, não queria ficar a sós com ele. Pelo menos em sua casa alguém socorreria rápido ante a mínima exigência de ajuda.

Está bem, talvez exagerasse um pouco, Aberdeen não iria sequestrá-la, violá-la ou fazer algo pelo estilo em um lugar público, mas não queria ficar a sós com ele, mais por temor à sua própria reação que ao que ele pudesse fazer.

— Mas Rowena, hoje é o dia livre das criadas, não há ninguém que nos acompanhe, — contestou.

Aberdeen a olhou com um toque de diversão ante o comentário, mas Rubi o ignorou e esperou a resposta da duquesa.

Rowena era fiel às normas do decoro e, embora o parque ficasse muito perto de sua casa, jamais a mandaria sem um acompanhante devido à grande quantidade de fofocas que causaria.

— Uma de suas primas poderia te acompanhar... falarei com Topázio... não, melhor, procurarei Safira.

— Safira saiu, — indicou com satisfação — foi com lady Alice à reunião semanal do clube de leitura de lady Mary.

— Então direi a Topázio — disse com resignação,

preparando-se para a batalha. — Não! Acabo de recordar que a sobrinha da cozinheira não saiu para lugar nenhum, pedirei o favor e a recompensarei logo com outras horas livres. Já retorno.

— Espera! Fala de Molly? — Rowena assentiu. — Melhor falar com Topázio, para quê incomodar a pobre moça, — disse tentando ocultar sua preocupação, já que Molly era a pessoa mais distraída e manipulável que conhecia, os perderia de vista antes de ter chegado ao parque e Aberdeen não teria nenhum problema em desfazer-se dela.

— Tolices, — Rowena replicou — sabe que Topázio não aceitará, irei procurar Molly — e, sem dizer mais, desapareceu.

Rubi se deixou cair em uma das cadeiras com ar de resignação.

Aberdeen a olhou com um sorriso zombeteiro.

— Como é conservadora, minha querida senhorita Loughy, mas pensa que uma criada me desviará dos meus objetivos?

Rubi o olhou com ódio e não respondeu.

Pouco depois apareceu Molly e logo depois de trocar seu vestido de manhã por um de passeio, ambos iniciaram uma caminhada para o Hyde Park.

Como supôs, ao Aberdeen não custou muito desfazer-se de Molly e, uns minutos depois de ter chegado ao parque encontravam-se caminhando sozinhos ou ao menos isso parecia, pois Molly estava a uns dez metros de distância deles. Não sabia por que pensou que podia adiar o inevitável.

Pouco depois encontravam-se em um lugar pouco transitado completamente sozinhos. Não havia ninguém ao

redor, posto que deviam ser mais ou menos dez da manhã e grande parte da aristocracia devia estar dormindo. Por que ele não podia ser igual aos outros? Nem sequer poderia visitá-la a uma hora correta.

— Acredito que aqui poderemos falar — Aberdeen disse recostando-se contra uma das árvores e cruzando os braços.

— Você é a pessoa mais teimosa que conheci em minha vida! — Retrucou furiosa. — Acredito lhe haver dito à última vez que não queria que voltasse a me dirigir a palavra nunca mais.

— E eu acredito não ter aceitado isso.

— O que quer?

— Uma explicação.

— Por que lhe importa tanto? Esqueça, já o disse naquela noite, aquilo nunca aconteceu.

Aberdeen sorriu.

— Até que enfim admite.

— Resultou ser muito persistente para o meu gosto. Sim, admito, — declarou enfim, sabendo que seria estúpido seguir negando — era eu aquela mulher. Só lhe rogo, milorde, que não comente nada, minha família sairia prejudicada e, creia, é o que menos desejo.

— E você não sairia prejudicada?

Que ele seguisse chamando-a de “você” a irritava sobremaneira.

— Acabo de decidir não me casar nunca. Vocês, os homens, não são mais que uns seres desprezíveis e, não me importa as consequências, não penso em me tornar

propriedade de um.

— Hereford te deixou uma muito má opinião sobre o sexo masculino.

— Hereford e você, — corrigiu sem lhe importar o que podia sair à tona com essa afirmação. — Os dois são desprezíveis.

Aberdeen se limitou a arquear uma sobrancelha.

— Suponho que fala pelo que aconteceu no baile de máscaras.

— Já lhe disse que esqueça o assunto!

Rubi começava a ficar histérica e Aberdeen decidiu ir com cuidado.

— Suponho que saberá que não posso ficar tranquilo sabendo que causei a queda em desgraça de uma dama.

Ela não queria saber aonde chegaria isso.

— Eu não caí em desgraça, — disse tentando tranquilizar-se. — Ante a sociedade seguirei sendo uma dama impoluta.

— Entretanto minha consciência sabe que não é assim.

— Insinua, então, que por um erro deixei de ser uma dama?

— Eu não disse isso.

— Isso foi o que deu a entender.

Aberdeen grunhiu.

— Não se desvie do assunto. O que estou dizendo é que, desde que aconteceu, ainda sem saber quem era, não posso com a culpa.

— Ah... bom, se é assim, eu o libero de toda culpa. Se sente melhor agora?

Aberdeen, em resposta a fulminou com o olhar, lhe fazendo saber que estava perdendo a paciência.

— Já basta! — Resmungou. — Sabe perfeitamente o que quero dizer. Se casará comigo — afirmou.

Rubi não ficaria mais atônita se lhe houvessem dito que o céu estava caindo. Isto deveria ser uma brincadeira. Isto não podia estar acontecendo a ela. Topázio teria razão e o homem estaria ficando surdo? Acabava-lhe de dizer que não queria casar!

— Acredito, milorde que acabo de deixar completamente claro o fato de que não desejo me casar.

— E eu acredito que não te perguntei.

Rubi não estava acreditando no que escutava. Acaso pensava que podia obrigá-la a casar-se com ele?

— Você está louco, eu não penso me casar com você, — declarou — estou segura de que não pensou bem — ela disse tentando ser razoável.

— Pensei o bastante.

— Está sendo irracional.

— O mesmo poderia dizer de você. Deu-se conta, Rubi, que o que aconteceu impedirá que possa se casar e formar uma família?

Ela o olhou furiosa.

— Já lhe disse que não quero me casar.

— Diz agora porque está decepcionada, mas no futuro desejará e será infeliz ao saber que não poderá ter. Eu, por minha parte, me sentirei culpado por ter sido o responsável.

Rubi começou a respirar fundo várias vezes. O que dizia

não carecia de tudo de sentido, sabia que no futuro desejaria. Não obstante, isso não era motivo suficiente para aceitar o matrimônio com um homem que só queria aplacar sua consciência. Quem lhe garantia que depois não se arrependeria? Que logo depois de uns meses de matrimônio se desse conta de que cometera o pior erro de sua vida e a culpasse do assunto? Não, não se arriscaria a isso, melhor ficar solteirona.

— Esqueça, milorde, não penso me casar com você.

— Não acredito que tenha muitas opções.

Deus, era tão exasperante. Outra razão mais para negar-se.

— Tenho a opção de ficar solteira e essa é a que escolho.

Aberdeen negou com a cabeça.

— Pensa, Rubi. É a melhor opção.

Ele não estava com nenhuma intenção de lhe deixar outra opção, mas talvez, se lhe desse um tempo para pensar, as coisas seriam mais simples.

— Não perca seu tempo esperando minha resposta, milorde, já lhe dei a definitiva.

E o chamou de teimoso.

— Pensa — repetiu.

Rubi perdeu a paciência. Não havia dúvida de que o homem não pensava dar-se por vencido. Precisava mudar de estratégia.

— Não pensou, milorde que talvez não deva sentir-se culpado, pois eu também desejava a situação, não se pôs a analisar o motivo pelo qual fui àquele lugar?

— Acredito que estive perguntando isso desde ontem.

— Bem, — Rubi sorriu da forma mais cínica que pôde — pois saiba que fui àquele lugar procurar aventura e a encontrei, talvez não fosse o que planejei, mas a encontrei. Está disposto a casar-se com uma mulher cujo espírito aventureiro pode ser um problema no futuro? Pense, se me... se estive com você naquela noite, quem lhe garante que não vá fazer o mesmo no futuro?

Aberdeen pareceu reconsiderar a situação e Rubi quase cruzou os dedos esperando que lhe acreditasse, entretanto, segundos depois seu rosto formou um sorriso zombeteiro.

— Alguma vez lhe disseram que é uma péssima mentirosa?

Ela mordeu a língua para não começar a soltar uma série de impropérios. Ergueu-se tudo o que pôde e retrucou:

— Se espera que me case com você, milorde, melhor esperar sentado, pois em pé se cansará — dito isso começou a caminhar em direção contrária para procurar a sua inútil acompanhante.

Não cruzaram palavra em todo o caminho e isso para Rubi foi o melhor, o que menos desejava era falar.

Quando chegaram à casa Aberdeen se despediu, não sem antes lhe repetir que pensasse.

Antes de subir e trancar-se em sua habitação Rubi foi à sala de café da manhã, onde seguramente seguiam os periódicos, e os levou ao seu quarto. Uma vez lá comprovou com satisfação que a notícia já fora publicada e Hereford estaria virtualmente desprestigiado. Se havia algo importante

na sociedade londrina era o dinheiro e, se alguém não o possuía, podia declarar-se excluído.

Ao menos nesse assunto se saíra muito bem, — pensou — não como no outro. Como era possível que Aberdeen tivesse tomado semelhante decisão? Acaso ficou louco? Sabia, segundo os comentários, que apesar de ter sido em uma época um crápula contumaz, Aberdeen era um homem de honra que sabia respeitar sua palavra. Isso talvez explicasse sua absurda ideia de casamento, mas não era suficiente para que ela considerasse justificável.

Rubi sempre soube que o amor não era uma prioridade em sua vida, assim como também era consciente de que não seria um requisito na hora de contrair matrimônio, entretanto, tampouco se casaria com um homem ao qual não tivesse apreço, não importava que esse homem lhe tivesse feito sentir coisas que nunca antes havia sentido, isso não era suficiente para casar-se.

Ele, por algum motivo desconhecido, estava convencido de que um matrimônio entre eles era a melhor opção, mas ela não via assim. De certo modo mal o conhecia, não sabia quem era na realidade o marquês de Aberdeen, só podia contar com os comentários das pessoas que, para cúmulo, desde que retornou da guerra afirmavam que o desconheciam, que já não era o mesmo de antes, uns o atribuíam às responsabilidades do título que se viu obrigado a agarrar depois da morte de seu irmão, mas outros diziam que se devia a algo ocorrido na guerra. As pessoas costumavam dizer que ninguém podia viver essa experiência e sair sem nenhuma consequência emocional.

Por outro lado, ela estava segura de que ele não estava pensando bem nas coisas. Conforme recordava, ele mencionou uma vez que não se casaria antes do obrigatório e, visto que devia rondar os trinta anos, Rubi não pensava que já fosse obrigatório. Aberdeen atuava movido pelo remorso e ela sabia com certeza que ele se arrependeria logo, por isso não se casaria com ele, para não estar ali quando se arrependesse. Essa era sua última palavra.

Capítulo 10

Damián afastou o relatório que recebera de seu administrador. Tornou-se impossível concentrar-se nele quando sua mente estava em outro lugar. Em Rubi Loughy.

Recentemente jurava ante quem fosse que não se casaria antes dos trinta e cinco e agora a vida se encarregava de lhe fazer ver que não era o que ele queria, e sim o que o destino dispusesse. O mais irônico do assunto era que a afortunada não fosse outra que Rubi Loughy.

A primeira vez que a viu passou-lhe tão despercebida como todas as demais jovens casadouras que as mães casamenteiras se empenhavam em lhe apresentar. Não viu nela nada de especial. Era bonita, sim, mas o mercado matrimonial se encontrava cheio de jovens assim, portanto supôs que Rubi e todas as suas primas eram iguais. Demorou um pouco em dar-se conta do contrário.

Apesar de não ter demorado muito em descobrir que Topázio Loughy era uma harpia e que Safira Loughy era a mais sensata, poderia se dizer que demorou um pouco mais em descobrir quem era na realidade Rubi. Ao menos até há dois dias, só sabia dela uma coisa, que ele não era de seu agrado e que ao que parecia continuava a não ser, pois não encontrava outro motivo pelo qual se negasse de forma tão veemente ao

casamento. Para ele era uma solução muito boa, tanto para tranquilizar sua consciência que, por mais que tentasse convencer-se de que não era culpa dele, negava-se a deixar de incomodá-lo.

Sempre teve claro que quando se casasse teria que fazê-lo com uma mulher de caráter afável e boas maneiras. Pelo visto, nos últimos dias, Rubi Loughy estava muito longe de ter alguma dessas duas qualidades, mas para ele possuía algo excepcional e escasso entre as jovens de bom berço: tinha uma paixão inata. Ainda podia recordar a forma como reagiu aos seus beijos e carícias, podia ser uma boa amante se quisesse e, por mais egoísta que soasse, ele a queria para si.

Desde que retornou da guerra e se encontrara com todo o peso das responsabilidades familiares sobre seus ombros, não houve nenhuma mulher que conseguisse acender seu desejo. É que não era fácil, quando se via miséria e morte por culpa da ambição de outros não se voltava a ser o mesmo. Rubi conseguiu que o desejo voltasse a nascer nele e por isso não pensava deixá-la.

Sendo sincero, não entendia por que se mostrava tão avessa ao assunto. Oferecia-lhe o que qualquer mulher queria: título e posição. Não podia compreender como alguém que pudesse ter isso preferisse permanecer solteira. Embora já devia saber que, muito ao contrário do que pensava antes, essa mulher não era igual às outras. Necessitou só de dois dias para descobrir que possuía um temperamento com tendência a explodir, que era bastante teimosa e, contra sua primeira impressão, era inteligente, ao menos em certo modo e isso

constatou aquela manhã, quando leu por acaso em uma coluna de fofocas a comprovação de que Hereford estava na ruína e que andava procurando uma esposa com dote, já que a candidata que tinha em mente o rejeitara. Não havia dúvida de quem fora a fonte, e só pôde admirar sua estratégia de atacar antes que Hereford o fizesse, embora ele pensasse que era muito improvável que o homem ficasse sem fazer nada, mas isso não sabia.

Em conclusão, já que encontrou uma série de virtudes antes desconhecidas na senhorita Rubi Loughy, estava mais convencido que antes de que seria a esposa perfeita, ao menos para ele. Só era questão de que ela se desse conta e, se não... bom, veria o que faria então.

* * *

— Se não parar de rir, Topázio, lançarei cada uma destas feias estatuetas de porcelana em você até acertar o alvo — Rubi ameaçou levando a xícara de chá aos lábios.

Topázio interrompeu suas gargalhadas, mas o sorriso de diversão em seu rosto permaneceu intacto. Um sorriso de verdadeiro júbilo como poucas vezes deixava ver, era daqueles sorrisos que fazia com que seu rosto se iluminasse e que poderia deixar enfeitiçado a mais de um.

— Isto é um assunto sério — continuou.

— Para mim é do mais irônico e, por isso, divertido — argumentou sua prima acomodando-se melhor no pequeno móvel da sala destinada para o chá.

— Para mim, Rubi, — Safira interveio totalmente séria —

rejeitá-lo foi o mais estúpido que fez em sua vida, além de ter estado com ele em primeiro lugar, claro.

— Em troca, eu penso que foi a decisão mais sensata que poderia ter tomado, várias razões me confirmam isso.

— Me mencione três razões que digam que o marquês não é um bom candidato.

— É arrogante e presunçoso, — retrucou — não me pediu em casamento, ordenou-me isso, o que posso esperar de um homem assim no futuro?

— Suponho que já que se mostrou tão horrorizada com a ideia, não ficou muita opção que mostrar-se firme. Me diga outra.

— Está amargurado e é insuportável — disse.

Safira pensou.

— A mim não parece, estou segura de que, seja qual for a razão pela qual o considera assim, não está sendo objetiva.

Rubi começava a incomodar-se.

— É um mulherengo!

— Correção: era um mulherengo, desde sua volta a única falta que cometeu foi ir àquele baile de máscaras, além disso, se fosse um mulherengo, não poderia ser nem amargurado, nem insuportável, então está se contradizendo.

Rubi se exasperou.

— Se não lhe encontrou nenhum defeito, se case com ele!

Safira franziu o cenho.

— Pediu a ti em casamento.

— Não me pediu isso!

— Se acalme, Rubi — Topázio interveio. — Safira só tenta

te fazer ver qual é a melhor opção.

— Você também acredita que é a melhor opção? — Perguntou fulminando-a com o olhar.

Topázio encolheu ligeiramente os ombros.

— Aberdeen tem razão em uma coisa: agora diz querer permanecer solteira, mas logo desejará uma família que, devido a um erro, te estará vetada. Ele lhe pode proporcionar isso, além de te dar título e fortuna e, com o pouco que pude entender das conversas que nos contou, ele não pensa te dar outra opção. Em minha opinião, não acredito que se dê por vencido até obter o que quer. Se resigne.

Rubi se ofendeu.

— Acaso você o faria?

— Não, — respondeu sem duvidar — mas o bom de ter uma má reputação é que nenhum cavalheiro me considera apta para ser sequer cortejada, por isso não tenho que me preocupar com isso. Além disso, já passou uma noite com ele e pôde comprovar o bom amante que é, não vejo por que tanto problema.

Safira e Rubi se ruborizaram ante o comentário, só que Safira o fez por vergonha e Rubi pela raiva, que a fez agarrar uma das almofadas bordadas que estavam no pequeno sofá e lançar em sua prima, o que provocou que o chá se derramasse em seu colo, sorte que no tempo que levavam conversando esfriou, porque Topázio se limitou a franzir o cenho em gesto furioso e olhá-la ameaçadoramente. Rubi não deu atenção.

— Não penso me resignar, — afirmou levantando-se — não me casarei com ele. Não me prenderei a um homem que

me ordena o casamento para tranquilizar sua consciência, e não há nada mais a dizer sobre o assunto.

O olhar que Safira e Topázio se lançaram indicou a Rubi que elas não pensavam o mesmo, mas não lhes deu atenção e se foi.

* * *

Rubi nunca esperou que seu não desejado cortejo se iniciasse nessa mesma noite, na festa dos Arby.

Quando entrou no abarrotado baile, a primeira pessoa que seus olhos puderam reconhecer foi ele, justo do outro lado do salão, falava com uns cavalheiros e, como se só o fato de o olhar indicasse sua presença, virou-se para vê-la. Sorriu-lhe, com aquele mesmo sorriso que deixaria babando a mais de uma. Rubi se envergonhou de que a tivesse descoberto olhando-o e desviou o olhar para o lado só para encontrar-se com o olhar cúmplice de Rowena.

— Acredito que o marquês está interessado em ti, querida, — a duquesa comentou entusiasmada — vamos saudá-lo e conseguiremos que te peça uma dança.

Começou a avançar, mas Rubi a deteve tomando-a discretamente pelo braço.

— Não, Rowena, por favor — suplicou em voz baixa.

— Por que não?

— Porque não desejo dançar com ele.

— Por que não? — Voltou a perguntar sem entender qual poderia ser o motivo que Rubi teria para não querer dançar com tão bom partido. — Terá que procurar outro pretendente

já que Hereford se mostrou um caça-fortuna, graças a Deus que não o aceitou.

— Está tão ansiosa para se livrar de nós, Rowena?

A duquesa a olhou ofendida.

— É claro que não, mas estão na idade casadoura, se não se casarem agora, em seus vinte anos, depois será muito tarde.

— Sim, mas eu preferiria escolher com quem.

— Se não lhes permitisse escolher todas já estariam casadas com um dos tantos homens que foram pedir sua mão a William.

— Sim, sei, mas por favor, o marquês não e não pergunte por quê, só que... ele não.

Rowena franziu o cenho, mas não insistiu mais e se afastou para saudar um grupo de amigas.

Rubi suspirou e, já que suas primas se dispersaram para algum lugar, ela começou a procurar um grupo onde integrar-se. Localizou as senhoritas Bramson e se dirigiu para lá.

As gêmeas Bramson eram tão iguais por fora como eram diferentes por dentro, mas agradáveis ao seu modo. Adriana Bramson era alegre, risonha e sempre estava com um olhar malicioso e divertido em seu rosto, apesar de ter sido deixada quase plantada no altar recentemente, bom não foi precisamente assim, mas seu compromisso foi quebrado uns dias antes das bodas, o que para a sociedade era o mesmo; entretanto, a alegre moça não deixou que isso interferisse em sua vida e, em vez de esconder-se no campo e não sair nunca mais, — como todos esperavam — ia a todas as festas às quais era convidada e mostrava sua melhor atitude, como se o

assunto e o que dissessem dela não importasse. Ao contrário, Amber Bramson era um pouco tímida, mas doce e simpática quando pegava confiança. Não eram as mulheres mais formosas, mas aceitáveis. Possuíam o cabelo castanho claro e uns doces olhos verdes. Eram miúdas e de compleição magra, mas seus corpos eram bem formados. Em resumo, aptas para o matrimônio. Rubi levava um bom tempo para diferenciar uma da outra, e só o havia conseguido quando soube que Adriana possuía uma pinta um pouco mais abaixo da comissura esquerda do lábio.

Quase chegava a elas quando alguém se interpôs em seu caminho.

Não pôde evitar um leve grunhido de aborrecimento ao ver seu incômodo pessoal vestido em branco e preto.

— Não mostre tanto entusiasmo, querida, — sorriu zombeteiramente. — Me permite reservar uma dança?

— Não.

Ele inclinou um pouco a cabeça em forma de reprovação, mas Rubi sabia que se divertia.

— Por isso é que não tenho que te perguntar esse tipo de coisas — respondeu calmo, tomou seu cartão de baile e anotou seu nome em duas peças, como se a resposta de Rubi tivesse sido sim.

Inclinou a cabeça a modo de despedida e desapareceu por onde veio.

Rubi chegou até às Srtas. Bramson e estas lhe dedicaram um sorriso cúmplice. Só o que lhe faltava.

— Vejo que o marquês de Aberdeen está interessado em ti,

querida, — Adriana disse com um sorriso malicioso olhando na direção para onde foi o marquês.

— Oh, não, — Rubi respondeu sabendo que todos deviam ter chegado àquela conclusão — só pediu uma dança.

— Duas diria eu, — Amber comentou olhando seu cartão de baile — o suficiente para saber que está interessado, mas não tantas para considerar-se muito.

Rubi se ruborizou.

— Não tenho interesse nele — disse.

Ambas as irmãs encolheram ligeiramente os ombros ao mesmo tempo.

— É uma lástima, é um partido perfeito, melhor que Hereford, disse não há dúvida.

— Adriana, — Amber a admoestou — isso não nos interessa.

Adriana lhe ofereceu um sorriso de desculpa.

— Tem razão, perdoe, é que não se fala de outra coisa.

— Suponho — disse distraída. — Viram o vestido de lady Margaret?

A mudança de tema funcionou, as gêmeas começaram a comentar e logo a conversa tomou vários giros. Outros cavalheiros se aproximaram para lhe pedir uma dança, mas não lhe interessava, a única coisa que lhe importava é que ia ter que dançar duas vezes com Aberdeen. Mas por que precisava fazê-lo? Ele não tinha nenhum direito a obrigá-la a dançar com ele, assim, quando a música começou a soar, escapou antes que ele a encontrasse. Não pensava dançar com ele, só para lhe demonstrar que não ia fazer o que ele queria.

Conseguiu chegar até o terraço e ficou ali observando a lua enquanto escutava a música soar. Passou aproximadamente dois minutos em tranquila paz até que uma voz a interrompeu.

— Acredito que essa dança era minha.

— Visto que não a concedi de forma voluntária, não considero válido.

Ele se aproximou do corrimão e se colocou ao seu lado.

— Não reconsiderou a ideia do casamento?

— Não reconsiderarei nada, porque já sabe da minha decisão. Me deixe em paz!

Damián fingiu não ter escutado essa última parte.

— Sabe que eu poderia contar todo o acontecido aos duques e não ficaria outra opção que as bodas?

Rubi empalideceu e uma sensação de horror se imprimiu em seu rosto.

— Não faria isso — sussurrou. — Não, não faria, isso é muito até para você, Aberdeen.

Damián suspirou.

— Não, não faria, mas pelo amor de Deus, Rubi! O que foi que fiz para ter tal aversão por mim? Acaso foi tão grave?

Rubi não pensava explicar-lhe e tampouco se incomodou em lhe pedir que deixasse de chamá-la por seu nome.

— Digamos que não foi tão grave, mas suficiente para saber que não é o tipo de homem que desejo como marido.

— Mesmo assim estive comigo naquela noite.

Rubi o olhou furiosa.

— Estava bêbada! — Retrucou. — E você se aproveitou

para seduzir uma mulher bêbada.

Damián se mostrou envergonhado.

— E por isso não posso com a culpa.

— Já lhe disse que o libero de toda culpa.

— Por que foi lá, Rubi? — Perguntou-lhe.

Por um momento pensou em não responder, mas ao final falou.

— Fui investigar se os rumores sobre Hereford eram verdadeiros.

— Sozinha?

Ela negou com a cabeça.

— Topázio me acompanhou.

— Devia imaginar — sussurrou. — Te proponho algo: o que te parece se início um cortejo formal? Para nos conhecermos melhor?

Rubi negou com a cabeça.

— Não perca seu tempo, já lhe disse que não penso me casar, nem com você, nem com ninguém.

"Mulher teimosa", pensou Aberdeen.

— Bem, — disse, embora não pensava deixar o assunto ali — já que me privou da minha dança, acredito que é hora de cobrar isso de outra forma.

— Cobrar-me? De outra forma? Do que está falan...?

Os lábios dele sobre os seus interromperam qualquer protesto. Ela começou a lutar, mas não passou muito até que as já conhecidas sensações comesçassem a embargá-la e fizessem com que se rendesse a elas. Rubi lhe rodeou o pescoço com os braços e respondeu ao beijo com a mesma paixão da

última vez.

Soltou um gemido de protesto quando ele se separou, e foi então que foi consciente da realidade e o prazer foi substituído pela raiva por ela mesma. Acaso era estúpida? Desta vez não havia nenhuma gota de álcool em seu corpo que pudesse justificar seu vergonhoso comportamento. Como podia cair tão fácil? E o pior de tudo era que se deixara beijar em um lugar público, onde qualquer um poderia tê-los visto. Já não restava dúvidas, havia perdido a razão, estava completa e absolutamente louca.

— Acredito — Aberdeen comentou com a voz um pouco rouca — que não me incomodará se decidir escapulir de novo da outra dança, isto me parece muito melhor que dançar.

Rubi fechou os punhos dos lados e respirou fundo várias vezes para acalmar-se. Ultimamente estava sofrendo de muitos instintos assassinos. Teve que morder a língua para não lhe dizer, com as palavras mais obscenas que sabia, o que pensava de seu comentário. Em troca, dirigiu-lhe um olhar furioso, levantou os ombros, e saiu do lugar sem dar-se conta de que uns olhos cinzas a observavam com diversão do lugar mais oculto do mesmo balcão.

Capítulo 11

Damián permaneceu uns momentos mais no balcão observando como Rubi se afastava. Logo sorriu. Depois de tudo, ia ser mais difícil do que pensou convertê-la em sua mulher, mas não impossível, teria que haver uma forma. A mulher era muito teimosa para o seu gosto, mas às vezes aquela teimosia podia ser divertida se soubesse como manipulá-la.

Depois que passaram suficientes minutos para que pudesse entrar sem levantar suspeitas, dispôs-se a ir às portas-janelas que davam ao salão, mas antes de dar sequer um passo, uma voz o deteve.

— Milorde.

Damián se sobressaltou e uma pequena gargalhada ressoou no lugar.

— Milorde, não sei como pôde sair vivo da guerra se se sobressalta ante qualquer som.

Damián olhou com desprezo a mulher que se encontrava ao seu lado.

— O que quer? Ou melhor dizendo, quando entrou?

Topázio sorriu.

— Estive aqui todo o tempo e pude presenciar seu... encontro.

Damián abriu os olhos com surpresa, mas não disse nada, só pensou que a mulher se movia com um silêncio digno de um espião da Coroa.

— O que quer? — Voltou a perguntar sem ocultar seu aborrecimento.

— Mas que humor, milorde, eu só quero ajudar.

— Ajudar? — Perguntou franzindo ligeiramente o cenho.

— Sim, ajudar. Você quer casar-se com Rubi, certo?

Damián assentiu não muito seguro de quanto a mulher sabia.

— Entretanto, Rubi é muito obstinada e lhe asseguro que não aceitará, não importa se isso significa ficar solteira o resto de sua vida.

Bem, ao que parecia sabia o bastante.

— Então...

— Então vim lhe propor uma solução para o assunto.

Damián arqueou uma sobrancelha, não estava muito seguro de poder confiar nessa mulher cuja lealdade deveria estar com sua prima, mas nada perdia escutando-a.

— Estou ouvindo.

Topázio ampliou seu sorriso e começou a falar; quando terminou, Damián não podia estar mais surpreso.

— Você é uma bruxa — disse.

— Uma bruxa que acaba de lhe dar a solução perfeita — ela recordou.

Ele negou com a cabeça como se não acreditasse no que acabava de ouvir.

— Não lhe importa trair assim a sua própria prima, o seu

sangue?

O rosto de Topázio perdeu o sorriso.

— Até o próprio sangue trai, milorde, nunca esqueça disso, no entanto, eu não vejo como uma traição, mas como um favor para ela, para que não cometa o pior erro de sua vida. O que me diz?

Damián pensou.

— Não sei, seria um escândalo e as bodas teriam que celebrar-se rápido, isso não é o que desejo, não quero pressioná-la tanto.

— Não precisamente tem que ser rápido, — Topázio disse lhe contando a outra parte de seu plano — poderão ter ao menos um mês ou mais para organizá-las.

Ele assentiu.

— Então está de acordo?

— Sim — disse decidido.

— Bem, — voltou a sorrir de forma fria e virou-se para partir, mas antes de sair disse — estou confiando em que será o marido que minha prima merece, milorde, e se não o for, lembre-se que me movo tão silenciosamente como um gato e sei disparar.

Topázio se foi rindo baixo ante a expressão estupefata do homem.

Damián demorou um momento em recuperar-se da declaração e chegou à conclusão de que a palavra de Topázio Loughy não devia ser desconsiderada.

Deixou que passassem outro par de minutos e saiu decidido a não perder Rubi de vista. Devia-lhe uma dança ou

um beijo, conforme preferisse ela. Sorriu. Devia-lhe uma dança.

* * *

O dia eleito para executar o disparatado plano de Topázio Loughy chegara. Dois dias depois daquele baile, Damián se encontrava entrando na residência da senhora Rushforth para participar do almoço que havia organizado a mulher.

Não podia negar que, a cada minuto que passava, as dúvidas sobre se faria o correto se incrementavam. Rubi o odiaria por um bom tempo se o fizesse e não sabia se poderia convencê-la de que ao final era o melhor. Tampouco estava seguro de poder levar a cabo tal plano egoísta, só imaginado por uma mulher mais egoísta como o era Topázio Loughy. A princípio aceitara, sim, mas agora não estava seguro. Manipular a vida dos outros ao seu desejo para conseguir o que queria parecia um ato ruim, sendo o pior que o que realizaria a seguir era justamente o que nem ele nem outros cavalheiros desejavam que lhes fizessem.

Pensou em quanto queria Rubi Loughy como esposa e avaliou se valeria a pena, de verdade, o que ia fazer. Depois de um momento decidiu que sim. Se pensasse bem, era um tanto irônica a situação. Estava com receios de levar a cabo um plano egoísta, mas ele mesmo havia admitido que suas razões para a converter em sua esposa, além da culpa, também eram puramente egoístas, então o que importava mais um ato dessa índole?

Decidido, caminhou com passo firme pelo jardim;

primeiro, até onde se encontrava a senhora Rushforth para saudá-la, e logo até onde se encontrava lady Richmond com todas as suas pupilas.

Observou como uma expressão de aborrecimento mal dissimulado passava pelo rosto de Rubi Loughy e sorriu por isso. Logo fixou seu olhar em Topázio Loughy, em seu rosto não havia o menor rastro do remorso que o havia carcomido durante todo o caminho, o que fez com que se perguntasse se o que se dizia dela era verdade, que era uma mulher fria e sem sentimentos a quem não lhe importava ninguém mais que não fosse ela. Embora esta fosse uma descrição que se podia aplicar à maior parte da sociedade, Topázio era a única que não se incomodava em ocultar, o que causava mais de um falatório. Damián não era homem que se deixasse levar pelo instinto, mas algo lhe dizia que essa mulher era algo mais do que queria aparentar. Além disso, não devia ser tão egoísta se havia elaborado aquele plano.

— Lady Richmond — saudou quando chegou. — Senhoritas.

Fez uma inclinação de cabeça como saudação e elas responderam, mas se podia notar a quilômetros que Rubi o fazia a contragosto e que não se sentia nada contente de vê-lo ali.

— Milorde, que alegria o ver por aqui, — Rowena disse — faz um dia lindo, ideal para este tipo de eventos.

— Estou em total acordo, excelência.

— Bom, deixo-o em boa companhia. Se me permite irei saudar umas amigas, estarei perto se me necessitarem — dito

isto se foi.

— Eu irei ver o que tem de interessante neste lugar — Topázio disse e também desapareceu, não sem antes lhe piscar um olho de forma dissimulada.

— Eu... — Safira começou, mas Rubi interrompeu.

— Você ficará conosco, não é, Safira? — Perguntou em tom aparentemente amável, mas em sua voz estava implícita uma advertência.

Safira olhou a todos os lados como procurando a melhor desculpa para sair e pareceu encontrá-la, porque disse:

— Oh, olhe as gêmeas Bramson, irei saudá-las — comentou e logo desapareceu deixando-os sozinhos.

— Para que querer um inimigo se com a família basta — resmungou em voz baixa, mas Damián a escutou, porque sorriu.

— Mas me parecem bastante agradáveis.

O olhar que Rubi lhe lançou fez Damián agradecer que este não matasse.

— Falemos claro, milorde, está sendo tão aborrecido como uma sanguessuga, me diga, o que tenho que fazer para me livrar de sua perseguição?

— Perseguição? — Perguntou arqueando uma sobrancelha divertido. — Assim se chama agora o cortejo?

— Para mim é perseguição.

— Poderia se dizer que muitas mulheres fazem o mesmo com intuito de conseguir um marido.

— Eu nunca fiz e por isso eu não gosto de ser vítima dela.

— Façamos algo, nos vemos na biblioteca em dez minutos

e te prometo não voltar a insistir no tema do casamento — ao menos depois não precisaria insistir mais.

Os olhos de Rubi se iluminaram, algo que o incomodou, nem sequer pensou em quão indecorosa podia ser a situação se assim podia livrar-se dele.

— Feito — aceitou.

— Bem, te espero lá — disse e se foi.

Enquanto caminhava para a biblioteca, Rubi se negou a pensar no incorreto daquele encontro. Havia só uma coisa em mente, e era livrar-se daquele homem de uma vez por todas. Ela sabia que ele terminaria por agradecer-lhe quando se desse conta de que estivera a ponto de cometer uma loucura; sem dúvida agradeceria que ela nunca tivesse aceito aquela absurda proposta.

Suspirou. A ideia do casamento em si nunca lhe parecera absurda, é verdade, ela desejaria logo ter uma família e não poderia, mas esse era o preço que teria que pagar por seu erro, um erro bastante prazeroso, sim, mas erro ao fim; não pensava solucionar um erro cometendo outro. Aberdeen era muito arrogante para o seu gosto, e embora tivesse demonstrado ser um homem de honra ao a pedir em casamento, ela não se casaria com ele. Não importava que a fizesse tremer, e não de frio, cada vez que estava perto dele. Não importava que desde a primeira vez que o viu sentiu uma curiosidade inata por ele, apesar de ter saído depois decepcionada. Esse último ponto era o que mais a incomodava, não pôde afastar sua curiosidade por ele, apesar da decepção que teve posteriormente. Não conseguiu evitar que aquele homem a intrigasse e, sobretudo,

não conseguia evitar pensar que era uma boa pessoa apesar de seu comportamento arrogante, presunçoso e cínico, mas como já havia comprovado, não podia confiar em seu instinto. Precisava pensar em todos os seus defeitos para poder convencer-se de que ele não era nem de perto o que ela aceitaria em um marido; não interessava que dadas às circunstâncias ele fosse o único marido que pudesse ter.

Ao entrar na biblioteca localizou Aberdeen no outro extremo do cômodo, parado em frente à janela em uma pose relaxada.

— Bem — Rubi disse aproximando-se. — Do que queria falar?

Damián sorriu.

— Nunca mencionei que desejasse falar — replicou aproximando-se para encurralá-la com os braços.

Rubi retrocedeu até que chocou com uma das estantes. Ele aproveitou para lhe bloquear o caminho com seus braços.

— Você é desprezível! — Disse. — Mas me escute bem: o fato de que tenha cometido a sandice de me deitar com você uma vez não significa que eu me considere menos respeitável e muito menos uma qualquer.

O sorriso de Damián se apagou.

— É bom saber, pois eu nunca te considere nada parecido.

— Então me deixe ir — pediu sentindo como sua proximidade começava a lhe afetar. Precisava sair dali.

Ele negou com a cabeça e, antes que Rubi pudesse protestar beijou-a.

A ideia de resistir abandonou sua cabeça mal aqueles lábios começaram a acariciar os seus e aquela língua começou a brincar com a sua, então Rubi não encontrou, por mais que quisesse, a maneira de resistir. Odiava a forma como se rendia ante ele com um simples beijo. Odiava ser tão vulnerável àqueles lábios, mas Deus, como se sentia bem.

Circulou seu pescoço com os braços e se entregou se perdendo no mar de sensações que o beijo lhe provocava. Colou-se mais a ele desejando sentir seu contato e ele a atraiu para si para abraçá-la. Quando seus lábios se transladaram ao seu pescoço, não foi consciente de nada mais que do prazer que isto lhe provocava. Afundou as mãos em seu cabelo e arqueou o pescoço para lhe dar mais acesso. Suas últimas ações sem dúvida alguma deviam ser pecados, mas pecados deliciosos, e se já cometera o pecado de estar com ele sem o casamento, o que mais importava?

Procurou provar seus lábios e ele os deu. Estava tão concentrada em seu delicioso sabor que demorou mais que o necessário em ser consciente dos murmúrios e pigarros que lhe indicaram que já não se encontravam sozinhos.

Como se seus neurônios mal tivessem processado a informação, Rubi perdeu a cor e virou-se para a porta da biblioteca. Imediatamente se separou dele ao ver que havia público.

Isto só poderia ser uma brincadeira.

Capítulo 12

Rubi nunca foi crente nem de maldições, nem de malefícios, nem muitos menos de superstições. Mas agora que via o grupo de mulheres em frente a si estava segura de algo: possuía muita má sorte para ser verdade. E aquele tipo de coisas só pareciam acontecer a ela.

Com o rosto vermelho de vergonha, analisou os rostos com ar de reprovação que se encontravam em frente a ela. Lady Marden, lady Kindell, a senhorita Carter e sua anfitriã formavam o grupo que, para rematar, eram as pessoas mais fofoqueiras com que contava a sociedade. Como se fosse pouco, também se encontravam Safira, Topázio e Rowena.

“Genial”, pensou Rubi, acaso algo podia ser pior?

— Mas o que significa isto, milorde? — Perguntou a senhorita Carter, uma solteirona de quarenta anos sem outro ofício que a intriga.

Agradeceu que a pergunta fosse dirigida a ele, porque ela não se via capaz de falar. Virou-se para Aberdeen para ver sua expressão e se surpreendeu ao notar que não parecia estar nada afetado. Supôs que tantos anos de serviço militar haviam o ensinado a controlar suas emoções.

— Eu peço desculpas por isso. Vejam, a senhorita Loughy aceitou ontem ser minha esposa, e hoje só queríamos discutir a

melhor maneira de dar a notícia; suponho que... consumidos pela emoção, já sabem.

Uns murmúrios de surpresa começaram a estender-se entre as mulheres.

Enquanto seu cérebro ia identificando o significado de cada palavra dita por Aberdeen, ia sentindo-se cada vez mais perplexa. Perplexidade que deu lugar à fúria quando entendeu que era uma desculpa muito boa para ter sido planejada em somente alguns segundos. Uma desculpa que, além disso, deixava-a talvez em uma situação pouco menos comprometedora que em que a haviam encontrado, mas comprometedora ao fim e que se ajustava perfeitamente aos planos do marquês. Uma desculpa que devia ter sido planejada com antecipação. Abriu os olhos ao ser consciente do que acabava de acontecer. Caíra em uma armadilha. Se tudo isso não fosse mudar sua vida teria rido pela ironia do assunto.

Não se incomodou em dissimular o olhar furioso que dirigiu ao Aberdeen ou, melhor dizendo, não conseguiu dissimular. Este, como se temesse que dissesse algo, comentou.

— Querida, não me olhe assim; sei que talvez esta não fosse a maneira que queria tornar público, mas era necessário explicar a estas damas para que não pensassem mal.

A tranquilidade com que o disse não fez mais que enfurecê-la. Já começava a respirar com dificuldade e temia explodir. Tentou dizer algo, mas as palavras não pareciam querer sair da boca. Olhou para o grupo de espectadoras. As mulheres pareciam ter concordado com a explicação dada, já

que agora não a olhavam com total desaprovação no rosto, em troca sorriam como se lhes acabassem de pôr uma succulenta sobremesa em frente para comer, só que era uma succulenta intriga para comentar. Desviou a vista para Rowena e suas primas.

Rowena estava com o cenho um pouco franzido, seguramente perguntando-se o que estava acontecendo, embora sorrisse e assentisse quando alguma das damas virava para lhe dizer algo. Safira, por sua vez, olhava Topázio lhe perguntando algo com o olhar e compreendeu qual era a pergunta quando desviou a vista para ela. Topázio tinha aquele brilho nos olhos e aquele meio sorriso que colocava quando algo que planejava saía bem.

Não podia ser, não podia acreditar, mas era mais que óbvio: os dois haviam planejado! Aberdeen se encarregara de entretê-la ali enquanto Topázio procurava espectadores. Traíram-na! De Aberdeen podia acreditar, mas ela era sua prima, seu sangue, sabia que não queria casar-se e mesmo assim a traiu!

Começou a ver tudo vermelho, não sabia se pela raiva ou pela dor que esse fato lhe causava.

Olhou Topázio como se esperasse que ela fizesse algo para negar a conclusão a que havia chegado, mas só fez seu típico gesto de encolher ligeiramente os ombros e isso foi confirmação suficiente.

Condenados fossem os dois! Como fizeram isto?

Rubi agradeceu quando todas começaram a sair da biblioteca, seguramente ansiosas para contar o que viram.

Depois das mulheres saiu Rowena, cujos olhos azuis a olharam lhe assegurando que pediria uma explicação. Safira a seguiu e quando Topázio estava a ponto de sair Rubi a agarrou pelo braço para detê-la, não iria dali sem que lhe esclarecessem o acontecido.

— Como puderam me fazer isto?! — Exclamou quando esteve segura de que não tinha ouvidos indiscretos perto. — Como pôde, Topázio? Supõe-se que devia estar do meu lado, é minha prima, minha família, meu sangue, sabia que eu não desejava me casar e mesmo assim participou deste absurdo. Não tem um mínimo de sentimentos? — Topázio não respondeu e o pior era que em seu rosto não havia o menor rastro de remorso. — É uma traidora, uma harpia da pior índole, nunca acreditei que tudo o que todos diziam fosse verdade, sempre quis pensar que havia algo bom em ti, mas isto... — negou com a cabeça. — Nunca lhe perdoarei isto, eu juro que não voltarei a falar contigo em minha vida. E você, — disse dirigindo-se a Aberdeen — é um animal, eu o odeio! Juro que pagará por isso, acredita que pode ir por aí fazendo com a vida dos outros o que deseja? Manipulando situações para sua conveniência? Pois lhe asseguro que conseguirei que cada dia de nosso casamento seja um calvário — dito isto saiu como uma fúria.

O silêncio que se seguiu foi quebrado por Topázio segundos depois.

— Acaso esqueci-me de mencionar que possuía sangue irlandês? — Topázio mencionou olhando Aberdeen, que estava com uma expressão estupefata no rosto.

— Está furiosa, acredito que cometemos um erro.

Topázio encolheu os ombros.

— Passará, já o verá. É provável que não fale comigo por algum tempo, mas passará — disse e depois saiu.

Damián só atinou a assentir. Era surpreendente como essa mulher não parecia mostrar o menor sinal de culpa ante o acontecido. Ele mesmo se sentia nesse momento como um bastardo egoísta. De verdade havia chegado tão longe só para conseguir uma mulher? Podia ter a que quisesse, entretanto, queria a ela, e sabê-lo fazia com que não se sentisse tão mal. A compensaria, disse-se, de alguma forma conseguiria que lhe passasse o aborrecimento e que fosse feliz.

Enquanto caminhava para o lugar onde se realizaria o almoço, ocorreu-lhe a ideia perfeita.

Todo o almoço pareceu eterno a Rubi. Teve que juntar seus maiores esforços para não mostrar quão furiosa se encontrava quando Aberdeen anunciou o compromisso e a data das bodas que se realizariam em um mês e meio. E teve que fazer um esforço por conter-se, já que o que desejava naquele momento era matá-lo. Como brincava assim com sua vida? Era um desgraçado, agora sim havia motivos para odiá-lo, era um desgraçado, arrogante, manipulador. Fora atraída à armadilha como um camundongo ao qual colocavam em frente um suculento queijo antes de apanhá-lo e matá-lo. Mas pagaria, de alguma forma pagaria.

No final do dia sentia vontade de chorar, e assim o fez. Trancou-se em sua habitação e chorou sem saber bem por quê até que ficou sem lágrimas. Não jantou nada. Permaneceu em seu quarto, que parecia haver se convertido em seu refúgio. Se

casaria com um homem que não só não gostava, mas pelo qual sentia algo que se assimilava ao ódio. Talvez ele algum dia se arrependesse de tudo isso, mas ao menos ela estaria ali para lhe recordar que tudo foi sua culpa, e bem que se arrependeria. Disso ela se encarregaria.

Estava para chamar a sua criada para que a ajudasse com o vestido quando bateram em sua porta.

— Posso entrar, querida? — Era a voz de Rowena.

— Entra.

Rowena entrou. Em seu rosto havia uma expressão que não podia definir-se como outra coisa que não preocupação maternal.

— O que aconteceu, querida? — Perguntou sentando-se na cama.

Rubi sorriu melancolicamente.

— Soaria muito credível se te dissesse que caí em uma armadilha matrimonial?

Rowena sorriu.

— É o que supus, mas me pergunto por quê? Quer dizer, Aberdeen não mostrara interesse por ti antes, seu interesse vem de uns dias para cá. O que aconteceu?

Rubi suspirou.

— Por que desconfia que aconteceu algo?

— Porque estou segura de que algo aconteceu. O que acontece, querida? Não confia em mim?

— Não é isso, é só que... é tudo muito complicado de explicar e entender.

— Estou segura de que serei capaz de compreender.

Rubi não acreditava assim. Era muito provável que desmaiasse ao saber.

— O que quer tenha acontecido não importa, Rowena, de todas as formas terei que me casar com ele.

— Sabe que jamais a obrigáramos a isso.

— Acaso há forma de evitar? — Perguntou sabendo que não havia.

Rowena pareceu pensar.

— Podemos fingir um tempo de compromisso e depois rompê-lo.

— Seria um escândalo, sabe, sobretudo pela situação em que nos descobriram, eu ficaria arruinada e com isso o bom nome de vocês também. Jamais lhes faria isso, sério, Rowena, já não importa.

A mulher parecia não querer sair dali sem ter conseguido a tirar daquele desânimo.

— Aberdeen não é um mau homem, possivelmente fez o que fez porque se apaixonou de repente por você e como você se negava a lhe dar uma oportunidade...

Rubi teve que conter um sopro.

— Se você diz... — disse em um tom que deixava claro que ela não acreditava assim.

— Não é melhor me dizer o que te afasta dele? Nunca soube o motivo de sua aversão a um dos melhores partidos da Inglaterra.

Rubi pensou que nada perdia contando-lhe, então o disse.

Rowena, depois de ter analisado um momento a informação recebida, comentou:

— Não te parece uma razão um tanto absurda e carente de fundamento?

— Talvez, — encolheu os ombros — mas o que houve hoje só confirma a opinião que tive dele naquela ocasião.

Rowena não rebateu o assunto.

— Bem, — disse — sobre Topázio...

Rubi grunhiu.

— Não me fale dela, não penso voltar a falar com ela nunca mais em minha vida — disse com firmeza.

— É sua família, querida, não pode deixar de lhe falar.

— Farei sim.

— Estou segura de que não fez com má intenção, de verdade acredita que Topázio faria algo intencionalmente para te machucar?

— Antes não teria acreditado, agora não estou segura, mas te prometo reconsiderar o assunto se é o que deseja.

Rowena assentiu e se levantou com um suspiro.

— Sim, pensa e analise também o assunto das bodas. Às vezes as coisas acontecem por algo, tenta ver o lado bom do acontecido e possivelmente tenha uma surpresa — aconselhou-a e logo saiu deixando Rubi reconsiderando o tema.

Capítulo 13

— Você também planeja deixar de falar comigo, como Rubi? — Topázio perguntou arqueando uma sobrancelha e sorrindo enquanto passava manteiga em uma torrada.

Safira, que era a outra pessoa no salão de café da manhã, olhou-a com olhos entrecerrados em claro gesto de desaprovação.

— Por que fez isso, Topázio? — Perguntou por sua vez.

— Acreditei que queria que ela se casasse com Aberdeen.

— Sim, queria, mas de outra forma, não obrigada. O que fez foi ruim.

— Sei.

— Então por que não te vejo arrependida?

— Talvez porque não estou.

— Mas se acaba de admitir que o que fez foi ruim.

— Mas isso não significa que me arrependa de havê-lo feito — disse como se fosse lógico.

— Rubi é nossa prima, Topázio — lhe recordou.

— Acredito que também sei isso.

Safira grunhiu com exasperação.

— Não devia se meter em sua vida assim, não devia ter feito isso.

Topázio encolheu os ombros.

— Já está feito.

— Rubi não voltará a falar contigo.

— Isso está por ver-se.

— Por que fez isso? — Voltou a perguntar, já que não obteve resposta.

— Porque eu fiz isso é algo que não vai saber — disse enquanto se levantava. — Bom dia.

Topázio saiu do salão de café da manhã e deixou Safira curiosa.

* * *

— Aatire-as ao lixo, as queime, faça o que for com elas, mas tire-as da minha frente — Rubi ordenou à criada que lhe perguntou o que iam fazer com as flores que chegaram para ela.

Rubi estava furiosa, como parecia ser seu costume ultimamente. O canalha lhe mandara flores, acreditava que com isso podia compensar o fato? Pois se enganava.

— Mas senhorita... — protestou a criada — são muito formosas.

Sim, eram rosas muito formosas, mas não pensava aceitá-las, fazê-lo seria como se o tivesse perdoado, não importava que fossem suas favoritas.

— Não me importa, desfaça-se delas.

— Não, espera, — a voz de James ecoou no vestíbulo — não as jogue, dê-me isso, estou seguro de que Caroline adorará. É fanática pelas rosas e sempre tem sua casa cheia delas.

Rubi o olhou furiosa.

— Não dará as flores à sua nova amante — disse sem lhe importar o pouco correto que isso soou.

— Mas acaba de dizer que não as quer, seria um completo desperdício jogá-las — James argumentou.

— Como seja, não as dará à sua amante. Nelly, — disse à criada — fique com elas e as coloque em seu quarto ou na cozinha, não sei — a criada murmurou um agradecimento e se foi. — E você, — disse dirigindo-se a James — compre para Caroline suas próprias flores.

— Levantou-se de mau humor hoje, pelo que vejo, e eu acreditei que estar comprometida era o que mais alegrava uma mulher.

Rubi soltou um grunhido muito pouco feminino e desapareceu.

James inclinou a cabeça dizendo-se que nunca entenderia as mulheres. Abriu a porta de entrada e saiu. Lá fora se encontrou com a carruagem do marquês que acabava de chegar.

— Se veio ver Rubi — disse uma vez que Damián desceu da carruagem — recomendo que retorne outro dia, — aconselhou — amanheceu com um humor insuportável, até deu de presente suas flores à criada, não sem antes sugerir que as queimassem ou jogassem no lixo.

Damián sorriu.

— Teria me surpreendido se as tivesse aceito, mas precisava tentar — Aberdeen respondeu e se dirigiu à porta.

James se foi do lugar sem saber o que pensar.

* * *

— Diga-lhe que não estou — Rubi ordenou ao mordomo sem afastar os olhos do livro que acabava de pegar. — Não, melhor, diga-lhe que não desejo vê-lo.

Uma coisa em que podia confiar era na discrição de seus criados, sabia que essa rejeição tão evidente ao seu suposto prometido não chegaria a ouvidos alheios.

— Muito bem, senhorita — aceitou o homem mais velho.

— Não acredito que isso seja necessário — interrompeu a voz de Aberdeen antes que o mordomo pudesse sequer dar um passo para despedi-lo.

— Entrar dessa maneira é de todo descortês, milorde — Rubi disse com ironia ainda sem deixar de olhar o livro, embora fosse claro que não estava lendo nada.

— Rejeitar um convidado também é.

Rubi não respondeu.

— Senhorita? — Disse o mordomo, indeciso sobre o que fazer.

— Deixe-o, Elkhart, vou atendê-lo.

O mordomo inclinou a cabeça e saiu.

— Você gostou das flores? — Damián perguntou se sentando na poltrona em frente a ela sem esperar convite.

Rubi não o olhou.

— Não, eram horríveis, mandei queimá-las.

Ele sorriu.

— É uma lástima, melhor me dizer que tipo de flores você gosta, então. Para que lhe agradem na próxima vez.

Ela levantou a vista do livro e o olhou furiosa.

— A que veio?

— Vê-la, é óbvio.

Ela o olhou com raiva e decidiu ignorá-lo.

— Servirá de algo se te pedir perdão?

— Não!

— E se te disser que estou arrependido?

— Não acreditaria, sabe por quê? Porque é um desgraçado, Aberdeen! Um canalha da pior espécie, um egoísta arrogante que só pensa em seu bem-estar e não lhe importa o que os outros possam pensar! — Gritou e se sentiu um pouco melhor ao desafogar-se.

— Já se sente melhor?

— Sim, — ela respondeu mais calma — por que fez isso, Aberdeen?

— Porque eu gosto de você, — confessou — e porque se fosse me casar com alguém, queria que fosse alguém como você.

Rubi abriu os olhos com surpresa e logo o olhou com desconfiança.

— Isso não é verdade, eu não sou seu tipo de mulher.

— Como pode estar tão segura disso?

Rubi sorriu de forma cínica.

— Porque sou igual a todas, bonita, mas sem cérebro e você não se casaria com alguém assim até que fosse obrigado.

Aberdeen franziu o cenho pensativo, como se reconsiderasse suas palavras, logo, acima de todo esperado, pôs-se a rir.

Rubi escutou atônita o som de sua rouca gargalhada. De

todas as reações que tivesse esperado, essa era a última que teria imaginado e por algum motivo foi o que mais raiva lhe causou.

— Pode-se saber o que lhe causa tanta graça?! — Explodiu.

Aberdeen teve que respirar várias vezes antes de poder falar.

— Então escutou essa conversa? — Perguntou ainda ofegando pela risada, fazia anos que não ria assim.

— Sim!

— Não te parece de má educação escutar conversas alheias?

Rubi quase fica com a boca aberta.

— Foi por acaso!

Damián assentiu, já mais calmo.

— E devo supor que todo seu desprezo para comigo se deve a isso?

Ela assentiu e ele pareceu pensar o assunto.

— Suponho que te devo uma desculpa.

— Isso não me interessa, a gente se desculpa por algo do qual se arrepende, e você não está arrependido.

— Tenho que admitir que me apressei em te julgar, Rubi, a ti e às tuas primas, mas para ser sincero, disse isso pois nesta sociedade todos os anos há jovens debutantes e todas são treinadas para o mesmo: caçar um marido e deixar para trás todo rastro de inteligência ou decisão própria. Que razão haveria para pensar que vocês podiam ser diferentes? Não te parece que exagerou um pouco?

Ela encolheu os ombros.

— Sim, mas sou muito rancorosa.

— Já vejo. Então, esclarecido o assunto e me levando a valiosa lição de que não devo julgar sem conhecer: aceita se casar comigo?

— Acredito, milorde, — respondeu com desprezo — que não me deixou outra opção, mas ao menos terei o consolo de que, quando se arrepender, não serei eu a causadora de estar presa a você.

— Não me arrependerei, — assegurou — porque pensa isso?

— Não penso, estou segura. Está fazendo tudo isto movido pelo remorso, isto não funcionará.

Damián se absteve de lhe dizer os outros motivos pelos quais queria casar e que fariam com que o matrimônio funcionasse.

— Acredito que isso depende de nós — disse inclinando-se para frente para tomar uma de suas mãos. — O que acha de tentarmos? Temos um mês e meio para nos conhecermos melhor, se não funcionar, rompemos o compromisso.

— Não podemos fazer isso, seria um escândalo de grandes proporções.

— Já que decidiu que não pensa em se casar, não vejo problema.

O olhar que lhe dirigiu bem podia havê-lo matado se tivesse esse poder.

— Minha família sairá prejudicada.

— Sua família tem muito poder para ser deixada de lado

tão facilmente. Falarão do assunto, sim, mas só enquanto não encontram algo melhor para comentar.

Rubi considerou o assunto.

— Está bem, aceito, mas lhe advirto que não penso seguir adiante com as bodas.

“Isso veremos”, pensou.

— O tempo decidirá — disse. — Pensei em convidá-las à minha residência campestre por uns dias. Você gosta do campo?

Rubi assentiu.

— Adoro, é mil vezes melhor que Londres, no entanto, a temporada está em pleno apogeu e seria imperdoável faltar a ela.

— Mas uns dias longe não causariam nenhum inconveniente, certo?

— Não.

— Então, estamos de acordo, irão uns dias à minha residência de campo?

— Por mim está bem, mas teria que falar com Rowena, embora não acredito que haja problema.

— Perfeito, — se levantou — ficamos assim então — levantou sua mão e a beijou. — Outra coisa — disse antes de sair.

— Sim?

— Volte a me chamar de “*milorde*” ou me falar formalmente e serei eu quem explodirá.

Dito isto, saiu e deixou Rubi sorrindo.

Capítulo 14

Tal e como havia predito, Rowena não só aceitou, mas se mostrou encantada com a ideia, e não porque fosse fanática pelo campo, que não o era, mas sim porque isso envolveria uma aproximação entre Aberdeen e Rubi. As demais não manifestaram o mesmo entusiasmo que Rowena, mas não opuseram nenhuma queixa. William, ao ter trabalho a fazer na Câmara dos Lordes, não podia ir, por isso a duquesa teve que manipular James de forma ágil para que aceitasse acompanhá-las. James, que sabia que travar uma discussão com sua cunhada significava uma batalha perdida para ele, aceitou, a contragosto, mas aceitou.

Depois de três dias de organização, a família saiu para a residência ancestral do marquês, a que demoraram outros três dias em chegar, pois ficava perto da fronteira com a Escócia.

Quando chegaram o sol já estava a ponto de se pôr, entretanto isso não os impediu de ver a maravilhosa paisagem que tinham em frente. Rubi nunca vira um verde mais intenso e formoso como o dos prados e planícies que observou através do guichê da carruagem. A casa não ficava trás. Levantava-se como uma fortaleza no meio do terreno. Possuía uma fachada ampla de formosa pedra branca. Uns degraus de mármore em semicírculo os conduziram à grande entrada onde as portas

duplas emolduradas por duas colunas coríntias foram abertas por um mordomo que lhes deu as boas-vindas.

Foram guiados através do vestíbulo até um grande salão, tão formoso como a própria casa. As paredes estavam decoradas em damasco, azul rei e dourado. O teto, em forma de cúpula, apresentava cenas da mitologia grega. Dali pendurava um grande candelabro com espaço para ao menos quarenta velas que, refletidas nos espelhos colocados estrategicamente nas paredes deviam dar ao salão um aspecto espetacular quando estivessem acesas.

— Olhe o lado bom, — a voz de Topázio sussurrou em seu ouvido — ao menos tudo isto será teu.

Rubi não respondeu, ainda seguia sem lhe falar, embora não pudesse negar que tinha razão. Ser a proprietária de tudo isso era um incentivo bastante forte e seria suficiente se ela fosse ambiciosa, mas para desgraça de Aberdeen e todos aqueles que queriam vê-la casada, não era.

Aberdeen entrou nesse momento no salão e lhes deu as boas-vindas.

— Um formoso lugar, milorde — Rowena comentou.

— Depois das bodas poderá vir quando quiser, excelência — Damián respondeu com um sorriso olhando de soslaio Rubi, que devia estar mordendo a língua para conter uma réplica.

Logo depois disso foram conduzidos cada um às suas habitações com o fim de que pudessem se preparar para o jantar. Este transcorreu de forma tranquila até que James comentou.

— Espero que tenha algo interessante planejado Aberdeen,

já que me arrastaram até aqui ao menos espero não morrer de aborrecimento.

— Suponho que sempre podemos pensar em algo: corridas a cavalo, competições de tiro...

— Isso seria uma magnífica ideia, milorde, — Topázio interveio entusiasmada — porque suponho que não nos deixarão de fora, não é? Por minha parte, eu adoro cavalgar e sabemos disparar muito bem. Acredito que se deu conta disso naquela reunião de lady Pembroke.

Damián assentiu e Rowena soltou um estalo de aborrecimento ao recordar aquela ocasião em que suas pupilas decidiram fazer uso de seu talento com as armas na competição de tiro, que se supunha que era só para cavalheiros.

— Oh, eu quero aprender a disparar — Esmeralda disse. — James, ensina-me? Ensinou a todas elas, mas a mim não — queixou-se.

— Era muito jovem naquele momento, — James se defendeu — mas quando quiser a ensino, duende.

Esmeralda estava tão feliz pela resposta que não replicou por aquele apelido que tanto odiava, porque, apesar de ter dezesseis anos, não parecia que fosse crescer além de um metro e cinquenta.

— Não! — Rowena exclamou. — James, proíbo-o que ensine Esmeralda a disparar, é a única que não foi influenciada por ti.

James sorriu.

— Diz como se fosse algo mau.

— É!

— Mas eu quero aprender, — Esmeralda se queixou — não vejo nada de mau nisso.

— Se James não pode te ensinar, eu o farei — Rubi disse. Esmeralda sorriu satisfeita e Rowena suspirou.

— Moças, comportem-se, por favor, — Rowena pediu — o que lorde Aberdeen deve estar pensando de nós? Deve acreditar que se uniu a uma família de loucos.

“Não seria ruim”, Rubi pensou. Olhou Aberdeen para ver se o arrependimento já brilhava em seus olhos, mas a única coisa que conseguiu ver foi o inútil intento de ocultar um sorriso divertido.

— Não se preocupe, excelência, — ele respondeu — acreditem-me, estou mais que encantado com vocês.

— Então deve sofrer de algum problema mental, Aberdeen, pois ninguém em seu sã julgamento estaria encantado com todas estas loucas, incluindo, Rowena.

A mencionada afogou uma exclamação de horror diante de semelhante ousadia e má educação e logo ele teve cinco pares de olhos que lhe lançavam olhares assassinos.

— É insuportável, James — Rubi disse.

— E intolerável — Topázio acrescentou.

— O que disse é imperdoável — Safira comentou.

— É uma completa falta de respeito — Rowena chiou com ar ofendido.

— Falta você, duende — James disse a Esmeralda, que não havia dito nada.

Ela encolheu os ombros.

— Estou de acordo com todo o dito anteriormente, só que eu te perdoo se me ensinar a disparar.

As gargalhadas ante o comentário foram inevitáveis para todos e logo qualquer desconforto desapareceu deixando-os desfrutar de um agradável jantar. Inclusive Rowena relaxou, embora deixasse claro que ela não perdoaria.

* * *

— Com o tempo se acostuma — James disse a Aberdeen antes de retirar-se.

As damas há tempo foram deitar e eles ficaram na biblioteca fumando.

— São um tanto peculiares — Aberdeen comentou.

— Sim, mas quando chegaram trouxeram alegria à casa. Esta nunca voltou a ser a mesma desde que elas apareceram e ninguém sente saudades de como era antes. Meus pais morreram quando eu estava com dez anos e após estive sob a tutela do meu irmão. Os dias nessa casa eram tão aborrecidos que quando me davam férias em Eton preferia convencer um dos meus amigos para ir à sua casa que ir à minha. Entretanto, desde que elas chegaram, tudo foi diferente. As refeições eram cheias de risadas, na casa sempre ressoavam gritos. É surpreendente como conseguiram sobrepor-se à morte de seus pais; demorou bastante em acontecer, mas conseguiram e estou seguro de que não há um dia em que meu irmão não abençoe o dia em que Rowena as trouxe.

Damián ficou curioso.

— O que foi que aconteceu nesse dia? Quer dizer,

ouviram-se muitos rumores, mas nunca se soube em concreto o que aconteceu.

James encolheu os ombros.

— Nunca falaram do tema, suponho que fosse muito doloroso fazê-lo. Acredito que nem elas mesmas sabem bem o que aconteceu.

Damián assentiu.

— Boa noite —despediu-se James, deixando Damián pensativo.

No dia seguinte um problema impediu que Damián tomasse o café da manhã com suas hóspedes. Quando retornou disposto a convidar Rubi para cavalgar não a encontrou em nenhum lado, o que encontrou foi sua biblioteca invadida por duas mulheres.

— Aqui não há nada interessante para ler, Safira — Esmeralda se queixava sem perceber sua presença.

— Para mim há muitos livros interessantes para ler, Esmeralda — ela respondeu sem afastar o olhar do que fosse que estivesse lendo.

— Para mim não, estes livros são tão aborrecidos que poderiam curar qualquer caso de insônia — balbuciou. — Devia ter trazido um dos meus.

— Os seus não deveriam chamar-se livros, são puras novelas românticas, se quer ler um livro de verdade, pega qualquer um, asseguro-te que gostará.

Esmeralda fez uma careta perante a sugestão e seguiu procurando como se milagrosamente pudesse aparecer algo interessante.

Damián pigarreou para fazer notar-se sua presença.

As duas mulheres viraram para ele.

— Bom dia, milorde, — Safira saudou — seu mordomo nos disse que podíamos usar a biblioteca.

— É claro, — respondeu — sintam-se como em sua casa — virou para Esmeralda — se o que busca são novelas românticas, acredito que minha irmã guardava as suas ali, — assinalou uma estante atrás dele — na última fileira, entre os livros de jardinagens e exemplares em latim. Escondia-as para que nossos pais não se dessem conta. Não gostavam que lesse essas coisas.

— E quem as comprava? — Esmeralda perguntou enquanto se dirigia ao lugar indicado.

— Meu irmão, porque gostava de satisfazer todos os seus caprichos — respondeu, e as mulheres notaram como sua voz baixava um pouco o tom, como se recordar doesse.

Esmeralda diminuiu a tensão que se formou pegando uma novela.

— Esta parece interessante, — comentou — muito obrigada, milorde.

— É um prazer, é... alguma de vocês poderia dizer onde está sua prima?

Não necessitaram de especificação para saber que se referia a Rubi.

— Não sei, milorde, — Safira respondeu — não a vejo desde o café da manhã; talvez Rowena saiba, acredito que está no salão de chá falando com Topázio.

Damián assentiu e logo após murmurar um

agradecimento foi para o salão destinado para que as damas tomassem o chá, uma sala que não se ocupava fazia anos, conforme recordava.

Quando ia se aproximando umas vozes alteradas de tom chamaram sua atenção. Ao chegar, as portas do salão estavam fechadas, mas isso não impedia que a conversa pudesse ser escutada.

— Basta já de rodeios Topázio Loughy, — dizia a voz um tanto irritada de Rowena — agora mesmo me dirá por que organizou toda essa armadilha para que Rubi terminasse comprometida.

— Pelo menos uma vez não faça tantas perguntas e confia em mim Rowena, sei o que estou fazendo — ela respondeu tranquilamente. — Não penso dizer mais.

Damián decidiu bater à porta nesse momento e quando entrou as mulheres pareciam tão calmas como se estivessem falando de coisas irrelevantes.

— Bom dia, milorde — Rowena saudou. — Está procurando Rubi? — Perguntou como se lesse sua mente.

— Sim. Sabe onde está?

Rowena assentiu.

— Disse que ia dar um passeio pelo jardim... oh, aí vem.

Damián virou para ver como Rubi se aproximava deles.

— Bom dia — ela o saudou.

— Bom dia, justamente ia perguntar se queria passear a cavalo comigo, para lhe mostrar o lugar?

Rubi pensou um momento.

— Está bem, — aceitou — irei trocar-me.

— Topázio lhes servirá de acompanhante — Rowena interveio.

Topázio olhou sua protetora com o cenho franzido.

— Não acredito, estou segura de que Safira estará mais que encantada de o fazer.

— Safira está lendo e não haverá ninguém que a tire dali, além disso, não gosta tanto de montar como você.

— Por que não vai você?

— Sabe que eu não gosto de cavalgar.

Topázio resmungou algo inaudível e saiu nada contente do salão para trocar o vestido por um de montar.

Rubi também se foi.

— Direi à cozinheira que prepare algo para lancharmos — ele disse e desapareceu para cumprir sua missão.

Meia hora mais tarde todos estavam preparados para um passeio a cavalo.

Cavalgaram um momento em completo silêncio. Rubi observava fascinada o lugar, a paisagem. Não havia um só canto que não fosse verde ou que não estivesse povoado de flores de todo tipo. Damián nomeava cada lugar e Rubi escutava com atenção. Quando chegaram a uma espécie de clareira, Damián desmontou.

O lugar possuía árvores que o protegiam dos raios inclementes do sol. Nada de especial, mas a Rubi pareceu igualmente belo que o resto da propriedade.

— Acredito que podemos comer aqui — ele disse enquanto tirava a cesta da garupa do cavalo.

Uma vez que a colocou no piso, virou para Topázio.

— Se quiser, senhorita, pode seguir passeando pelos arredores, disseram-me que gosta de cavalgar.

Topázio sorriu.

— Diga com todas as letras, milorde: “*Senhorita Topázio, vá, quero ficar a sós com minha prometida*” — Rubi abriu os olhos com surpresa e ela riu — não se preocupe, de todas as formas não pensava ficar, dá-me tédio fazer de acompanhante.

Topázio se aproximou da cesta, rebuscou nela e tirou uma maçã. Deu-lhe uma dentada e voltou a subir em seu cavalo para, posteriormente, afastar-se cavalgando.

Rubi olhou a cena atônita. Não soube por que esperou outra coisa de Topázio.

— Devia ter convencido Safira — murmurou baixo, mas Aberdeen deve ter escutado, porque riu.

— Entretanto, acredito que prefiro esta prima em particular.

— Por que será... — comentou com ironia.

— Talvez ela saiba o que é melhor para ti — ele disse.

— E acaso eu não sei o que é melhor para mim mesma?

— Está claro que não, se soubesse estaríamos comprometidos faz tempo — ele respondeu enquanto colocava a toalha na grama para pôr a comida.

Rubi o olhou furiosa.

— Você, milorde, necessita de uma boa dose de humildade. Sei que muita gente o considera um dos melhores partidos de toda a Inglaterra, mas isso não significa que todas desejem ser sua esposa.

Aberdeen a olhou com um meio sorriso na boca.

— Não dizia por isso, mas já que menciona... — sorriu ao ver sua expressão — e acredito ter dito que não me chamasse de “*milorde*”.

— Me esqueci..., milorde — desta vez foi Rubi quem sorriu ao ver sua expressão de aborrecimento.

— Melhor comermos — disse assinalando um espaço na manta para que se sentasse.

— É um lugar formoso, — Rubi comentou levando uma torrada à boca — nunca vi algo parecido.

— Poderia vir quando quisesse se se casasse comigo — disse-lhe.

Rubi soprou.

— Por que sempre desvia a conversa a esses temas e tenta manipulá-la ao seu favor? — Questionou começando a lhe falar informalmente. — Não podemos falar tranquilos?

— Calma, — ele disse — não sabia que era histérica.

— Não sou histérica!

— Está atuando como uma — fez-lhe ver.

Rubi pensou um momento e se deu conta de que ele estava com a razão.

— Você me provoca, —defendeu-se — geralmente sou muito tranquila.

Damián custava acreditar nisso.

— Me permita colocar em dúvida.

— Deveria levar isso em conta na hora de pensar em mim como esposa, quereria estar casado com uma mulher histérica?

Damián encolheu os ombros.

— Sobreviverei, igual a todos os homens do planeta.

Rubi cruzou os braços em uma pose ofendida.

— Está insinuando então que todas as mulheres são histéricas?

— Acaso não são?

Ela negou com a cabeça.

— Talvez só sejamos histéricas quando temos que aguentar homens como você.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— E por homens como eu refere-se a...?

— A homens arrogantes, desgraçados e mulherengos que não têm nem a mínima consideração por uma mulher.

— Então, segundo você, isso é o que sou?

— Sim, — afirmou segura — acaso me engano?

Ele pensou um momento.

— Em parte, talvez eu seja arrogante e fui um tempo um mulherengo, mas não sou um desgraçado e tenho consideração por uma mulher.

— Se tivesse tido consideração por mim, eu não estaria aqui agora, e sim desfrutando de uma tarde tranquila em Londres.

— Uma tarde aborrecida quer dizer, e sobre a consideração, precisamente porque te tenho consideração é que estamos aqui.

— Agora se supõe que devo agradecer uma consideração que não desejava? — Perguntou estupefata.

— Deveria, sim, mas não o chamemos “*consideração*”, chamemos como “*um ato de honra*”.

— Claro, — respondeu sarcástica — esqueci de que você é

todo um cavalheiro e que, portanto, deve tranquilizar sua consciência embora tenha lhe assegurado que não precisa fazê-lo.

— Dá-se conta de que ao final voltamos para o tema do qual não desejava falar?

Rubi franziu o cenho ao dar-se conta de que era verdade.

— Sim, mas já que estamos aqui, pense, de verdade deseja se casar com uma mulher histérica?

— Acaba de me gritar que não é, — recordou. — Além disso, acusa-me de manipular as conversas ao meu desejo e você está fazendo o mesmo.

— Não é verdade, só saliento meus defeitos para evitar que você cometa o pior erro de sua vida.

“Saliento meus defeitos para evitar que você cometa o pior erro de sua vida”, essa devia ser a frase mais estranha que Damián escutara alguma vez da boca de uma mulher. Já era bastante estranho que rejeitasse de forma tão veemente a ideia do casamento, mas que chegasse até o ponto de salientar seus defeitos o fazia duvidar de sua prudência, isso ou, sem dúvida ele era muito arrogante para conceber a ideia de uma rejeição.

— Bem, se for assim, então eu não manipulo as conversas ao meu favor, simplesmente saliento os benefícios que trará a união.

Rubi franziu o cenho e fez uma pequena careta com os lábios, dando a entender que não gostava que usasse sua estratégia contra ela.

Não respondeu, dedicou-se a olhar com desejo o bolo de maçã que estava ao seu lado para logo render-se e cortar uma

porção generosa. Não havia nada nesse mundo que amasse mais que um doce, não importava que todos insistissem em que era impróprio que comesse tantos, já que engordaria.

— Você gosta de doce? — Damián perguntou vendo divertido como engolia o bolo.

Rubi assentiu.

— Quem não?

Damián sorriu.

— Certamente, duvido que haja alguém que não goste — ele disse servindo-se uma porção. — Acredito que isto é uma das coisas que mais senti saudades na guerra.

Rubi ficou curiosa e, embora soubesse que não devia, não pôde evitar perguntar.

— Por que se tornou militar?

— Não há muitas carreiras disponíveis para um segundo filho, era isso ou o clero, e acredito que não seria um bom reverendo.

Rubi riu só de imaginar, um famoso crápula dando sermão no domingo.

— Não, sinceramente, não, mas um segundo filho tem mais possibilidades que essas. James o é e acumulou dinheiro por meio dos negócios.

— Sim, mas para isso se precisa investir e também de dinheiro e digamos que quando adquiri a maturidade necessária para fazê-lo, minha família não estava disposta a me proporcionar —deu-se conta muito tarde de que falara demais.

Rubi se achava em um dilema, sabia que não devia

perguntar já que a expressão dele dizia que não queria falar disso e que se arrependia de havê-lo feito, mas por outro lado, a curiosidade a matava; só que... o que devia importar a ela sua vida? Nada, absolutamente nada, ela não tinha porque meter-se nesses assuntos. Decidida, voltou para o tema inicial.

— Bem, suponho que o doce é a debilidade do homem ou, ao menos, minha mãe dizia que essa era a minha, que terminaria como uma vaca se seguisse comendo assim — comentou para aliviar a tensão formada.

A tática funcionou, a tensão no ambiente se aliviou, mas o comentário também obteve que desta vez fosse a curiosidade de Damián a que se ativasse, ela nunca mencionara sua mãe antes, entretanto, não se atreveu a fazer nenhuma pergunta imprudente que pudesse arruinar o momento. Ao menos estava ganhando sua confiança, isso era bom. Contudo, era surpreendente saber que ele também começava a confiar nela, pois nunca se imaginou contando algo como o que havia dito de maneira tão tranquila. A relação com sua família era um segredo muito bem guardado e nunca, embora fora em um descuido, permitia-se mencioná-lo, mas o fez, confessou a ela porque lhe inspirava uma confiança que lhe era alheia.

Começou a analisar o assunto, mas ao não encontrar nenhuma resposta que pudesse explicar de forma lógica esse fato, decidiu centrar sua atenção em outra coisa, que curiosamente foi em um pedaço de bolo que ficou no lábio dela.

Damián se inclinou para ela e esticou uma mão para lhe limpar a boca, mas o que planejou que fosse um gesto inocente converteu-se em algo mais logo que pousou os olhos naqueles

lábios cheios que pareciam pedir a gritos para serem beijados. Sem pensar duas vezes, inclinou-se para frente.

Ia beijá-la, oh, Deus, ia beijá-la de novo! Quando seus olhos pousaram em seus lábios ela leu neles essa intenção. Ia beijá-la, mas Rubi não podia permitir e não porque não fosse correto, mas sim porque se o fizesse aconteceria como sempre: perderia o controle sobre si mesma e se entregaria, isso já a estava assustando e não podia permitir que voltasse a acontecer, a menos que quisesse terminar cedendo ao casamento. O pensamento foi suficiente para fazê-la reagir.

— Não! — Exclamou quando viu que ele se inclinava.

Em um mecanismo de autodefesa levantou os braços para deter o avanço sem lembrar-se de que havia em uma das mãos o prato com o bolo de maçã e, com o movimento brusco, o bolo terminou caído entre seu queixo e seu pescoço.

Aberdeen se separou imediatamente e passou, horrorizado, um dedo por seu pescoço para comprovar que de verdade lhe jogara o bolo em cima. Olhou Rubi com uma mescla de surpresa e incredulidade no rosto.

— Sinto muito — ela disse sem saber o que mais dizer.

— Pode-se saber por quê isto? — Assinalou seu pescoço sujo e os restos de bolo que começavam a escorrer por sua camisa.

Claro que não podia saber.

— Bem... você disse que gostava do doce.

Damián não podia acreditar no que escutava.

— E porque eu gosto do doce decidiu me jogar o bolo em cima? — Perguntou tentado encontrar a lógica do assunto. Não

conseguiu.

Rubi não respondeu e olhou para baixo envergonhada.

— Se for assim, — Aberdeen continuou cortando outro pedaço de bolo — você também mencionou que gostava do doce.

Rubi demorou só um segundo em compreender o significado.

— Não! — Exclamou levantando-se assim que viu que segurava em sua mão um pedaço de bolo.

— Seria injusto que só eu ficasse com o prazer de ter doce em cima.

Rubi retrocedia dois passos a cada um que dava ele.

— Acredito que posso viver com essa injustiça.

— Ah, mas eu não poderia fazê-lo — disse aproximando-se mais.

Rubi segurou as saias e saiu correndo ao primeiro sinal de ataque. Aberdeen a seguiu e ela começou a ir mais rápido, sem um rumo definido corria entre as árvores como se sua vida dependesse disso, enquanto ria como uma menina que acabava de fazer uma travessura.

Devia saber que não haveria possibilidade contra Aberdeen, mas assim mesmo tentou. Ele a apanhou pouco depois e a envolveu com seus braços jogando-lhe o bolo entre o queixo e a boca. Rubi soltou um pequeno grito de protesto, mas seguiu rindo.

Quando ele tentou afastar-se enredou-se nas saias dela perdendo o equilíbrio. Sustentou-se nos braços da mulher tentando recuperá-lo, mas o que conseguiu foi fazer com que

ela também o perdesse fazendo e que os dois terminassem, para sua má sorte, em um atoleiro de barro que estava atrás.

— Oh, vamos! — Queixou-se vendo seu vestido sujo. — Agora o que vou dizer a Rowena? Terá um ataque ao ver-me assim — olhou Damián. — Tudo culpa sua — acusou.

— Minha culpa? Quem me lançou o bolo em cima?

— Não deveria ser tão vingativo. Olhe como ficamos — protestou vendo seu formoso cabelo coberto de barro.

Damián encolheu os ombros.

— Ouvi que barro é bom para a pele.

Rubi o olhou como se lhe tivesse saído outro olho, logo sorriu.

— Bem, se for assim... — tomou em sua mão um punhado de barro e o lançou — com isto terá uma pele invejável.

Damián demorou um momento em reagir, mas quando o fez, fez da mesma maneira que ela. Assim, iniciaram uma batalha de lodo como duas crianças de cinco anos. Se alguém os visse certamente não reconheceria neles a respeitável senhorita nem o amargurado e arrogante marquês que, depois de muitos meses, ria como anteriormente.

Capítulo 15

Quando retornaram, Topázio os esperava perto da casa para que desse a impressão de que retornavam juntos. Como era de esperar, ela não pôde, nem se incomodou em conter a gargalhada que se formou em sua garganta ao vê-los banhados em lodo.

— Parece que estiveram brincando com os porcos, — disse sem parar de rir — de fato, parecem um deles.

As gargalhadas não deixavam de sacudir o corpo de sua prima, que se agarrou no lombo do cavalo como se temesse cair no chão pela risada. Rubi só pôde agradecer que não perguntasse o que havia acontecido.

A sorte esteve de seu lado, pois Rowena não apareceu quando chegaram e tiveram tempo de escapulir-se às suas respectivas habitações para pedir um banho. Os criados os olhavam surpreendidos, mas por razões óbvias nenhum deles se atreveu a questionar nada.

Rubi teve que reconhecer que esse dia passou bem e os dias seguintes a esse também. Saíam a passear todos os dias, sempre tendo como acompanhante Topázio, que desaparecia logo que estava fora da vista da casa, ou Esmeralda que, ao levar um livro consigo e ao concentrar-se nele, eles podiam cometer todos os atos indecorosos do mundo e ela não se daria

conta. Por razões óbvias, Aberdeen nunca permitia que fosse Safira a acompanhante.

Se fosse sincera consigo mesma deveria admitir que sua opinião a respeito de Aberdeen mudara. Seguia considerando-o um arrogante, mas já gostava um pouco dele. Passar tempo com ele era bastante divertido e, além do dia no qual terminaram cheios de barro, não tentara beijá-la de novo, mas ela não sabia se sentia alívio ou decepção.

Embora sua opinião por ele tivesse melhorado grandemente e ela ficasse bem ao seu lado, ainda não aceitaria o casamento. Primeiro, porque sabia que cedo ou tarde terminaria se arrependendo. Segundo, porque ainda não podia perdoar nem ele nem Topázio pelo que haviam feito. Seu orgulho a impedia de deixar passar isso assim tão fácil. Eles manipularam seu futuro ao seu desejo e isso não era algo que se perdoasse tão rápido. Aberdeen fora muito egoísta ao fazê-lo e ela não acreditava que essa fosse uma boa qualidade em um marido.

A verdade era que parecia uma confusão. Desejava casar-se, desejava ter uma família, sempre havia desejado, mas nunca pensara que suas possibilidades terminassem reduzindo-se ao Aberdeen, e não era a pior das opções do mundo, mas tampouco sabia se seria a melhor.

Imaginar um futuro com ele era muito complicado. Sempre o vira como aquele ser amargurado que julga sem conhecer e por isso nunca o viu como possível candidato e, agora que o conhecia melhor se tornava igualmente difícil ver um futuro com ele. Em poucos dias mostrara facetas boas de

sua personalidade, mas também havia lhe mostrado as piores, como que era um homem muito dominante, por exemplo, e Rubi sempre soube que não desejava um homem assim em sua vida. Mas agora..., agora não sabia. Sim, era uma confusão, não havia outra maneira de descrever. A decisão que tomasse seria irrevogável e a mais difícil de sua vida. Por um lado, se se casasse com ele teria a família que sempre desejou, mas corria o risco de havê-lo julgado de maneira errada — como vinha acontecendo ultimamente — e terminar atada por toda a vida a um mau homem. E pelo outro, se não o fizesse, ficaria solteira para sempre e teria que viver sendo a tia carinhosa. Não gostava de nenhuma das possibilidades, mas não possuía outras. Amaldiçoou internamente o momento em que se deixou seduzir, graças a isso sua vida estava definida só em duas opções das quais não sabia qual escolher, sendo o pior que teria que escolher antes de um mês, que era a data planejada para as supostas bodas.

Todos esses pensamentos não deixaram Rubi dormir em sua última noite na casa do marquês, por isso decidiu descer à biblioteca para procurar um daqueles livros que Esmeralda assegurou que podiam curar o mais grave caso de insônia.

Fazia tempo que comprovara que nem os copos de leite morno, nem os chás relaxantes conseguiam fazê-la dormir quando não conseguia. A única solução para ela sempre era um aborrecido livro que a deixava a bocejar logo que lia a primeira página.

Levou uma vela consigo já que os corredores deviam estar escuros, considerando que era meia-noite e tranquilamente foi

para a biblioteca

Ao entrar na sala Rubi se surpreendeu ao descobrir que não se achava sozinha e que, ao que parecia, não era a única que não conseguia dormir.

— O que faz aqui? — Damián perguntou-lhe.

Ele se encontrava sentado em uma poltrona em frente à lareira. Segurava uma taça de licor nas mãos e olhava fixamente o fogo.

— Não conseguia dormir — respondeu como se fosse óbvio. — Esmeralda mencionou que havia uns livros tão aborrecidos que curavam a insônia e vim procurar um.

Ele virou e a olhou divertido.

— Desde quando um livro é remédio para a insônia?

Ela encolheu os ombros.

— Sempre funcionou comigo. Você também não conseguiu dormir?

Damián assentiu, mas se absteve de mencionar que fazia meses que não dormia bem.

Rubi não sabia o que fazer, deveria pegar qualquer livro e sair dali imediatamente, mas por algum motivo não desejava deixá-lo sozinho.

Sabendo que fazia algo incorreto, aproximou-se dele, colocou a vela no piso e se sentou na poltrona do lado virando-a um pouco para poder vê-lo melhor. Ele fez o mesmo e logo estavam olhando-se aos olhos.

Por sua vez, Rubi pôde ver algo vulnerável naqueles olhos marrons, como um mistério, um segredo, algo que o atormentava, o que lhe fez adivinhar que não era a primeira vez

que não conseguia dormir.

— Quer um pouco? — Perguntou assinalando a taça.

Rubi se horrorizou só de ver o licor e negou efusivamente com a cabeça.

— Não, obrigada — não pensava voltar a tomar uma gota de álcool em sua vida.

Damián pareceu entender a que se devia sua negativa, porque assentiu.

— Por que não conseguiu dormir? — Perguntou a ela.

Rubi não tinha a menor intenção de lhe dizer que era por sua culpa e por todas as dúvidas que possuía a respeito de seu futuro.

— Não sei, não consegui, isso é tudo, e você? Por que não conseguiu dormir?

Ele pareceu meditar na resposta e Rubi soube que pensava em que desculpa lhe dizer.

— Suponho que me aconteceu o mesmo — disse enfim, sem encontrar nada mais que dizer.

— Entendi... — o tom de Rubi deixava claro que não acreditava, mas tampouco se atreveu a perguntar mais.

Passaram alguns minutos em silêncio olhando o fogo da lareira. Ela não sabia por que ainda seguia ali em vez de estar a caminho de sua habitação, onde se encontraria segura, mas algo dentro dela se negava a sair.

— Foi uma semana muito boa — lhe disse, incapaz de permanecer mais tempo em silêncio. — Obrigada por tudo.

Ele a olhou.

— O que decidiu, Rubi? — Perguntou sem rodeios.

Rubi não precisava fingir que não sabia a que se referia, bem sabia e se soubesse a resposta não estaria ali.

— Nada ainda, — respondeu — dê-me um pouco mais de tempo, Damián, não é uma decisão fácil de tomar.

— Eu não vejo a dificuldade.

E aí estava outra vez, aquele lado de sua personalidade que tanto odiava.

— Pois é, embora não acredite, está em jogo o meu futuro, isso deveria ser suficiente.

Ele aproximou um pouco mais sua poltrona à dela para poder vê-la mais de perto.

— Acha que eu não te faria feliz?

Rubi surpreendeu-se com a pergunta, ela nunca esperou felicidade em todo o sentido da palavra quando se casasse. Sempre soube que se conformaria com uma vida tranquila e agradável e não estava segura de que um casamento com Aberdeen lhe proporcionasse isso, ao menos não a tranquilidade. Contudo, já não tinha certeza de que isso fosse o que ainda desejava. Não sabia o que desejava. Não acreditava que Damián fosse fazê-la infeliz e tampouco acreditava que estar casada com ele fosse tão ruim, mas ainda assim não estava segura de fazê-lo, e não só pelas razões já mencionadas, mas sim porque sentia medo, de que? Não sabia. Talvez, medo do desconhecido. Aberdeen não era como qualquer aristocrata comum, ele não era previsível e isso a assustava um pouco.

— Não é isso, é que... oh, não sei — não sabia como explicar, se nem sequer ela mesma sabia o que queria.

— Está bem, — Damián disse — talvez ainda seja muito

cedo.

Rubi assentiu.

— Acredito que irei com esse livro — disse levantando-se, mas antes de poder ir Damián a segurou pelo braço.

— Quando encontrei esse anel, — disse tomando a mão onde o anel estava — o observei durante o resto daquela noite por um bom tempo e houve algo que me chamou a atenção.

Rubi observou seu anel mais consciente do contato quente de sua mão que da conversa.

— Fixei-me que no interior do anel há algo gravado que dizia “*A joia*”, o que significa isso?

Rubi sentiu que lhe enchiam os olhos de lágrimas, mas as conteve para que ele não se desse conta.

— Era o nome da fazenda do meu pai — respondeu tentando que sua voz não soasse afogada. — Eram três, quero dizer, antes de morrer nosso avô se assegurou de que cada filho tivesse um pouco de terreno para que pudessem começar e não ficassem sem nada. As fazendas eram adjacentes e bastante prósperas e foram crescendo com o tempo. “*A joia*”, “*O diamante*” e “*A gema*” se chamavam.

Damián não se surpreendeu com os nomes. Ao que parecia os Loughy tinham certo fanatismo com as pedras preciosas.

— O que aconteceu a elas? — Perguntou sem poder conter sua curiosidade.

— A do meu pai, suponho que a venderam depois de sua morte por não haver herdeiros varões; era a que melhor se encontrava, já que as outras... é curioso, sabe, “*A gema*” era a

fazenda do pai de Safira, sofrera um incêndio poucos meses antes e ficou inutilizada; viviam conosco enquanto procuravam como recuperar. Foi uma sorte que sobreviveram ao incêndio. “*O diamante*” era dos pais de Topázio. Curiosamente, vinha sofrendo uma rajada de má sorte bastante suspeita: os animais foram envenenados, os cultivos incendiados. Na “*O diamante*” parecia que haviam caído as sete pragas, tais eram as desgraças que a família de Topázio se endividou até o pescoço. Quando nossos pais morreram, os credores tiraram tudo o que puderam dela para cobrar a dívida. Apenas o que ficou intacto foi o dote de Topázio. Pelo visto, a desgraça vinha se abatendo sobre a família Loughy até terminar no pior.

— Quer dizer que...?

— Que alguém não só se conformou nos vendo destruídos, também queriam nos ver mortos.

— E alguma vez se soube quem?

Rubi negou com a cabeça enquanto as lágrimas começavam a banhar suas bochechas. Damián se levantou e começou a limpá-las.

— Sinto muito, não devia ter perguntado.

— Não importa, — disse acalmando-se — já não importa; o mundo pode ser cruel às vezes. Não sei por que alguém quis nos ferir, mas afinal conseguiu.

— Só há três motivos poderosos pelos quais alguém faz um dano grave assim: a inveja, a ambição e o ódio, e os três andam de mãos dadas — Damián respondeu. — Quando um homem está dominado por tudo isso pode acontecer qualquer coisa.

— Inclusive desencadear uma guerra — Rubi concluiu sabendo de alguma forma o que ele pensava.

Damián assentiu.

Por um momento ficaram assim, em silêncio, ambos com vontade de perguntar mais, mas sem atrever-se de tudo a fazê-lo, ambos sabendo que isso era só uma parte da história do que viveram e que no fundo havia mais, um pouco mais doloroso e difícil de contar.

Ele seguia lhe segurando a mão e passou o que pareceu uma eternidade até que Rubi recuperou a voz para falar.

— Acredito..., acredito que irei pegar o livro — puxou a mão para liberá-la, mas ele a atraiu para cima e a beijou.

Mais que um beijo foi uma terna carícia.

— Boa noite — disse.

— Boa noite — respondeu com voz afogada.

Rubi se apressou a ir pegar o livro, agarrou o primeiro que encontrou e fugiu para a segurança de sua habitação ainda sentindo o formigamento em sua mão e com uma curiosidade crescente por aquele homem do qual, não sabia como, passou a gostar.

Capítulo 16

Abandonar a residência do marquês no dia seguinte não pareceu ser um alívio, como inicialmente acreditara Rubi, justamente o contrário. Na noite passada aconteceu algo que não sabia como nomear nem explicar. Nunca contara sobre as fazendas a ninguém, melhor dizendo, nunca havia falado de nada que tivesse a ver com aquele assunto; nenhuma o fizera. Era muito doloroso de recordar e mais doloroso ainda de contar. As imagens daquela noite se instalaram em seus pesadelos durante anos e foram muito difíceis de apagar. Inclusive agora, quando os pesadelos desapareceram, a imagem de toda sua família morta seguia tão patente como se não tivessem passado mais que dias do acontecido, e Rubi estava segura que sempre seria assim.

Haver contado aquela mínima parte ao Aberdeen ainda a surpreendia, mas foi tão repentino. Começara a falar e as palavras saíram de sua boca com a segurança de que chegariam a ouvidos confiáveis. Esse homem possuía algo que a estimulava a acreditar nele e ela queria que ele confiasse nela, que revelasse a tortura que viu em seus olhos naquela noite... não sabia nem sequer o que pensava! Sem dúvida não deveria analisar essas coisas se queria ficar solteira, só que, de verdade o queria?

— Rubi!

A voz de Rowena a tirou de suas reflexões.

— O que acontece? — Perguntou sobressaltada.

Rowena revirou os olhos e repetiu a pergunta.

— Dizia-te que deveríamos ir mandando os convites do casamento e escolher a quem convidar.

Rubi suspirou e se endireitou no assento da carruagem. O que menos sentia vontade nesse momento era de falar dos convites de um casamento que não sabia se se levaria a cabo. Claro que não podia dizer isso a Rowena, mas tampouco poderia fazê-la desistir da ideia de não os enviar ainda.

— Convide a quem considerar adequado — Rubi disse.

Rowena pareceu feliz com a decisão.

— Tenho que falar com lorde Aberdeen para lhe perguntar a quem deseja convidar. Não sei muito de sua família, acredito que tem uma irmã...

Rowena seguiu falando e Rubi voltou a olhar pelo guichê.

Três dias depois a cidade se fez notar inclusive vários metros antes de chegar a ela. O ambiente tão ativo de Londres era um contraste impressionante com a tranquilidade do campo e Rubi começou a sentir saudades do último. Ou talvez fosse da companhia que sentia saudades... não, isso era impossível, Aberdeen não demoraria em chegar também para seguir o cortejo, assim não havia nenhum motivo para sentir saudades, e mais, não devia sentir saudades. Mas o fazia, por mais que tentasse não pensar nele, o fazia e isso a exasperava. Se não podia controlar seus próprios pensamentos, se não conseguia esquecer os maravilhosos momentos juntos, como

poderia convencer-se de que queria permanecer solteira? Desejou que Damián demorasse bastante em voltar para Londres, possivelmente assim pudesse conseguir tirá-lo da cabeça.

Rubi devia saber que não lhe permitiria semelhante coisa. Só dois dias depois de ter chegado, ele apareceu com outro formoso buquê de flores que, desta vez, não teve coragem de dar de presente.

O cortejo se levou a cabo como qualquer outro: saídas ao parque, passeios, enfim. O fato era que o tempo corria e a possibilidade de arrepender-se esfumava a cada dia que ela passava sem tomar uma decisão. Mas no fundo, muito no fundo, Rubi sabia que certamente já não voltaria atrás, que terminaria casada com Aberdeen, não só para evitar o escândalo que uma ruptura do compromisso significaria, mas sim porque não desejava ficar sozinha. Talvez Aberdeen não fosse o homem que em princípio imaginara como marido, mas era sua única opção, e já não parecia tão ruim como antes. Não soube se eram os dias passados em sua companhia ou as pequenas confissões daquela noite na biblioteca o que a fizera mudar de opinião, mas já não o considerava tão mal partido. Seguia sendo um arrogante egoísta, mas acreditava que poderia viver com isso.

Possuía ainda algumas relutâncias, sim, mas estas já não eram tão fortes como antes e ela já se via a ponto de ceder, embora uma vozinha em sua mente se empenhasse em lhe recordar a forma em que terminara comprometida e a promessa de vingança ante isso. Mas embora sempre tivesse

sido rancorosa, só quando a ocasião merecia era vingativa, no mais esquecia o assunto. Embora esse fato não fosse precisamente uma ofensa leve, ela já estava esquecendo e perdoando. Odiava-se por isso, mas não podia mudar sua natureza. Sim, seguia sem falar com Topázio, embora ela não parecesse se importar. Ao que parecia, Topázio tinha certeza de algo que Rubi desconhecia.

Visto que a possibilidade de se render já rondava sua mente e ela não sentia muitas forças para opor-se, dedicou-se a desfrutar dos dias. Os detalhes das bodas foram resolvidos por Rowena e Rubi sabia que não necessitava de sua intervenção, tampouco lhe importava muito, todo aquele tipo de coisas sempre a chateava. Contudo, apesar de ter jurado que desfrutaria dos dias seguintes, Rubi esqueceu-se de quão cruel podia ser a sociedade quando se tratava de uma intriga.

Pouco depois de uma semana de sua volta a Londres, Rubi sentiu na alma o que era ser a fonte de distração de todos. Logo que entrou no salão de lady Dover foi assediada por todas e cada uma das matronas fofoqueiras conhecidas que estavam com a intenção de saber ao pé da letra os detalhes da suposta proposta de casamento de Aberdeen, a data que começou a cortejá-la e, o pior de tudo, se Aberdeen fora o motivo para que rejeitasse Hereford.

As línguas viperinas atacavam sem piedade: em frente a ela começaram a assegurar, sem que ela houvesse dito uma palavra, que era claro que Aberdeen era o motivo, que qualquer dama em seu são julgamento preferiria um marquês rico que um conde empobrecido, e que estavam completamente de

acordo com sua decisão; mas mal se afastava de um grupo começava a escutar as críticas à sua pessoa onde diziam que Aberdeen podia ter escolhido alguém melhor, que não sabiam como pôde comprometer-se com ela e que, certamente, atrás daquele compromisso havia algo estranho.

Havia algo estranho? Sim. Nada do acontecido se parecia nem de perto ao que se especulava, mas esse não era motivo para que Rubi não se sentisse ofendida por tais comentários, produtos da inveja, que em algumas ocasiões não eram nem discretos. À metade da festa se encontrava mais que farta do assunto e a ponto de pedir para Rowena que se retirassem. Entretanto, negava-se a comportar-se novamente como uma covarde, então se limitou a sair ao terraço por um pouco de ar que a ajudasse a tranquilizar-se. Recordou-se que a sociedade era assim, hipócrita e que atacavam logo que viam uma presa vulnerável, se fosse embora pareceria ainda mais vulnerável e seria objeto de mais ataque. Teria que ficar e resistir. Não havia outra forma.

Suspirou, era mais fácil dizer que fazer, e não porque se importasse com o que todos falassem dela, mas sim porque era uma completa chateação escutar mil e uma vezes e fingir que não ouvia nada. Desejou que Aberdeen tivesse vindo, ao menos as críticas se dividiriam aos dois. Era injusto, o homem se pegou a ela como uma sanguessuga desde que descobriu que era a mulher daquela noite, mas agora, quando mais o necessitava, não estava ao seu lado.

Levava apenas uns minutos fora quando uma odiosa voz conhecida interrompeu sua tranquilidade.

— É uma linda noite, não é? — disse Hereford.

“Era até que você apareceu”, Rubi pensou suprimindo uma careta de aborrecimento e virando-se para enfrentá-lo.

— Sim é, o que deseja, milorde? — Perguntou-lhe.

Deveria sair dali, mas por que deveria deixar sua paz? Ela chegou primeiro, que se fosse ele.

— Por que fez isso, senhorita Loughy? — Perguntou diretamente.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Por que fiz o quê? Rejeitar sua proposta? — Sorriu. — Já disse, milorde, foi tudo uma brincadeira.

— Eu a amava, ainda a amo — disse em um patético tom de tristeza.

Se o que queria era fazê-la sentir-se culpada, falhava da pior maneira. Depois de tudo o que o escutara dizer, Rubi não podia acreditar que esse homem tivesse sentimentos.

— Ah, sim? — Disse em tom zombeteiro. — Eu não e lhe peço, por favor, que se vá daqui, quero ficar sozinha.

Devia estar muito desesperado pelo dinheiro se arrastava daquela maneira seu orgulho pelo chão. Mas para sua desgraça, Rubi não sentia nem um grama de compaixão.

— Aberdeen não a fará feliz, ele não a ama como eu, é um crápula, não a respeitará. Sua vida ao seu lado será um calvário.

— Acaso com você seria melhor?

Hereford levantou a cabeça.

— É claro que sim, eu sempre a respeitaria.

Rubi encolheu os ombros e tentou não reagir de maneira

furiosa diante de semelhante declaração.

— Lástima que não esteja interessada.

— Por favor, — disse pegando seu braço — pense bem, está cometendo um grave erro.

Rubi sacudiu seu braço, mas não conseguiu escapar.

— Me solte, — ordenou — solte-me agora mesmo ou começo a gritar.

— Você não entende, — disse desesperado — não posso viver sem você, eu... ahhh! — Exclamou quando lhe deu um chute na perna ruim.

Ela se soltou e se afastou dele.

— Não volte a me tocar! Vá procurar outra imbecil para saldar suas dívidas! — Disse dirigindo-se à porta.

Ele a olhou com um ódio que contradizia a quilômetros o amor que dizia sentir.

— Foi você quem divulgou a informação? Como se informou?

Rubi encolheu os ombros.

— Como descobri é muito fácil, milorde, todos falavam disso; e sobre se fui eu quem o divulgou... não pode assegurá-lo. Quem escreve colunas de intrigas é muito perspicaz, descobre de tudo. Não terá que duvidar de sua capacidade — dito isto, foi.

— Pagará por isso, Rubi Loughy — assegurou depois que ela foi, enquanto tentava se recuperar da dor em sua perna.

Chegara ao limite de sua paciência, aquela mulher se atreveu a desprezá-lo, fora humilhado e, como se fosse pouco, fazia com que toda a sociedade o repudiasse, porque não lhe

cabia dúvida: fora ela quem infiltrara a informação e agora não só perdera a oportunidade de obter seu dote, mas arruinara todas as suas possibilidades de encontrar outra ingênua. As dívidas o estavam afogando e não demoraria em perder tudo e terminar no cárcere. A sociedade o convidava a festas porque seu título era antigo e respeitado, mas ninguém o considerava apto para suas filhas, nem as solteironas mais feias se aproximavam dele e tudo por culpa dela. Tudo era culpa de Rubi Loughy, que jogou por terra todos os seus planos. Mas pagaria, não sabia como, mas pagaria. Isso não iria ficar assim.

* * *

Rubi entrou como uma fúria no salão. O encontro com Hereford, somado a que era o entretenimento preferido de todos, não contribuíram a promover seu bom humor.

Caminhou mais rápido do que se considerava normal em busca de uma de suas primas, não importava se fosse Topázio, mas necessitava de companhia familiar. De repente tropeçou com alguém e pouco depois percebeu que era Aberdeen. Afastou-se dele como se a queimasse e o olhou furiosa.

— Acreditei que não viria — disse.

Um sorriso arrogante se formou nos lábios de Aberdeen.

— Sentiu saudades?

Rubi não podia com ele.

— Não, só me dava esperanças de que não viesse.

— Temo te decepcionar, então, mas só me atrasei. Dançamos? — Perguntou ao ouvir que a orquestra começava a tocar uma nova melodia.

Rubi aceitou, mas só porque sabia que a pergunta era por cortesia, a arrastaria para a pista se dissesse que não ou, pior ainda, cobraria a dança com outro beijo.

Não soube por quê, mas a presença de Aberdeen a reconfortou. As fofocas não eram tão evidentes quando ele se encontrava ao seu lado, nem o ataque era tão direto. Era como se só um olhar dele detivesse as línguas viperinas.

Tudo pareceu voltar ao normal, ao menos até que Rowena os interceptou e disse:

— Vamos para casa, não me sinto bem.

Rubi assentiu.

— Está bem, procurarei as demais.

Ela negou com a cabeça.

— Não, você fica, não quero arruinar a sua noite, — olhou ao Aberdeen e sorriu — estou segura de que milorde poderá te levar para casa.

Se a proposta a surpreendeu, pôde ver que a Damián também, pois seus olhos se abriram surpreendidos, logo mostrou um de seus melhores sorrisos.

— É claro, excelência.

— Mas Rowena...

— Não se preocupe, querida, Topázio os acompanhará.

O sorriso na cara de Damián se apagou e a mencionada apareceu justo no momento do comentário e revirou os olhos.

— Nem sonhe, Rowena, não penso servir novamente de acompanhante para estes dois, é a vez de Safira.

— Safira também se sente mal.

— Porque Rubi não vem conosco?

— Sim, — ela se apressou a dizer — não há problema, de verdade.

Rowena negou com a cabeça.

— Não penso arruinar sua noite. Fica com ela.

— Não, — Topázio negou — que fiquem sozinhos então, penso ficar.

Rowena lhe dirigiu um olhar de advertência.

— Se ficassem sozinhos seria de tudo indecoroso.

A expressão de Topázio deixou claro para Rubi que pensava que depois do que aconteceu entre eles isso não devia importar, mas Rowena não sabia, por que seguiu.

— Além do mais, você merece isso por tratar lorde Frederick de maneira tão rude.

Topázio soprou sem se importar que alguém a escutasse.

— Simplesmente lhe disse que não desejava dançar com ele. É acaso tão ruim?

— Sim, — Rowena afirmou — foi de tudo descortês, o pobre só está interessado em você, sua resposta foi bastante grosseira, assim não encontrará marido.

Topázio sorriu.

— Não desejo fazê-lo e, se fui descortês..., não o sinto. Acredite-me, Rowena, o homem não está interessado em mim, eu sei.

Rowena fez uma careta de aborrecimento. Era verdade que Topázio possuía uma intuição afiada, normalmente seus pressentimentos não falhavam e muitos podiam a acreditar uma adivinha, mas ela estava segura de que lorde Frederick era um bom homem. De todos os modos, negou-se a seguir

discutindo o assunto.

— Isso não importa, fica e é minha última palavra — disse e partiu sem lhe dar tempo de replicar.

Topázio grunhiu e olhou para o casal chateada.

— Irei no assento do cocheiro — informou antes de desaparecer também.

Rubi teve que conter uma maldição. Rowena era tão ardilosa como um esquilo. Ela devia saber que Topázio não ia com eles dois na carruagem e por isso a deixou como acompanhante. Rubi não sabia se a admirava ou a odiava por isso.

Pela cara de complacência de Damián soube que ele chegou à mesma conclusão, só que ele sim a admirava por isso.

Duas horas depois Rubi ia a caminho de sua casa, a sós na carruagem com Damián. Topázio cumpriu sua promessa e, mal se afastaram um pouco dos olhos curiosos, desceu da carruagem sentou-se ao lado do cocheiro e os deixou sozinhos. Rubi esteve tentada a lhe pedir que ficasse, mas não fez isso, não porque queria ficar a sós com Aberdeen, não, só porque seguia sem lhe falar e não pensava perder seu orgulho ao fazê-lo.

— Já disse que está formosa hoje? — Damián disse logo que ficaram sozinhos.

— Obrigada — respondeu.

Ele se sentou em frente a ela e, depois se colocou ao seu lado, muito perto.

A proximidade fez com que o corpo de Rubi respondesse

com um pequeno estremecimento, mas não de desconforto nem de medo, bom, talvez, sim de medo, mas de como reagiria se a ele ocorresse aproximar-se mais.

— Rubi, — disse com tom um pouco rouco — faltam três semanas para o suposto casamento, — recordou — necessito da sua resposta.

Rubi suspirou. Havia temido isso também. Era inútil pedir mais tempo que não possuíam, quanto mais tempo esperassem para romper o compromisso, mais seriam os falatórios, mas o pior do caso era que ela não queria romper o compromisso. Odiou-se por sua falta de determinação, mas a decisão já estava tomada, apesar de qualquer risco se casaria com ele, e não só por ela, mas sim por todos. As bodas evitariam mais rumores dos que os necessários e ela já não desejava mais escândalos.

— Sim, — disse enfim, depois de tomar ar — me casarei contigo.

Damián sorriu. E Rubi grunhiu.

— Odeio esse sorriso, — disse — odeio a arrogância que sempre vejo nele.

Damián o ampliou mais.

— É a primeira pessoa que me diz isso.

— Sempre há uma primeira vez.

Damián a observou atentamente e como se visse de repente tudo contra o que ela se debatia, disse.

— Sinto muito, Rubi.

Ela o olhou com ceticismo.

— Por quê?

— Por tudo, por te obrigar ao casamento, pela pressão e por te haver arruinado toda possibilidade de matrimônio me aproveitando de você quando estava bêbada.

Rubi sentiu que se ruborizava ao recordar.

— Acredito que esse último foi culpa de ambos, — admitiu — ninguém me mandou... nem... — “*Nem sucumbir*” quis dizer, mas as palavras não lhe saíram.

Damián negou com a cabeça.

— Sua resistência devia ter sido suficiente para me fazer saber que devia parar, não devia te seduzir sabendo que não se encontrava em seus cinco sentidos.

Isso não podia negar, mas agora que pensava, não é que tivesse devotado muita resistência.

— Enfim... suponho que já não se pode mudar nada do acontecido, inclusive, o bendito casamento que tanto se empenha em realizar. Arreponder-se-á, estou segura.

Damián revirou os olhos como se já estivesse cansado de ouvir aquela frase. Logo aproximou seu rosto do dela, o que fez com que Rubi retrocedesse até tocar a porta da carruagem.

— Estaria mais convencida de que não será assim se te dissesse que meu motivo para as bodas, mais que a honra, é algo de tudo indecoroso?

Rubi avermelhou e um calor familiar começou a lhe percorrer o corpo tanto pelas palavras como pela proximidade.

— Sabe, pode soar irônico que depois de tantos meses de celibato, de estar amargurado, tenha me recuperado justo com o tipo de mulher com a qual nunca acreditei que fosse capaz de sentir paixões.

Rubi não soube se se sentia adulada ou ofendida por esse último comentário. Ia falar, mas ele continuou.

— Eu gosto de você, — admitiu — e por Cristo, serei egoísta, mas não pensava deixá-la, não penso fazê-lo, — se corrigiu e Rubi não soube se tomava como algo ruim aquela declaração de posse — prometo que te farei feliz — assegurou e, antes que ela pudesse sequer dizer algo, beijou-a.

Rubi se rendeu imediatamente, sabendo que era inútil resistir.

Estavam tão absortos no que faziam que não se deram conta do momento em que a carruagem se deteve. Só quando a voz de Topázio ecoou no lugar, separaram-se.

— E logo perguntam por que me nego a servir de acompanhante.

Rubi se ruborizou e Damián se dignou a mostrar-se envergonhado.

— Vemo-nos logo — disse como despedida e se apressou a descer da carruagem sem esperar ajuda.

— Que vergonha, milorde, — Topázio declarou depois que Rubi desceu — eu vou no assento do cocheiro confiando plenamente em que você se comportaria como todo um cavalheiro e me sai com isto — negou com a cabeça como dando mais credibilidade à reprimenda.

No entanto, Damián pôde ver o brilho zombeteiro em seus olhos antes que se virasse para partir, se não tivesse sido assim até teria acreditado em sua interpretação. Não só era uma bruxa, também era uma atriz consumada, o que lhe fez perguntar-se com que classe de família se havia aparentado.

Não importava, estava seguro, valeria a pena.

Capítulo 17

Damián, desinteressado pelas notícias do *Times*, deixou o jornal a um lado na mesa da sala de café da manhã e se levantou para sair.

Nesse dia amanhecera com um peculiar bom humor. Possivelmente fosse o fato de que Rubi aceitara ser sua esposa. Não sabia o que teria feito se ela tivesse exigido a ruptura do compromisso. Depois de prometer que aceitaria isso se assim o desejasse, não podia permitir-se negá-lo. Por sorte não teve que chegar a tais medidas.

Não recordava ter dormido tão bem em anos nem amanhecer de tão bom humor tampouco. Embora, se pensasse bem, seu humor havia melhorado grandemente desde que essa mulher topou em seu caminho.

Recordou o dia no qual caíram no lodo. Antes disso não saberia dizer quando riu tanto e desfrutou com tanto relaxamento a vida sem que lhe importasse nada, nem o aspecto, nem a boa educação, nada. Era como se tivesse retornado anos no tempo, àquela época onde a vida era uma ilusão, onde tudo parecia tão simples, onde era feliz, pois a dura realidade do mundo não o havia golpeado ainda. Era como se seu antigo eu tivesse retornado a ocupar o lugar que fazia tempo fora abandonado.

Sem ficar pensando muito nesse novo feito, pegou seu chapéu e se dirigiu à porta. Antes de chegar a esta viu que o mordomo a abria para dar passo à última pessoa que esperava ver: Hereford.

O homem o saudou com uma inclinação de cabeça e Damián lamentou não ter saído um pouco antes. Agora se veria obrigado a recebê-lo e a escutar a razão que o levou até ali.

— Hereford, — saudou tentando ocultar o aborrecimento que lhe produzia sua visita — que surpresa vê-lo por aqui.

— Aberdeen, quero falar com você.

Damián assentiu e o guiou para seu escritório.

Uma vez ali se sentou em uma poltrona em frente a sua escrivaninha e olhou ao homem com uma sobrancelha arqueada em um silencioso gesto de pergunta.

— Diga — o incitou ao ver que não dizia nada.

Hereford brincou um pouco com sua bengala antes de levantar o olhar para a ele. Damián teve que armar-se de toda sua paciência para não o mandar embora. O homem se comportava como se fosse um rei que visitava um de seus lacaios e isso não estava mais longe da verdade.

— Vim lhe fazer um favor, Aberdeen.

— Ah, sim?

— Sim, tenho uma informação que possivelmente lhe possa interessar.

Isso chamou sua atenção.

— Estou escutando.

— É sobre sua prometida, a senhorita Rubi Loughy.

Damián teve o pressentimento de que não ia gostar do que

ouviria a seguir.

— Veja, — Hereford continuou — sei que correu o rumor de que foi ela quem rejeitou minha proposta, mas não é assim.

— Ah, não?

— Não, — respondeu tranquilo — no dia em que coincidimos em sua casa eu ia enfrentá-la. Veja, a senhorita Rubi Loughy não é nenhuma casta donzela, é justamente o contrário.

Damián permaneceu em silêncio, com um semblante impassível, esperando que continuasse.

— Ela está manchada, milorde.

Aberdeen se esticou, mas não disse nada e esperou que o homem seguisse falando, precisava saber o que tanto sabia ou diria antes de dizer algo.

— Na festa dos Derby, um conhecido meu cujo nome prefiro manter em segredo confessou-me, já estando um pouco embriagado, que esteve com essa mulher. Assegurou-me que me casaria com uma mercadoria usada e que qualquer herdeiro que eu tivesse deveria duvidar da paternidade, pois ele não era o único. Senti-me ofendido, é claro, e desafiei o cavalheiro a comprovar o dito, mas ele se limitou a chamar um de seus amigos que confirmou a mesma história. No dia seguinte, quando me vi em frente a ela, assegurou-me que era mentira. É óbvio, ante a dúvida preferi não seguir com o cortejo. A mulher, ardilosa e com medo de ser desprestigiada ante a sociedade, divulgou a informação que corre agora.

Damián se encontrava nesse momento em uma encruzilhada. Não sabia se ria a gargalhadas diante de tão

absurda história ou golpeava o desgraçado Hereford. A última opção era mais que tentadora, mas se conteve, em troca divertiu-se pensando na cara do Hereford se lhe dissesse que ele comprovara uma noite antes a que ele dizia que Rubi era tão pura como o dia em que nasceu.

Eliminando de sua cara qualquer expressão, disse.

— E você, senhor, veio aqui só para me contar rumores?

Hereford pareceu surpreso por sua falta de reação, mas se recompôs quase imediatamente.

— Pois sim, são apenas rumores, mas acredito que deveria levar em consideração, milorde, não acredito que goste de ser tachado de corno no futuro.

— E não será que, talvez, você tenta vingar-se pelos rumores que circulam?

Hereford se endireitou na cadeira em pose de ofendido.

— Eu jamais faria tal coisa, só tentava lhe advertir, se não quisesse me acreditar, é problema seu.

Levantou-se e, com as costas rígidas como uma tábua, desapareceu pela porta.

Damián amaldiçoou baixo. Aquele desgraçado merecia mais que alguns golpes, se fosse por ele o mandaria a sete palmos para baixo da terra, como um animal. Não podia chamar-se “*homem*” o qual por despeito falava mal de uma mulher.

Só esperava que não começasse a divulgar aquele rumor ou a reputação de Rubi se veria seriamente afetada. Certo que muitos podiam tomá-lo por um ato de desforra e que a grande maioria se negaria a acreditar devido aos protetores de Rubi,

mas as pessoas adoravam a intriga ao não ter nada mais com o que entreter-se e, se isso se espalhasse sempre haveria quem a consideraria uma perda. A vida que teria a partir de então dependeria de quanto importasse a Rubi as opiniões dos outros. Claro que quando se casassem seria diferente, seriam muito poucos os que se atreveriam a desprezar a marquesa de Aberdeen e nenhum teria suficiente coragem para insultá-la, ao menos não na cara.

Mais tranquilo e de mais bom humor ao pensar nas bodas, saiu para fazer o que ia fazer antes que Hereford fosse lhe tirar seu valioso tempo.

* * *

Hereford fervia de fúria. Nada saíra como esperava, nem sequer pôde semear a dúvida em Aberdeen. O homem estava, por algum motivo, completamente convencido da respeitabilidade de sua prometida. Em nenhum momento seu rosto mostrou nem a mínima dúvida com respeito ao que ele dizia e não gostou nada disso.

Possivelmente a mulher o enfeitiçou. As Loughy eram consideradas pela sociedade umas bruxas. Sua beleza era tal que quase parecia sobrenatural, qualquer homem que as visse cairia rendido aos seus pés. Pode ser que disputassem o rosto mais bonito Topázio e Safira Loughy, sendo esta última, por óbvias razões, a melhor candidata, mas a estúpida da Rubi não ficava atrás. Aquele cabelo avermelhado tão pouco comum chamava a atenção onde fosse que aparecesse, era... inesquecível.

A verdade lhe caiu como um balde de água fria. Claro! Como não se deu conta antes? Tudo encaixava com perfeição. Foi um estúpido ao inventar essa história para Aberdeen, se o que acreditava fosse verdade... negou com a cabeça incapaz de acreditar em sua boa sorte, talvez não conseguisse desprestigiá-la, mas com essa informação conseguiria algo melhor. O dinheiro que necessitava. Depois de tudo, não tinha tão má sorte.

* * *

Rubi estava em sua habitação, ainda pensando se fora boa ideia aceitar o casamento quando bateram à porta. Ao abri-la não pôde ser maior sua surpresa ao ver que uma criada entrava com um buquê de flores. O mais curioso consistia em que eram ao menos doze flores, todas diferentes. Havia uma rosa, uma margarida, um cravo, um lírio, um jacinto e outras tantas que não soube identificar, já que nunca foi fanática pela horticultura. Era o adorno mais curioso e original que vira na vida, mas não podia dizer-se que era bonito devido à discordância das flores umas com as outras. Entretanto conseguiu lhe tirar um sorriso, que se ampliou ao ler a nota:

“Minha querida Rubi, visto que nunca me fez saber o tipo de flores de sua preferência, deixo-te esta variedade, com a qual espero poder te agradar”.

Soltou uma gargalhada e de repente o dia pareceu ainda mais ensolarado. Seu humor já por si bom, melhorou e se

encontrou pensando positivamente sobre o futuro.

Absorta em seu mundo não prestou atenção aos gritos que vinham do corredor direto ao seu quarto.

— Já te disse, Esmeralda, que não tenho a menor ideia de onde está sua novela, sabe que eu não leio esse tipo de coisas! — Dizia a voz de uma exasperada Safira.

— Mas não a viu? Está segura? Ninguém parece havê-lo feito e não pode desaparecer assim.

— Não, não a vi. Rubi não viu...?

Só quando ouviu seu nome Rubi percebeu que já não estava sozinha. Virou para sua prima, que interrompeu sua frase ao olhar o buquê.

— O que é isso? — Perguntou com o cenho franzido. — Aberdeen as mandou? Se for assim, acredito que precisa melhorar um tanto seu gosto em flores. É o buquê mais estranho que já vi.

— As flores são formosas — Rubi disse.

— Sim, mas todas juntas não estão bem. No que estava pensando?

— Não sabia de quais flores eu gostava — defendeu.

— E te mandou vários tipos para te agradar? — Esmeralda perguntou com os olhos abertos de assombro e um brilho sonhador. — Oh, mas que romântico, não acha, Safira?

Safira fez uma pequena careta como mostra de seu desacordo.

— A única coisa que acredito é que deveria deixar de ler tantas novelas. Ficará solteira se seguir apontando a ideais tão altos como os das histórias que lê.

Esmeralda não deu atenção.

— Claro que não, nem sequer fui apresentada e já prevê que ficarei solteira, não recordo que prevê o futuro.

Safira fez um gesto com a mão para tirar a importância do assunto e voltou sua atenção ao buquê.

— O deixará aqui, não é? Não acredito que fique muito bem lá embaixo.

Rubi assentiu e as demais saíram, pouco depois de fechar a porta, voltaram a bater.

— Me esqueci — Esmeralda disse. — Não viu minha novela? Não a encontro e estava muito interessante.

Rubi sorriu e depois de uma curta viagem à sua cômoda retornou com um pequeno livro.

— Toma, encontrei no piso do jardim, espero que aprenda a recordar onde deixa suas coisas.

Esmeralda encolheu os ombros.

— Acredito que morrerei sendo distraída — respondeu e se afastou com um sorriso feliz ao ter de novo sua novela em mãos.

Rubi voltou a olhar o buquê sem que o sorriso lhe apagasse do rosto. Sim, foi um detalhe, do mais estranho, mas um detalhe; talvez não no âmbito amoroso que afirmava Esmeralda, já que estava claro que isso não era, mas um detalhe muito bonito.

Pegou a rosa vermelha e se deleitou com seu aroma. O que diria Damián se lhe dissesse que essa era sua flor favorita? As rosas vermelhas, não as brancas, que muitas senhoritas adoravam, não, a encantavam as vermelhas.

Suspirou e ao dar-se conta de que seguramente sorria como uma estúpida franziu o cenho. O que lhe acontecia? Parecia uma adolescente suspirando por seu primeiro amor, era ridículo. Casar-se-ia com Aberdeen, sim, mas não por amor. Se casaria para não ficar como uma solteirona toda a vida e poder ter a família desejada. Se casaria para não causar escândalos desnecessários. Por seu lado, Aberdeen se casaria com ela para aplacar sua consciência e para... — se ruborizou ao recordar — “*um motivo indecoroso*”, havia chamado ele, mas esse fato em vez de escandalizá-la, surtia o efeito contrário. Possivelmente se devia a que já sabia o que isso significava e o que se sentia estar com ele, mas por Deus! Se ainda ficava um pouco de decência, não deveria estar pensando nessas coisas, talvez fosse uma perda no mau caminho. Mas, se pensar nisso era um pecado, já podia ir fazendo penitência, porque aquela noite foi inesquecível, nem tanto porque foi a noite onde possivelmente tenha cometido o pior erro de sua vida, mas sim porque também fora a sua melhor noite. Seriam assim todas as noites com ele? Ou os homens só davam aquele agrado às amantes? Se os beijos de Aberdeen fossem um preâmbulo não havia nada a temer.

Rubi suspirou e se deitou na cama. Por que tinha o pressentimento de que ao aceitar sua proposta entrara em um território perigoso?

Capítulo 18

— Esmeralda Loughy, se voltar a pedir a sobremesa juro que lhe lançarei isso em cima.

Todos na mesa detiveram sua conversa e viraram suas cabeças para olhar assombrados à Topázio, que ao que parecia não se dera conta de que falara em voz um pouco alta, chamando a atenção.

Esmeralda ao ver-se como centro das atenções, baixou a cabeça envergonhada. Topázio encolheu os ombros naquele gesto tão típico que indicava que não lhe importava o fato.

— Já me parecia que o jantar transcorria com muita normalidade — James comentou levando um pouco de sobremesa à boca. — Aberdeen, se decidir aceitar outro convite para jantar, já sabe o que encontrará.

Aberdeen sorriu e teve que conter-se para não soltar uma gargalhada.

— Moças, por favor, — Rowena repreendeu. — Mas que conduta é essa? O que lorde Aberdeen pensará? Esmeralda, quantas vezes te disse que doce engorda? Não entendo a afeição que têm estas duas pelo doce — olhou Rubi e Esmeralda alternadamente, que sorriram.

— Suponho que seja de família — Rubi comentou.

— Você nos desculpe, lorde Aberdeen, — disse Rowena —

normalmente não é assim.

— É pior — James disse e ganhou um olhar zangado de Rowena.

— Acredito, querida, — William comentou sentado na cabeceira da mesa — que pensará duas vezes antes de convidar lorde Aberdeen para jantar.

— Não se preocupem, — Damián interveio — está tudo bem, de verdade não há problema.

— Ah, me esqueci que passaram uma semana com você no campo, já deve ter se acostumado — William disse fazendo todos rir.

Rowena soltou um suspiro de rendição.

Por sorte, esse foi o único incidente que ocorreu no que sobrou do jantar. Depois se reuniram em uma pequena sala e começaram a falar de temas convencionais.

— Rubi, por que não mostra a estufa a lorde Aberdeen? — Rowena sugeriu depois de um momento.

— De noite? — Perguntou incrédula.

— Sim, de noite se verá mais formosa.

Rubi duvidava que pudesse ver algo de noite, mas não protestou mais, sabendo que Rowena teria uma resposta preparada ante qualquer objeção. Então conduziu Aberdeen pelo curto caminho que os levaria à estufa.

Como previu, não se via mais que o que a lua deixava ver, só sombras, por isso o guiou até uns bancos no meio do lugar e o convidou a sentar-se.

— Bem..., pode-se ver que é uma formosa estufa.

Rubi sorriu ante a irônica frase.

— De dia é esplêndida, Rowena adora a horticultura, mas infelizmente para ela, a nenhuma de nós chamou a atenção.

— Entendi..., e falando de plantas, você gostou das flores?

Rubi riu.

— Foi o buquê mais estranho que recebi em minha vida.

— Pelo menos sou original.

— Minhas favoritas são as rosas vermelhas — disse depois de uns segundos de silêncio.

— O primeiro buquê era de rosas vermelhas e conforme disse... as queimou, não?

Rubi sorriu.

— As dei de presente à criada, eram muito formosas para serem jogadas fora, mas não queria ter nada teu.

— É bom saber o apreço que me tinha antes.

Ela assentiu.

— Estava desesperada para me liberar de você, deixava-me histérica.

Ele sorriu.

— Então admite que sofre de histeria?

— Suponho que, dadas às circunstâncias, estou perdoada.

— Suponho sim — ele aceitou.

Outros minutos em silêncio.

— A duquesa é uma mulher ardilosa, — Damián comentou — isso de que as estufas se veem melhor de noite é o mais original que já escutei.

— É a desculpa mais pobre que lhe ocorreu, — Rubi respondeu — se não a amasse tanto talvez a tivesse feito saber.

— Então, não a fez saber por que a ama muito? E eu que

pensei que queria ficar a sós comigo — se mostrou ofendido.

Rubi soltou uma gargalhada involuntária.

— Tem uma opinião muito alta de si mesmo.

— Isso não é ruim.

— Em excesso, sim.

— Bem, suponho que terá que lutar com isso, assim como eu terei que lutar com sua histeria.

Rubi soprou, mas preferiu não replicar sabendo que os levaria a um caminho interminável.

— Não é melhor retornamos? — Sugeriu.

— Tão já? A duquesa acreditará que não tomou o tempo suficiente para me mostrar a magnificência de sua estufa.

— Você é impossível.

— O que acha de falarmos um momento?

— Sobre o que?

Ele pareceu pensar.

— Não sei, me pergunte algo, algo que deseje saber de mim e eu te responderei.

Ela analisou quais perguntas lhe faria. Desejava fazer várias, mas nenhuma era muito prudente. Desejava saber qual foi o motivo pelo qual brigou com sua família, pelo qual terminou alistando-se no exército. Desejava saber o que viu lá para que, ao retornar, demorasse tanto para voltar aos velhos hábitos — que graças a ela não passaram de uma noite. Desejava saber tudo. Era uma curiosidade muito forte a que despertava esse homem. No entanto não se atrevia a fazer esse tipo de perguntas, ela mesma sabia que havia coisas que era preferível não recordar.

Então, sem saber o que dizer, perguntou:

— Por que é tão arrogante?

Damián soltou uma gargalhada.

— Suponho que uma vida de crápula deixe consequências irremediáveis.

— Entendi.

Mais silêncio. Ele ficou observando-a um longo momento como se procurasse algo em seu rosto ou tentasse memorizá-lo, Rubi não soube o que procurava, mas o escrutínio começou a incomodá-la.

— O que acontece? — Perguntou. — Tenho algo no rosto?

Ele negou com a cabeça.

— É só que... às vezes penso como foi que me enganei tanto em julgá-las, sobretudo a você.

— Refere à quando nos chamou "*belezas sem cérebro*"?

Ele assentiu.

— Sim, além disso, também pensava que eram manipuladoras e débeis como as outras.

Rubi o olhou furiosa.

— Algo mais que eu deva saber?

Ele suspirou.

— Eu disse "*pensava*", leva as coisas muito a sério. O que quero dizer é que é surpreendente o que se pode descobrir de uma pessoa em tão poucos dias.

— E o que descobriu de mim?

Ele sorriu.

— Além de que sofre de ataques de histeria? — Riu ao ver sua expressão de aborrecimento e logo continuou. — Acredito

que é uma pessoa ardilosa, mas também é obstinada, insensata...

— Não sou insensata — replicou.

— Ah, não? Não foi uma insensatez aparecer no “*Pleasure Club*”?

“A insensatez foi ter bebido demais”, pensou, e deitar-se com ele, mas por algum motivo sua mente já não considerava assim.

— Queria comprovar os rumores sobre Hereford, é pecado querer saber com que pessoa tinha intenção de me casar?

Ele negou com a cabeça.

— A insensatez foi ir comprovar nesse lugar, não sabe que tipo de pessoa podia encontrar.

— Gente como você, por exemplo — não pôde evitar dizer. Para sua surpresa, ele assentiu.

— Por exemplo, sim.

— Bem, então estamos de acordo em que deixar que me seduzisse foi a coisa mais insensata e estúpida que pude ter feito em minha vida.

— Não vejo assim. É... estranho. Não é curioso que minha volta ao mau caminho tenha começado e acabado nesse mesmo dia?

— Considero azar.

Ele encolheu os ombros.

— Eu por minha parte, aprendi, — Rubi continuou — e não penso em voltar a provar uma gota de álcool em minha vida.

— Via-se muito cômica bêbada — comentou.

— Bem, espero que guarde bem a lembrança dessa noite, porque não voltará a acontecer.

— Ver-te bêbada, espero?

Ela franziu o cenho.

— É claro, que pen...? Oh — agradeceu que a noite não lhe permitisse ver o rubor que se formou ao descobrir a que se referia.

Ele se aproximou mais dela.

— Acredito — disse com voz rouca — que recordarei cada segundo daquela noite maravilhosa.

Antes que ela pudesse dizer algo, tomou posse de seus lábios. Não foi um beijo passional, ao contrário, era lento, doce, suave e... e se sentia tão bem como com os outros. Foi uma carícia que desapareceu tão rápido como chegou.

— De-deveríamos voltar — Rubi gaguejou, de repente nervosa.

Damián assentiu.

— Sim, vamos — se levantou e lhe ofereceu o braço.

Retornaram à casa em silêncio e não voltaram a cruzar palavra em toda a noite. Entretanto, cada vez que ela o olhava podia sentir a intensidade que brilhava naqueles olhos marrons. Podia ver o desejo e inclusive podia distinguir um brilho de posse neles.

“Recordarei cada segundo daquela noite maravilhosa”, havia dito. Ela também recordaria, porque sim, foi maravilhosa, mas Rubi se encontrava desejando mais, pois ao que parecia, uma noite não era suficiente.

Não sabia o que possuía esse homem que a fazia sentir

tantas coisas de uma só vez. Não só uma carícia sua a deixava louca, mas sim sua mente não podia trabalhar bem quando ele se encontrava perto. Era diferente dos outros homens, sempre soube, mas nem por isso surpreendia-a menos. Inspirava confiança, curiosidade. A fazia passar momentos divertidos, embora fosse muito arrogante. E, o pior de tudo, era que vivia ansiando cada uma de suas visitas, como se só o feito de se manter afastada lhe causasse um grande vazio. Tudo era muito estranho, nunca sentira algo similar e não tinha nem ideia do que era e, nem do que fazer. Tampouco fazia ideia se o que começava a descobrir seria algo ruim ou bom. Só de uma coisa estava segura, algo mudou, e não acreditava que voltasse para a normalidade.

Capítulo 19

— Senhorita, chegou isto para você.

Rubi fez um gesto com a mão à criada para que se aproximasse, já que sua criada pessoal estava terminando de lhe arrumar o cabelo para a festa de lady Carter. A moça lhe entregou uma carta e se retirou imediatamente.

Franziu o cenho quando se deu conta de que a carta não possuía remetente. Teve que esperar que sua criada desse o último toque em seu cabelo e a ajudasse a vestir-se para depois despedi-la e abrir a misteriosa carta. Reconheceu a letra imediatamente e seu rosto empalideceu à medida que lia.

“Se não quiser que toda a sociedade saiba de que a senhorita Rubi Loughy esteve no último baile de máscaras do Pleasure Club e que subiu a uma das habitações com o marquês de Aberdeen, tem uma semana para conseguir vinte mil libras e fazer-me chegar isso.”

Rubi deixou a nota cair, incapaz de sustentá-la. Isto tinha que ser uma brincadeira. Hereford não podia havê-la reconhecido. Era impossível, ou não? Mas como?! Como conseguiu reconhecê-la? E o pior de tudo, o que faria agora? Era mais que impossível conseguir aquela quantia em tão pouco tempo.

Não, decidiu depois de pensar melhor uns segundos. Não daria atenção àquela absurda nota, não cairia na chantagem. Ninguém acreditaria se falasse. Para todos seria inconcebível que uma respeitável senhorita estivesse naquele lugar. Além disso, podiam tomá-lo como uma vingança ante sua negativa de casamento. Se casaria com Aberdeen em três semanas, se tornaria uma dama respeitável.

“Calma Rubi, calma”, disse-se, ele não pode fazer nada. Hereford necessitava urgentemente do dinheiro e por isso recorreu à chantagem, se falasse não ganharia nada, pois já não teria arma para chantagem. Não lhe daria atenção e deixaria que o tempo passasse. Quando se casasse com Aberdeen, embora divulgasse seu segredo, o efeito não seria tão grave. Ou ao menos isso esperava. Nunca se sabia quão cruel podia ser a sociedade.

Atirou a carta à lareira e viu como se consumia. Não permitiria que a chantageasse. Hereford não demoraria a chegar ao cárcere dos devedores. Sua palavra não valeria nada, então.

Saiu da habitação para reunir-se com as demais, só esperava ter tomado a decisão correta.

Apesar de sua decisão de esquecer o assunto, Rubi não pôde ficar tão bem como desejou na festa. Por mais que tentasse, sua mente não podia deixar de estar um tanto preocupada com o fato de que a ameaça pudesse ser cumprida e pelas consequências que isto traria. Oh, por que tudo isso aconteceu com ela? Parecia que carregaria as consequências daquilo por toda a vida.

— O que te acontece?

A pergunta feita por Damián pela terceira vez na noite fez-lhe entender que algo em sua atitude devia revelar sua preocupação. Pensou em contar-lhe o acontecido, mas descartou a ideia. Ela já tomara uma decisão, ignoraria a nota e os outros não tinham que se preocupar com nada.

Compôs seu melhor sorriso e respondeu:

— Nada, estou bem.

Damián a olhou nos olhos como que determinando se era verdade o que dizia.

— O que acontece? — Voltou a perguntar.

Ela suspirou, ou mentia muito mal ou ele era muito bom detectando quando alguém o fazia.

— Nada importante.

Ao menos não deveria ser importante.

— Rubi...

— Oh, olhe, Topázio está dançando com lorde Frederick. Pergunto-me que ardis Rowena terá usado para obtê-lo. De uma coisa estou segura, ela não parece muito contente. Espero que o homem esteja usando botas boas.

Damián duvidava que aquela bruxa ficasse contente alguma vez.

— Está mudando o tema — disse ao dar-se conta do porquê de seu comentário.

— Claro que não, já te disse que não acontece nada importante.

— Então, o que é o pouco importante que a preocupa?

Rubi esteve a um segundo de soltar um grunhido... e ela

era a obstinada...

— Nada me preocupa. Só... dói-me um pouco a cabeça.

— Bem, já entendi que não quer me dizer, mas deveria saber que pode contar comigo.

Ela assentiu. Mesmo assim preferiu não dizer nada, não se tudo saísse como desejava.

No resto da festa tentou acalmar-se para que ninguém mais suspeitasse que lhe acontecia algo. Funcionou. Ao final da noite dormiu tranquila, segura de que tudo se solucionaria.

* * *

“Por que nada podia lhe sair bem?” Essa foi a pergunta que se fez ao menos uma dúzia de vezes quando três dias depois chegou outra nota de advertência.

“Estou falando sério, se não me der esse dinheiro no tempo estipulado, falarei”.

A esse ponto Rubi já não estava segura de que manter-se calada era a melhor ideia. E se na verdade falasse por desforra? O que aconteceria então?

Incapaz de encontrar uma boa solução para o assunto decidiu recorrer ao engenhoso cérebro de Safira por ajuda.

— Pode-se saber por que não disse desde o princípio?

Rubi devia ter suposto que isso seria a primeira coisa que sua prima diria depois de lhe haver contado todo o assunto.

— Não lhe contei para que me reprovasse, disse-lhe para que me ajude a procurar uma solução.

Safira colocou os dedos no queixo naquela pose que indicava que pensava em algo. Rubi quase podia ver seu cérebro trabalhando em busca da resposta.

— Rendo-me. Não sei o que fazer.

De todas as respostas, nunca esperou essa.

— Você sempre sabe o que fazer.

— Sim, mas neste caso não. Veja, é um assunto muito delicado. Ceder à chantagem significaria lhe dar pé para que seguisse fazendo-o, já que lhe estaria demonstrando que te interessa que a informação não seja divulgada. Não obstante, ao ignorá-lo corremos o risco de que, por vingança, divulgue tudo, o que seria igualmente ruim. Embora se case com Aberdeen, o escândalo seria de proporções gigantescas. Está entre a cruz e a espada. Só vejo algo que se possa fazer.

— O quê? — Perguntou esperançosa, inclinando-se mais para sua prima, que estava sentada na beira da cama de sua habitação.

— Fale com Aberdeen e que ele veja o que fazer. Afinal parte da culpa também é dele. Acredito que isso é o que devia ter feito desde o princípio.

Rubi revirou os olhos ante a óbvia reprovação.

— Acha que pode deter Hereford?

Safira sorriu.

— Ficarei decepcionada se ele não puder.

* * *

Embora aquela fosse a última opção que tomara, duas horas mais tarde Rubi se encontrava em frente à casa de

Aberdeen. Com Safira de acompanhante para não levantar falatórios, bateu à porta que, quase imediatamente depois, foi aberta por um mordomo que as convidou a passar enquanto avisava seu senhor.

Quando o mordomo informou que o marquês a receberia naquele momento, Rubi duvidou, não porque não quisesse lhe contar nem misturá-lo no acontecido, mas sim porque quando lhe dissesse que aquela era a segunda nota havia muitas possibilidades de receber uma recriminação parecida à de Safira.

Resignada, dirigiu-se com passo firme para o escritório de Aberdeen. Ele se achava sentado em frente de sua escrivaninha. Não se levantou quando ela entrou, mas arqueou uma sobrancelha significativamente.

— Devo supor que veio me contar o motivo pouco importante que a deixou tão preocupada.

“*Condenado*”, pensou Rubi, agora também era adivinho. Perguntou-se como descobriria.

— Sim — disse aproximando-se e se sentou em frente a ele.

— E?

Rubi suspirou e começou a lhe contar desde a primeira carta recebida, que decidiu ignorar, até a segunda e sua decisão de vir pedir ajuda. Damián escutou sem interromper, a cada palavra que dizia Rubi notava que suas feições se endureciam mais, mas seu semblante seguia sendo impenetrável. Quando falou, disse exatamente o que ela esperava.

— Pode-se saber por que não me disse isso antes?! — Seu tom de voz um pouco alto lhe deu a entender que não estava muito contente ao ser deixado como última opção.

Rubi grunhiu e o olhou desafiante.

— Vai me ajudar ou não?

— É claro. Eu resolverei — afirmou.

— Como? — Perguntou curiosa.

Ele sorriu, mas não com humor, mas sim com um toque de maldade.

— Deixe isso comigo. Só fique segura que não voltará a te incomodar.

Rubi morria de curiosidade por saber o que faria, mas também pressentia que não ia gostar da resposta, então mordeu a língua para evitar seguir perguntando e em troca disse:

— Obrigada.

Ele assentiu em resposta.

Ela se levantou para ir, mas antes de sair sua voz a deteve.

— Rubi.

— Sim?

— Não volte a me ocultar algo assim — advertiu.

— Não tenho por que te dizer tudo o que me acontece — desafiou. Já estava cansada de que lhe desse ordens.

— Este tipo de coisas sim.

Ela revirou os olhos e saiu dali para evitar replicar.

— E? — Safira inquiriu logo que sua prima apareceu.

— Disse que se encarregaria de tudo.

— E por isso está irritada? — Perguntou observando seu cenho franzido.

— Não estou irritada, estou... esqueça, vamos.

Safira negou com a cabeça como se lhe custasse entender sua prima e a seguiu para a porta.

* * *

Era uma noite de lua cheia. Damián não estava seguro se isso ajudava ou colocava seus planos em perigo, mas não importava, não pensava mudá-los. Era por volta de meia-noite quando saiu de sua casa em direção à do Hereford. Ordenou ao seu cocheiro que se detivesse uma rua antes e que o esperasse ali enquanto ele se dirigia com passo decidido, mas silencioso, para seu objetivo.

Tal como informou o laçao que mandou para investigar, a casa de Hereford tinha uma porta-janela a um lado da casa que dava a um pequeno salão. Utilizando as sombras como aliadas chegou até ela depois de voltar a assegurar-se de que não havia ninguém na rua.

Fazendo uso de um truque aprendido com Adam, duque de Rutland e amigo há vários anos, abriu a porta-janela sem nenhuma dificuldade e passou para dentro da casa.

O aroma de licor barato foi o primeiro que alagou suas narinas quando esteve dentro, e logo comprovou que era porque esse salão estava anexo ao escritório do Hereford, onde o covarde se achava caído no piso com uma garrafa de licor na mão e havia outra que estava caída no piso.

Damián amaldiçoou baixo. O homem devia estar tão

bêbado que ainda não se dera conta de sua presença e, se fosse assim, certamente tampouco recordaria no dia seguinte a sua advertência. Mas ele não esperaria, algo lhe ocorreria para fazê-lo recordar o que acontecera essa noite.

— Hereford — chamou.

O homem levantou os olhos com o cenho franzido. Passou uma mão pelos olhos como se quisesse comprovar que não alucinava, e quando compreendeu que era real, sua confusão deu lugar à fúria.

— O que você faz aqui? — Perguntou arrastando a voz. — Como entrou? Saia ou chamarei alguém para que te jogue — tentou levantar-se, mas escorregou e voltou a cair.

— Minha visita será rápida — assegurou sem dar atenção às suas outras perguntas. — Venho te advertir de algo, — se aproximou até que só os separaram uns centímetros — deixará de chantagear a senhorita Loughy, entendeu?

Anderson o olhou desafiante.

— Por quê? Por que não posso informar a sociedade de que tem uma donzela manchada entre eles? Porque não lhes dizer de uma vez que Rubi Loughy é uma...?

O murro que recebeu na mandíbula impediu que seguisse falando. Tentou levantar do chão, mas outro golpe o mandou novamente a ele. Aberdeen o agarrou pela gola da camisa e o levantou até deixar seu rosto à altura do seu.

— Me escute bem, inseto: se te ouvir dizer outra vez algo ruim sobre ela, ou sequer escutar o mínimo rumor que possa afetá-la, juro que conhecerá primeiro o fundo da terra que o cárcere dos devedores. Você decide qual prefere. Essas serão

suas únicas opções.

Soltou-o com tal brutalidade que as costas do homem foram dar contra a parede mais próxima.

— Isto não ficará assim. Ouviu-me! Direi que me ameaçou.

Damián sorriu.

— Eu adorarei ver quem acreditará na palavra de um jogador bêbado ante a minha. Além disso, como te ameacei se nem sequer me viram entrar em sua casa?

Deixando-o com o medo no olhar, saiu por onde entrara. Só esperava que o olho arroxado e a dor na mandíbula lhe recordassem sua advertência, seria tedioso ter que fazê-lo de novo quando estivesse sóbrio.

* * *

No dia seguinte Hereford se levantou com, além de uma habitual dor de cabeça, uma forte palpitação dolorosa no olho e na mandíbula. Jogado no mesmo lugar da noite anterior, teve que fazer um esforço monumental para tentar recordar o que causou suas novas lesões. Demorou vários minutos. A forte dor de cabeça não ajudava em nada, mas ao final recordou vagamente o acontecido. Aberdeen. Irrompera de algum jeito em sua casa e o ameaçara. Desgraçado e desgraçada Rubi Loughy por abrir a boca. Agora o que faria? Aberdeen era um homem com o qual se devia andar com cuidado. Na guerra deve ter matado muitos oponentes para voltar vivo, por isso, se o considerava um inimigo, Hereford não podia jogar fora suas ameaças. Teria que deixar em paz Rubi Loughy, mas de

maneira temporária. Cedo ou tarde os cobraria, cobraria os dois. Jurou.

* * *

Dias depois

Rubi não fazia ideia do que Aberdeen fizera para que Hereford a deixasse em paz, mas o dia em que se supunha que devia entregar o dinheiro, Hereford não fez nenhum intento de lhe recordar o que aconteceria se ela não fizesse o exigido. Se o encontrava em alguma reunião, não lhe dirigia nem o olhar, o que lhe causou um grande alívio. Não fazia nem ideia de como Damián resolvera, mas preferia permanecer na ignorância. Só sabia que a salvara e estava agradecida por isso, embora em parte o conflito também fosse culpa dele. E, embora se repetisse isso, Aberdeen se levantava em sua cabeça como um herói protagonista daqueles livros que Esmeralda adorava. Era ridículo, sabia, e não compreendia por que pensava assim, mas passara de não gostar de Damián a considerá-lo um herói. E tudo acontecera no período de um mês. Naquela noite mudou tudo e ao que parecia mudara a ela também. Possivelmente estava ficando louca, mas se o que lhe acontecia era produto da loucura, bem podiam interná-la em Bedlam, porque não havia indício de mudança.

Só esperava que não estivesse se apaixonando, isso sim seria um problema. Amar um homem que não te ama... se negou a pensar nisso, não, ela não estava se apaixonando, seria ridículo fazê-lo. Via Aberdeen como um herói porque a

salvou de uma situação um tanto complexa, mas não era para tanto, só era admiração temporária; sim, era isso. Damián era um homem arrogante e autoritário. Ninguém se apaixonava por um homem assim. Teria que ser muito estúpida para fazê-lo e ela não era estúpida.

Capítulo 20

Ela fez de novo. Rowena fizera de novo. Fingiu uma enfermidade para se retirar antes da festa e assim obrigar Damián a levá-la para casa. O pior de tudo era que desta vez não se interessou nas possíveis fofocas que se formariam. Visto que Safira se sentira mal e não fora, e Topázio, provavelmente prevendo o que aconteceria também se negou a ir, não havia ninguém para fazer de acompanhante. Iria sozinha com ele e, se por acaso isso fosse pouco, estava chovendo! Precisaria ir mais devagar devido a isso, o que significava mais tempo em sua companhia.

Se fosse sincera, não entendia por que armava tanto escândalo, afinal se casariam em uma semana. Viveria com ele e conviveria com ele, *“e já esteve com ele”*, lhe recordou uma vozinha irritante na mente. Então por que tantas objeções ao fato de viajar sozinha com ele? Era ridículo. Talvez fosse porque estava pressentindo que Damián não se comportaria como um cavalheiro, e ela sabia que se ele não se comportasse como um cavalheiro, ela tampouco poderia comportar-se como uma dama. E isso a assustava. Assustava sua reação diante o mínimo toque dele. Assustava-a que o que agora era desejo, fosse um pouco mais forte no futuro. Assustava-a não ter controle sobre si mesma quando ele estava perto. E, sobretudo,

assustava-a a possibilidade de que isso nunca mudasse.

— Acredito que deveríamos ir — Damián comentou, não tendo passado nem uma hora da partida de Rowena. — Está chovendo mais forte e depois ficará mais difícil atravessar os caminhos.

Ela assentiu e saíram sozinhos diante do curioso olhar de todos.

Como supôs, tiveram que viajar a uma velocidade excepcionalmente lenta. O caminho estava muito escorregadio pela chuva e ir mais rápido significaria um grande risco. Rubi ficou confortável no assento. Esperava uma longa viagem.

— Bem, acredito que demoraremos um pouco em chegar à sua casa. O que acha de falarmos para matar o tempo?

Ela esteve de acordo, falar parecia um terreno seguro.

— Está bem. Do que falaremos?

Ele pensou um momento e logo encolheu os ombros.

— Não sei, o que propõe?

Rubi ia falar, mas o ruído de um trovão fez com que desse um pequeno salto em seu assento. A companhia de Aberdeen quase a fizera esquecer o quanto odiava as tormentas.

— Tem medo dos trovões? — Aberdeen perguntou-lhe ao vê-la sobressaltar-se.

Rubi não sabia como lhe explicar que não era precisamente medo. Os trovões e a chuva não eram mais que um lembrete daquele fatídico dia. Enquanto vagavam sozinhas pelos desertos caminhos, os trovões que pressagiavam a chuva eram sua única companhia. E assim que foram na carruagem de Rowena, a tormenta que explodiu foi como o selo definitivo

daquele dia. Odiava as tormentas, mas não porque lhe causavam medo, mas sim porque lhe traziam à mente lembranças que queria esquecer. Os corpos de seus pais caídos no piso. O atoleiro de sangue que cobria o salão. A angústia. O medo...

Pôs as mãos nas têmporas como se quisesse colocar de lado aquelas lembranças. Seu corpo estremeceu e sua respiração começou a ficar agitada.

— Rubi? — Damián perguntou preocupado. — Rubi, você está bem?

Ela atinou a assentir e começou a acalmar-se. Sempre era doloroso recordar.

— Sim, estou... ahhh!

O giro brusco da carruagem somada ao escorregadio caminho a tombou no assento.

— Oh, Deus. Está bem? — Perguntou ajudando-a a levantar-se.

— Sim.

Ele fez com que se sentasse ao seu lado para, em caso de qualquer outro giro, poder sustentá-la.

— Não deve pesar nada se uma sacudida pode te tombar tão fácil — brincou.

Ela o olhou com o cenho franzido, mas não disse nada.

Passaram um momento em silêncio e a tormenta pareceu piorar. A viagem era cada vez mais incômoda. A carruagem estralava e a cada momento era preciso virar bruscamente para evitar algum obstáculo.

— Eu devia ter ficado em casa também — Rubi comentou

ao final de um momento no qual teve que sustentar-se no braço de Damián para não voltar a cair.

— Teria me privado do prazer de sua companhia esta noite? — Perguntou com um sorriso malicioso.

— Você é impossível — disse. — Sinceramente não entendo como todos chegaram a afirmar que retornou amargurado. Eu acredito que está igual há alguns anos.

No momento em que pronunciou as palavras Rubi pensou que talvez tivesse cometido um erro ao tirar o tema, entretanto, apesar do rosto dele adquirir por um segundo uma expressão de pesar, recompôs-se quase imediatamente e o sorriso voltou para seu rosto.

— Acaso sabia como eu era antes de ir à guerra?

— As pessoas diziam que foi o pior. Um sem-vergonha sem remédio.

— As pessoas sempre exageram.

— Fizeram em seu caso?

Ele ampliou o sorriso.

— Não, mas me acredite, em comparação com esses tempos, agora sou um anjo.

Rubi soltou um som de incredulidade.

— É claro, um anjo. Quase posso ver a auréola sobre sua cabeça.

Damián soltou uma gargalhada interrompida por outro giro brusco da carruagem.

— Estou falando sério, acaso não me comprometi contigo? Asseguro-te que tomo meus compromissos com seriedade.

Rubi não duvidava.

— É o primeiro libertino que conheço que deseja colocar a corda no pescoço por vontade própria.

— Sou um homem original, o que posso dizer? — Falou com ar de suficiência.

— Digo, você é impossível.

— Há gente mais impossível que eu.

— Duvido.

— Se Adam se dignar a retornar um dia, o apresentarei e me dará razão.

— Quem é Adam?

— Um velho amigo. Já que você gosta tanto das fofocas, não ouviu falar dos velhos hábitos do famoso duque de Rutland?

Rubi pensou por um momento, o nome era conhecido e depois de um momento se lembrou.

— Oh, é claro! É a quem chamavam "*Adônís de cabelo negro*", certo?

Ele assentiu.

— Esse mesmo; tenha por certo, querida, que se me acha uma pessoa arrogante e impossível é porque não o conheceu.

— Se é teu amigo, acredito. Onde está agora? Ouvi que desapareceu faz uns anos. É possível abandonar o ducado tanto tempo?

— Não sei e não tenho nem a menor ideia de onde pode estar agora, nem se retornará algum dia. Deveria fazê-lo, mas não sei.

Rubi viu em seus olhos que ele sabia perfeitamente por onde andava o tal Adam, mas que não podia dizer. Não lhe

importou, entendia que quisesse guardar o segredo.

— Bem, se é pior que você, não sei se desejo conhecer...
ahhhh!

Uma sacudida maior que as demais fez com que ambos terminassem no chão da carruagem. Logo, quando a carruagem seguiu movendo-se, deram-se conta de que não foi uma simples sacudida, mas que se separaram dos cavalos. Rubi experimentou o pânico enquanto o veículo dava tombos produzindo golpes em seu corpo. De repente, quando estava a ponto de soltar um grito involuntário, a carruagem se deteve com um último golpe com o que devia ser uma árvore.

Não se atreveu a mover-se. Parecia que se encontrava bem, mas lhe custaram várias baforadas de ar para recuperar parte de seu controle.

Observou como Aberdeen tateava procurando a porta da carruagem. Esta havia ficado em um ângulo bastante estranho com seu corpo. Teve que empurrar várias vezes até que conseguiu abri-la, logo se dirigiu para ela.

— Está bem? — Perguntou-lhe.

Visto que temia mover a cabeça para assentir, sussurrou um “*sim*” com muita dificuldade.

Damián saiu e logo estendeu as mãos para ela para ajudá-la a fazer o mesmo. Quando conseguiu seus músculos doloridos não encontraram nenhum alívio na corrente de água de chuva que a empapou dos pés à cabeça mal pôs um pé em terra.

— E agora, o que faremos? — Perguntou olhando ao seu redor para se localizar.

Se não se enganava não estavam nem tão perto nem tão longe de sua casa.

— Minha casa está perto, iremos para lá.

— À sua casa? — Soube que a pergunta era estúpida, mas não pôde evitá-la.

— Tem uma ideia melhor? Não acredito que queira ficar se banhando na chuva.

Claro que não queria, mas não acreditava que ir à casa dele quando era mais de meia-noite fosse uma boa ideia.

— Vamos, — a animou — se a tormenta não se acalmar terá que passar a noite lá.

Rubi começou a caminhar inconscientemente, embora a ideia não a convencesse de todo, não ficava outra opção.

— Rowena se preocupará.

— Se tivermos sorte pensará que ficamos o suficiente para que lady Carlisle nos oferecesse hospitalidade.

Sem alternativa, começaram a caminhar a passo apressado para a casa de Aberdeen. O cocheiro vinha atrás com os cavalos que estavam bastante inquietos. Não demoraram mais de dez minutos em chegar, mas isso foi suficiente para que ao entrar na casa Rubi estivesse tremendo sem poder controlar-se.

— Manda preparar um quarto para a senhorita — ordenou ao mordomo, que não pôde evitar que um gesto de surpresa atravessasse seu rosto ao vê-la ali.

Rubi não necessitava que ninguém lhe recordasse o incorreto da situação, era perfeitamente consciente disso. Entretanto, consolou-se com o fato de que se casariam em uma

semana, se surgisse algum falatório pelo menos não sofreria tanto. Ou isso esperava. O fato era que não havia outra opção. Passaria essa noite na casa de Damián.

Capítulo 21

Estava em uma habitação confortável, em uma cama confortável, encontrava-se seca e usava uma camisola que a irmã de Damián havia deixado ali antes de se casar, mas ainda assim Rubi não conseguia dormir. Devia levar ao menos uma hora dando voltas na cama. Os constantes trovões, que lhe recordavam a chuva que se desatava, a impediam. Oh, como odiava as tormentas.

Dando-se por vencida no intento de conciliar o sono, levantou-se da cama e parou em frente à lareira para absorver o calor que o fogo proporcionava. Esfregou seus braços com suas mãos para gerar além de calor, tranquilidade. Se estivesse em sua casa já estaria metida na cama de Safira, ou Esmeralda estaria metida na sua. Nesse tipo de noites sempre era melhor dormir com companhia, e que melhor companhia que ficar com sua família? Mas, já que não estava ali, melhor se resignar a uma longa noite de insônia. Só esperava que Rowena estivesse adormecida e não percebesse que ela não chegara, do contrário, iria se preocupar.

Passou seu olhar por todo o quarto e se deteve na porta localizada um pouco além da lareira, onde Damián devia estar dormindo. Ao que parecia, quando Damián pediu que lhe preparassem uma habitação e informou posteriormente que ela

era sua prometida, os criados não viram problema em lhe preparar o quarto contíguo ao dele que, afinal, em uma semana seria o seu. Tentou não pensar muito no assunto, já que não sabia o que lhe tirava mais o sono, se o fato de que o céu estava caindo ou que Damián estivesse na habitação do lado.

Sentia-se bastante esquisita por estar ali e pensar que logo viveria nesse lugar. Sentiria saudades, sem dúvida de sua família, mas essas eram as consequências de casar-se. Talvez tivesse que passar longas noites de insônia quando houvesse tormentas ao não ter em quem refugiar-se.

Uma vozinha em sua cabeça lhe disse que talvez estivesse fazendo coisas mais interessantes nessas noites. Rubi se repreendeu imediatamente por aqueles pensamentos. Desde aquele baile de máscaras sua mente vivia cheia de pensamentos pecaminosos e ela sabia muito bem o porquê. Pensou que a única coisa boa de tudo isso era que em sua noite de núpcias não estaria temerosa do que aconteceria, nem duvidaria se seria bom ou ruim. Ela já sabia que não era mau.

Para afastar-se daqueles pensamentos começou a dar voltas de um lado ao outro. Sua ausência de sono era tal que nem um aborrecido livro poderia fazê-la dormir.

A cada momento seu passeio era interrompido por um novo trovão que a fazia dar um pulo, mas logo o reatava. Ao final de dez minutos dando voltas não sabia como não se enjoara.

Estava ponto de retornar à cama e fazer um novo intento por conciliar o sono quando o som de uma porta se abrindo a deixou em alerta. Não necessitou que ninguém lhe indicasse

qual era a porta, ela soube no primeiro instante que era a que comunicava ambos os dormitórios.

Virou lentamente para encontrar Damián. Seu corpo estava coberto por um robe e levava uma vela na mão. Seu cabelo castanho estava despenteado, mas seus olhos não davam nenhum indício de que havia despertado, ou melhor, Rubi acreditava que ele tampouco conseguia dormir.

— Se continuar dando voltas enjoará.

Rubi levantou a camisola e se olhou os pés só para comprovar que estava descalça; não podia ter feito ruído e, se tivesse feito, duvidava que pudesse escutar-se ante o ruído da chuva e os trovões lá fora.

— Como sabe que eu dava voltas? — Perguntou curiosa.

Aberdeen baixou os olhos até os dez centímetros restantes de camisola.

— Cada vez que dava a volta, isso — assinalou a barra da camisola — roçava a porta e, como eu estava perto da lareira, pude ouvi-lo uma e outra vez.

Rubi pensou que o homem devia ter um ouvido muito afiado para ter escutado.

Suspirando sentou-se em uma das poltronas perto da lareira e, em uma pose muito pouco apropriada para uma dama, inclinou-se para frente, pôs os cotovelos nos joelhos e colocou a cabeça entre suas mãos.

— Não conseguia dormir — admitiu.

Damián se sentou em frente dela.

— Já me dei conta. É pela tormenta?

Ela assentiu.

— Tem medo?

Negou com a cabeça.

— Não é medo é... traz más lembranças.

Damián não necessitou que lhe especificasse quais eram as más lembranças que traziam as tormentas. O instinto lhe disse.

— Choveu naquela noite — afirmou.

Rubi, que estava a ponto de voltar a perder-se em suas lembranças, assentiu sentindo o familiar nó na garganta que lhe indicava o pouco que faltava para que as lágrimas se fizessem presentes. Para afastar de sua mente esses pensamentos perguntou:

— E você, por que não consegue dormir?

Damián suspirou, recuou na poltrona como procurando comodidade.

— Digamos que é o costume.

— Não dorme nas noites? — Perguntou curiosa.

— Muito pouco — admitiu.

— Por quê?

— Bem, acredito que também posso dizer que é devido às más lembranças.

— Da guerra?

Ele assentiu.

— O que se vê ali muda a perspectiva de vida de qualquer um.

— O que se vê?

Deu-lhe de presente um sorriso melancólico.

— Não acredito que seja apto para os ouvidos de uma

mulher.

— Não vejo por que não, às vezes minha... — tragou saliva tentando acalmar-se — minha mãe dizia que quando se contava um pesadelo, este já não voltaria a apresentar-se.

— Isso seria uma sorte, já que quase sempre é o mesmo pesadelo.

— Então conta, — insistiu com certo humor — te asseguro que não sou fácil de assustar.

— É... é complicado explicar. Normalmente é o mesmo: o chão coberto de sangue, gente que morre a cada segundo. Gritos de dor e agonia de gente que vê como sua vida lhe escapa. O fedor da morte que impregna as narinas. Tudo são lembranças de guerra. É terrível presenciar tudo isso. Terrível ver como muitos de seus companheiros morrem no campo de batalha. Terrível saber que muitas famílias ficaram sem um de seus membros, e tudo por quê? Para satisfazer os caprichos da ambição humana. Essa necessidade de querer ter mais e mais sem importar as consequências. Sem importar quantos morram pelo que acreditam uma causa justa.

Com cada palavra que saía de sua boca seu semblante ia escurecendo ainda mais e seu olhar parecia perdido, era como se estivesse absorto nas lembranças. Ela se inclinou e tomou-lhe as mãos em gesto de apoio. De repente ele sacudiu a cabeça como se quisesse sair do transe e seus olhos focaram nela.

— Bem, acredito que não vale a pena recordar isso. Nada se pode mudar.

— Não, nada se pode mudar.

Rubi pensou que era surpreendente que nunca se pôs a

pensar nisso. Nunca pensara nas pessoas que morriam de forma tão trágica e causava dor a outros. Mas claro, o ser humano era assim, enquanto a dor fosse alheia não importava. Se todos nós puséssemos a sofrer pela dor alheia se viveria em um constante estado de depressão. Entretanto, não podia deixar de sentir pena e tristeza ao refletir um minuto sobre o que disse Damián. As pessoas morriam e muitos perdiam a família pela ambição de outros. É possível que ela mesma tivesse perdido a sua por isso, embora se inclinasse a pensar que foi mais pelo ódio e a inveja de alguém desconhecido.

Os olhos voltaram a encher-se de lágrimas só de recordar e teve que fazer esforços monumentais para contê-las.

— Chora — ouviu que sussurrava Damián. Quando ela o olhou com o cenho franzido explicou. — Às vezes é melhor chorar que permanecer com esse sentimento dentro.

— Me acredite, já chorei o bastante.

— Talvez não o suficiente, se assim fosse não teria mais vontade de chorar.

— É que... dá tanta raiva. Dá raiva não saber quem foi. Dá raiva pensar que essa pessoa pode estar viva e feliz enquanto meus pais estão mortos, enquanto nós sofremos uma barbaridade por sua perda. Dá raiva e tristeza saber que pelo ódio de um desconhecido pessoas tão boas morreram da pior maneira.

Os soluços começaram a sair à medida que as lembranças voltaram a envolvê-la.

Damián se aproximou dela e sentando-se no braço da pequena poltrona, colocou um braço ao redor de seus ombros

em um gesto reconfortante. Sem necessidade de perguntar, ela prosseguiu como se precisasse contar o ocorrido.

— Apesar dos problemas que meus tios vinham sofrendo com suas fazendas pa-parecia que seria uma linda noite. Sem-sempre jantávamos em família, não importava nossa idade. Desfrutávamos de nossa companhia, — outra série de soluços interrompeu seu relato e demorou uns minutos em continuar. — Foi depois do jantar quan-quando nossa instrutora nos sugeriu que brincássemos de algo. Seu tom era nervoso, mas a excitação da perspectiva de uma brincadeira fez com que não notássemos. Disse-nos que nos escondêssemos bem e que ela nos procuraria e que não saíssemos porque, se nos deixássemos ver, perderíamos. A senhorita Sarah sempre foi muito agradável, então demos atenção. Eu levei Esmeralda comigo e juntas nos escondemos na estufa entre umas plantas muito grandes. Não passou muito até que começamos a ouvir o ruído de cavalos aproximando-se e depois os disparos, — falava como envolta em um transe, seu corpo tremia como se estivesse revivendo o que sentiu naquele momento — Esmeralda e eu nos abraçamos, mas não nos atrevemos a sair até que estes cessaram. Quando chegamos ao salão tudo o que conseguimos ver foi o sangue esparramado ao redor dos corpos inertes dos nossos pais e dos criados. Topázio já se encontrava ali, parada ao lado do meu pai com os olhos arregalados. Eu... eu acredito que se escondeu no armário do salão.

Damián, que escutava com atenção, não viu prudente perguntar o que fazia um armário em pleno salão principal.

— Safira também estava ali — continuou. — A pergunta

inocente de Esmeralda sobre se dormiam foi o que conseguiu me tirar do transe. Não sabíamos o que fazer, então corremos para fora dali, só desejávamos nos afastar dos corpos que já não respiravam. Depois..., depois encontramos Rowena e o resto carece de importância.

Ao terminar seus ombros começaram a sacudir com mais força enquanto as lágrimas saíam descontroladas atravessando suas bochechas. Passou um momento até que os soluços foram reduzindo e Rubi começou a se acalmar. Damián se manteve todo o tempo quieto, acariciando seus ombros com suas mãos, tentando acalmá-la. Passaram ao menos cinco minutos até que os soluços desapareceram e, como quem retorna de um transe, Rubi endireitou repentinamente os ombros e secou com o dorso da mão os restos de lágrimas.

— Eu...

O que ia dizer? Nem ela mesma sabia como contara tudo. Só elas sabiam aquilo, nem à Rowena confessaram. Então, o que foi que a impulsionou a dizer tudo a ele? Por que revelara essa parte secreta de sua vida tão dolorosa de recordar? E não só isso, mas sim também chorou em seu ombro, desafoando aqueles sentimentos reprimidos por muitos anos? Era muito estranha a confiança que esse homem conseguia lhe inspirar e Rubi temia que também fosse muito perigosa.

— Ora, ora — Damián a tranquilizou como se falasse com uma menina pequena. — Está melhor?

Rubi assentiu, em realidade se sentia muito melhor; era como se tivesse tirado um peso de cima. Desde aquele dia esse tema fora proibido e ter falado fazia com que se sentisse mais

livre.

— Sim, eu... acredito que, depois de tudo, a vida é assim. Está cheia de maldade, mas... mas nem tudo tem que ser ruim.

— Estou de acordo — concordou acariciando sua bochecha com a mão que não estava em seus ombros.

De forma instintiva Rubi pressionou sua bochecha contra sua mão para sentir o calor que necessitava com urgência.

Ele baixou sua boca à sua até unir os lábios no que ao princípio foi uma terna carícia. Seus lábios se roçavam com uma deliciosa suavidade, como quem saboreia as últimas gotas do mais fino vinho. Beijaram-se com tranquilidade, sem pressa alguma, até que a necessidade foi se incrementando. O beijo começou a tornar-se mais atrevido, como se necessitassem de mais. Rubi, pelo menos, necessitava. Em poucos segundos ela se encontrava entre seus braços, lhe abraçando o pescoço e colando-se a ele em busca de sua proximidade.

O espaço e o tempo desapareceram, só eram eles dois. Só eram seus lábios unidos e suas línguas entrelaçadas lhes causando prazer.

Ele se separou um momento e Rubi sentiu imediatamente seu afastamento.

— Passe esta noite comigo — sussurrou em um murmúrio rouco em sua orelha para logo pousar os lábios em seu pescoço.

Como resposta, Rubi gemeu. Os sons não pareciam sair de sua boca em outra forma. Colou-se mais a ele, se era possível, incapaz de encontrar palavras para negar-se. Não havia nada de mau, não é? Em uma semana estariam casados.

Damián interpretou sua entrega como um sim e voltou a beijá-la enquanto suas mãos se desfaziam de forma ágil da camisola.

Em seu desespero de sentir sua pele, Rubi conseguiu lhe abrir o robe e tirá-lo para que não houvesse nada que se interpusesse entre eles. Deleitou-se acariciando seu musculoso peito. Medindo com curiosidade os músculos de seu peito para logo baixar mais...

Damián gemeu dentro de sua boca quando sentiu suas mãos que baixavam além de seu abdômen e como para não sofrer sozinho, pôs suas mãos em seus seios, acariciando com cuidado os sensíveis mamilos e fez que da boca de Rubi comesçassem a sair mais gemidos involuntários. Não passou muito até que ambos estivessem na cama, consumindo-se nas chamas da paixão, desfrutando daquela atração tão forte entre eles, esquecendo-se por um momento das dores que os afligiam e iniciando o que seria um novo começo.

Capítulo 22

Quando Rubi abriu os olhos a primeira coisa que viu foi o rosto de Damián em frente ao seu. Depois de tudo, conseguira dormir... embora fosse um pouco.

Observou sem pressa e com curiosidade os traços de Damián. Adormecido, toda aquela arrogância que irradiava desaparecia, em troca, seu rosto chegava a ser quase doce apesar de suas feições endurecidas. Enquanto passava um dedo por sua bochecha em que um rastro de barba começava a aparecer, pensou em tudo o que aconteceu. À diferença da última vez, nesta ocasião não se arrependia de nada e, quando dizia nada, era nada, nem sequer de lhe haver contado aquela parte de seu passado. Desta vez tinha a certeza de que tudo ficaria bem. De algum jeito e em algum momento esse homem ganhou sua absoluta confiança. Destruíra todas as suas objeções e, por mais que lhe custasse admitir, era possível que também tivesse chegado ao seu coração, só que não sabia se isso era bom ou ruim.

Estar apaixonada por um homem que não te ama não parecia um futuro muito promissor. Ela nunca duvidou de si mesma, mas nesta ocasião não havia segurança de que obteria que ele também a amasse. E se cansasse logo dela? E se logo se arrependesse das bodas e terminasse odiando-a? Bem,

talvez exagerasse um pouco: foi ele quem insistiu no matrimônio, além disso, confiava nela, não? Contara seu pesadelo e o vivido na guerra, mas agora que recordava, não confessou o porquê se alistou no exército. Além do que havia dito aquela vez em sua casa de campo, Rubi não fazia a menor ideia do que o levou até lá, dos motivos de sua família para lhe dar as costas. Bom, na realidade não tinha nenhuma obrigação de dizer-lhe, nem ela nenhum direito de perguntar, embora a curiosidade a comesse viva.

Seguiu observando o homem que havia roubado o seu coração enquanto percorria suas feições com o dedo indicador. Era tudo muito estranho, há um mês não queria casar-se e agora estava apaixonada. E o pior de tudo é que nem sequer sabia como havia acontecido. Talvez ocorrera no instante em que começou a conhecê-lo. Possivelmente foi depois, quando começou a confiar nele. Pode ter ocorrido desde aquela primeira noite em que estiveram juntos e que foi incapaz de negar-se às suas carícias ou, possivelmente, apaixonou-se desde a primeira vez que o viu, quando Rowena o apresentou em sua primeira temporada. Naquela festa em que estava tão bonito com aqueles olhos cheios de tortura que exigiam a gritos liberação. Apaixonou-se à primeira vista por ele, mas a decepção posterior lhe fez impossível reconhecer.

Mas era possível saber o momento exato em que alguém se apaixonava? Acaso importava? Amava-o e isso era a única coisa que devia importar nesse momento, isso e os problemas que isso suportaria. Poderia viver uma vida inteira ao seu lado sabendo que não era correspondida? Pareciam-lhe irônicos

todos aqueles pensamentos. Ela nunca fora das que guardavam fantasias amorosas, mas agora estava preocupada com o futuro. Deveria pedir conselho à Esmeralda, se havia alguém nesse mundo que podia ajudá-la era sua irmã mais nova. Capaz que em algum daqueles livros que sempre considerou ridículos tivesse algo que a ajudasse a resolver seu problema.

Quando seu dedo começou a percorrer a comissura de sua boca esta se moveu e o capturou.

Rubi franziu o cenho e olhou de forma acusadora nos olhos de Damián, que a olhavam com malícia.

— Desde quando está acordado?

Ele se levantou um pouco e apoiou a cabeça em sua mão, logo a olhou com a mesma atenção com que ela o olhava, e com um sorriso nos lábios.

— Bom dia — disse fugindo de sua pergunta.

— Bom... — Rubi se levantou bruscamente na cama e olhou pela primeira vez ao seu redor — Jesus! Já é dia!

Damián a olhou confuso.

— Sim...

— E seguimos aqui! Deveria estar em minha casa, Rowena se preocupará se acordar e eu não estiver!

Levantou-se da cama e foi em busca do vestido e da roupa interior que deixara secando em frente à lareira.

— Rubi, se acalma.

— Não posso! Não entende? Já é tarde! Os criados estarão acordados e me verão chegar... então saberão que não passei a noite ali... não sei os teus, mas à exceção do mordomo, os

nossos são muito fofoqueiros. O rumor correrá como pólvora.

— Nos casaremos em uma semana — ele recordou.

— Isso não é correto.

— Não, mas as bodas sossegarão os falatórios.

Rubi não se incomodou em replicar, em troca começou a colocar a regata e a anágua. Quando chegou a hora do espartilho virou para Damián.

— É... ajuda-me?

Com preguiça, ele abandonou a cama deixando à vista de Rubi toda sua nudez. Ela se ruborizou e afastou a vista do corpo tentador. Deixou que, com mãos ágeis, lhe ajustasse o espartilho e logo procedeu a colocar o vestido. Quando estava fazendo-o, soou um golpe na porta.

— Sim? — Rubi perguntou temerosa.

— Senhorita, — soou a voz do mordomo atrás da porta — sua família veio procurá-la.

Rubi achou que desmaiaria. Ao que parecia se deram conta de sua ausência e deduziram onde passou a noite. Não podia estar mais vermelha nesse momento.

— Desço em um momento — avisou antes de dirigir-se ao Damián em voz baixa. — Seu mordomo não devia ter batido primeiro em sua porta? — Perguntou temendo a resposta.

— Certamente o fez e como não respondi, veio para cá.

Não sabia se era possível que se ruborizasse ainda mais.

— Deus! O que devem estar pensando? É muito pedir que pensem que está dormindo?

Damián sorriu.

— A esta hora já devia estar levantado — disse olhando o

relógio pendurado em uma das paredes.

— Não está ajudando — Rubi disse, sentindo que ia desmaiar.

Damián ampliou seu sorriso.

— Acredito que é melhor ir me trocar, — informou — se me demorar aí sim pensarão mal.

Rubi terminou de ajustar o vestido e prosseguiu com seu cabelo. Com as forquilhas que tirou na noite anterior conseguiu recolhê-lo em um singelo coque e quando acreditou que apresentava um aspecto aceitável saiu. Oxalá pudesse desfazer o rubor das bochechas antes que estivesse em frente à Rowena.

Quando desceu encontrou todas as Loughy mais Rowena olhando-a com curiosidade. Rubi teve que fazer um esforço monumental para não voltar a ruborizar-se e as olhar tranquilamente. Rowena parecia aliviada, embora depois uma expressão de desconcerto brilhasse em seus olhos. Topázio sussurrou, com um sorriso, algo a Safira e lhe lançou um olhar de reprovação, embora Rubi pudesse notar que mordida o lábio para não rir. Não era difícil imaginar o que elas pensavam. Até Esmeralda a observava com curiosidade e um brilho malicioso nos olhos.

— Bom dia — sussurrou com cautela.

— Pode-se saber o que faz aqui? — Rowena perguntou alterada. — Todo o caminho estive rezando pensando que havia acontecido algo contigo. Como terminou aqui?

— A carruagem se separou dos cavalos. Estava chovendo muito forte e como estávamos perto daqui não ficou outra

opção que passar a noite. Foi impossível mandar avisá-la, deviam ter visto a tormenta, parecia que o céu ia cair. Teria sido uma crueldade enviar alguém com a mensagem.

— Oh, Deus! — Rowena exclamou revisando-a de cima a baixo. — Mas está bem? Não se machucou?

Rubi negou com a cabeça.

— Estou bem.

— Acredito que é bastante notável, Rowena — Topázio comentou com malícia.

A Rubi não passou despercebido o duplo significado daquela frase e só esperou não haver se ruborizado. Lançou à sua prima um olhar de advertência e ela se limitou a sorrir. Apesar de tudo, já não estava mais zangada com Topázio, afinal, se não tivesse tido aquela absurda ideia da armadilha, ela provavelmente teria se livrado de Aberdeen há muito tempo, contra os seus sentimentos, mas também possivelmente não estaria nesse momento temendo seu futuro.

Quando ia replicar Rowena interveio com a pergunta menos desejada.

— Onde está lorde Aberdeen?

Rubi, que estava concentrando-se para que a mentira que dissesse fosse mais acreditável, foi salva pelo dito cujo, que desceu nesse mesmo instante. Ela o olhou e percebeu que sua vestimenta era impecável, enquanto ela mal se via apresentável. Isso não era justo, embora devesse agradecê-lo, ao menos assim Rowena teria a certeza de que se comportou como todo um cavalheiro, apesar de não ter sido assim.

— Excelência — Damián saudou. — Desculpem o atraso,

por favor, estava atendendo uns assuntos importantes.

— Oh, milorde, não se preocupe. Rubi me contou o acontecido, foi uma tragédia, mas graças a Deus não foi pior.

— Graças a Deus, sim. Ia levá-la a casa agora mesmo, mas vejo que me adiantaram.

— Estávamos muito preocupados.

— Estava muito preocupada, — Topázio corrigiu ignorando a cotovelada de advertência de Safira — eu te adverti que se encontrava bem.

Rowena lhe lançou um olhar de reprovação.

— Isso não poderia saber.

— Eu sabia — disse encolhendo os ombros.

— Topázio nunca se engana, — Esmeralda interveio — lembre-se que tem sangue cigano, o instinto não lhe falha.

Rowena ofegou horrorizada ante o dito por Esmeralda e a olhou com advertência. Os ciganos não eram muito queridos na Inglaterra e normalmente eram desprezados porque as pessoas acreditavam que eram ladrões, portanto, todo aquele que levasse seu sangue, por mínimo que fosse, causava repulsa às pessoas. Rowena se informou muito depois que a mãe de Topázio era metade cigana e ordenou que não falassem do tema. Se alguém soubesse a desprezariam, embora Topázio não precisasse divulgar o seu sangue para ser desprezada, sua língua se encarregava disso.

Aberdeen não mostrou a mínima reação diante do acontecido, o que conseguiu tranquilizar Rowena.

— Bem, acredito que isso a faz uma bruxa em toda regra — Damián sussurrou no ouvido de Rubi. Ela teve intenção de a

golpear, mas se conteve, já que estavam sob o atento olhar de Rowena que, para romper a tensão disse:

— Acredito que é hora de ir.

— Por que não ficam para tomar o café da manhã? — Damián propôs.

— Agradeço seu oferecimento, milorde, mas não é necessário. Foi um prazer vê-lo.

Dito isto fez uma inclinação de cabeça como despedida e deixou que as acompanhasse à porta. Antes de entrar na carruagem Rubi virou a cabeça para ele e pôde ver como lhe piscava um olho. Entrou na carruagem esperando que atribuíssem seu rubor a quão quente amanhecera o dia depois da tormenta.

Durante todo o trajeto fugiu do olhar de Rowena. Ela podia parecer ou fazer-se de parva, mas Rubi sabia que não era. Devia estar nesse momento analisando tudo e perguntando-se se na verdade seguiria intacta. Só podia agradecer que não mencionasse nada a respeito.

Mal chegaram a casa trancou-se em sua habitação, não sem antes ordenar que lhe mandassem ali o café da manhã. Precisava pensar em sua recente descoberta. Estava irrevogavelmente apaixonada por ele, mas não fazia nem ideia dos sentimentos dele para com ela. Sabia que a desejava, mas disso ao amor havia muito caminho, ao menos para os homens. Podia fazer com que se apaixonasse por ela, o problema consistia em como faria. Sempre fora muito solicitada, pretendentes nunca lhe faltaram, mas isso não significava que possuía muita experiência a respeito de como

eram os homens nem de como os conquistava. Não acreditava que gostassem de receber cartas de amor ou algo do estilo. Então, como o apaixonaria?

Metendo um pão doce na boca disse-se que a vida era muito injusta. Aos homens ensinavam como conquistar uma mulher, mas a elas não era ensinado como conquistá-los, ao menos não lhes ensinaram nada que fosse além de um sorriso estúpido e de um pestanejar coquete, e ela não acreditava que Damián se interessasse muito nisso.

Amaldiçoou em voz baixa, por que fora se apaixonar? Teria sido mais singelo ter se separado dele desde o começo e nesse momento não estaria nessa situação, nunca teria se dado conta de seu amor e estaria feliz e contente sem tantas mortificações, em troca, agora se encontrava pensando no que seria amar alguém que não a correspondia e que se casava com ela só por desejo e obrigação.

Decidiu deixar de analisar o assunto e deu ao destino a tarefa de fazer com sua vida o que quisesse tal e como fizera até agora. Quem sabe, talvez tivesse uma surpresa.

Capítulo 23

Damián chegou a sua casa com um humor excepcional, embora para ser sincero, havia saído também com um humor excepcional. Em realidade esse parecia ser seu único estado de ânimo desde que se comprometera. Essa noite foi tão maravilhosa como a outra, senão melhor, parecia que Rubi Loughy fora feita para ele, que ambos foram feitos um para o outro. Havia sido uma noite esplêndida, e não somente por terem feito amor, mas também pelo acontecido antes. Pelas confissões compartilhadas, pela confiança brindada. Ela confiara nele ao lhe contar tudo e isso lhe produzia um prazer infinito por algum motivo. Contara-lhe algo doloroso de sua vida e isso para ele era muito valioso.

Por sua parte, era a primeira noite em meses que dormia tranquilo, sem levantar-se na madrugada sobressaltado pelas lembranças. Era como se um peso tivesse sido liberado. Podia ser que a falecida senhora Loughy tivesse razão e que os pesadelos acabassem quando se contavam a alguém.

Tal era sua alegria nesse dia que entrou até assobiando na casa, o que fez com que o mordomo franzisse um pouco o cenho antes de recuperar a compostura. Tão grande era sua felicidade nesse dia que demorou um momento em dar-se conta que os criados estavam mais ativos que o comum e uns

foram carregando água para um banho.

O sorriso se apagou do rosto ao compreender o que acontecia. Só uma pessoa podia causar tal revoo nos criados. Grunhiu, seu dia começou sendo muito bom para ser verdade.

Sem vontade subiu as escadas para enfrentar sua inesperada visita. Devia saber que a notícia não ia demorar muito em chegar a ela. De fato, demorara muito. O convite que se viu obrigado a enviar devia atrasar-se.

Quando chegou ao final do corredor bateu à porta pela qual acabam de sair uns criados com baldes de água vazios.

— Adiante — ordenou uma voz amarga de mulher.

Damián entrou na habitação e saudou com uma inclinação de cabeça a dama gordinha de uns cinquenta anos, cabelos marrons grisalhos e olhos claros que estava à sua frente.

— Mãe... que bom te ter por aqui.

Provavelmente era a maior mentira que havia dito em sua vida, mas lhe dizer o que pensava raiaria a falta de respeito.

Samantha, marquesa viúva de Aberdeen, olhou seu filho com o desprezo gravado no rosto e quando respondeu não se incomodou nem em sequer olhá-lo aos olhos.

— Não é necessária tanta hipocrisia, Damián. Vim para manter as aparências, seria um escândalo se não me apresentasse nas bodas. Se fosse por mim ficaria na casa de campo.

Sua mãe vivia sozinha em uma casa de campo na localidade de Wiltshire. Desde a morte de seu irmão Derek não pisara na cidade e Damián só a viu uma vez desde sua volta,

quando soube que seu irmão morrera e ele herdara título.

Qualquer um pouco inteligente se daria conta de que sua mãe e ele não se davam da melhor forma. Para ela, Damián nunca chegaria aos calcanhares de Derek, que foi um perfeito exemplar de virtudes, enquanto ele era um sem vergonha cínico, sem remédio. Seu filho favorito sempre foi e seria Derek, não importava que estivesse a sete palmos debaixo da terra. Damián, por seu lado, sempre seria a ovelha negra da família, sobretudo depois daquele incidente que lhe valeu o desprezo de sua família e justificou o que já lhe devotava sua progenitora.

— Já era hora de se casar, — sua mãe continuou falando sem olhá-lo — perguntava-me quando pensaria assumir essa responsabilidade, embora não me teria surpreendido se nunca o fizesse. É capaz de qualquer coisa para me chatear.

Ele não tinha nenhuma intenção de ficar ali escutando recriminações, então, ignorando aquele comentário disse:

— Espero que esteja confortável, mãe, nos vemos no jantar.

Dito isso saiu dali. Se tivesse sorte ela pediria que lhe levassem o jantar à sua habitação e economizaria sua companhia.

Infelizmente não foi assim, sua mãe não só desceu para jantar como também insistiu em convidar sua prometida para jantar no dia seguinte, argumentando que possuía o direito de conhecê-la antes das bodas.

Damián não estava com muita vontade de fazer chegar esse convite à Rubi, mas se ele não o fizesse, faria ela. Só esperava que sua mãe se comportasse e que não fizesse uso

daquela língua viperina que deixaria em ridículo a de Topázio Loughy... bom, talvez não, mas dava uma boa competição.

* * *

Dizer que ficou surpreendida ao ler a carta de Damián foi pouco. Rubi ficou atônita, e não porque no convite dissesse que sua futura sogra desejava conhecê-la, não, estava atônita porque até agora não dedicara nem um segundo a pensar na família de Damián. Além de sua curiosidade por saber o que aconteceu entre eles que fez com que Damián se alistasse no exército para sobreviver, nunca pensara em sua família nem se interessara por conhecê-la. Supõe-se que quando se casa com alguém tem interesse em conhecer seus parentes e, se não fosse por esse convite ela nem saberia que ele possuía família viva.

Pôs especial esmero em seu aspecto nessa noite, desejava dar uma boa impressão, não queria que sua futura sogra pensasse que Damián cometera um erro ao comprometer-se com ela, já era suficiente que Rubi o considerasse.

O vestido verde claro eleito para a ocasião lhe assentava muito bem. Tinha a cintura alta e um decote quadrado respeitável adornado com uma fita de seda um pouco mais escura. Ordenou à sua criada pessoal que recolhesse seu cabelo encaracolado em um coque singelo, mas elegante, deixando uns caracóis adornando seu rosto e, embora não fosse muito aficionada aos cosméticos, passou só um pouco de pó de arroz para ocultar as escassas sardas que tinha no nariz. Ao final estava mais que satisfeita com o resultado.

Se Rubi soubesse com o que ia se encontrar não teria se incomodado sequer em pentear-se.

Toda a família, exceto Esmeralda, chegou à casa de Damián por volta das sete. Foram recebidos por ele, mas a marquesa viúva não apareceu até o jantar. A Rubi pareceu toda uma descortesia, mas não mencionou nada.

A mulher, que devia rondar os cinquenta anos, entrou na sala de jantar com a elegância de uma rainha. Usava um vestido verde escuro sem nenhuma renda, além disso, usava na cabeça um adorno de plumas particularmente horrendo. A primeira coisa que fez foi observá-la com aqueles críticos olhos azuis.

Todos os cavalheiros se levantaram quando ela entrou e Damián lhe afastou a cadeira, mas antes que ela se sentasse disse:

— Mãe, estes são os duques de Richmond, — assinalou Rowena e William: — ele é lorde James Armit e elas são as senhoritas Loughy.

Todas se levantaram para fazer uma perfeita reverência.

— A senhorita Rubi Loughy — disse assinalando-a — é minha prometida.

A mulher enrugou seu sobrecenho e a submeteu a um estrito escrutínio. Rubi começava a ficar nervosa quando ela se sentou sem dizer sequer uma palavra cortês.

“Mas que mulher mais mal-educada”, Rubi pensou tomando assento. Pela cara de sua família soube que eles chegaram à mesma conclusão.

Os criados começaram a servir o primeiro prato, que

consistia em sopa de macarrão, filetes de porco transbordando em molho, bolo de carne, e frango com vegetais. Quando estes terminaram, a mulher se dignou a lhe dirigir a palavra.

— Então você é a prometida do meu filho — comentou olhando-a como quem vê um ser inferior. — Bem, visto que pensei que nunca se casaria, suponho que é melhor que nada.

Rubi conseguiu com esforço não se engasgar com o vinho que lhe serviram.

— Como? — Perguntou acreditando não ter ouvido bem.

— E além do mais é surda — a mulher resmungou em voz baixa, mas ela escutou claramente. — Suponho que será um bom par para meu filho, não que ele seja muito exigente quando se trata de mulheres. Meu querido Derek era, uma pena que na última vez se enganou tanto.

— Mãe, basta! — Damián grunhiu lançando um olhar de advertência à sua mãe. Sabia que não devia ter aceitado aquele jantar.

Se Rubi queria cair nas graças dessa mulher, agora o que desejava era lhe jogar o vinho na cara.

— Acaso ela não sabe, querido? — Lady Aberdeen perguntou com a amargura impregnada em sua voz. — Bem, não serei eu quem o diga, mas não ficarei tranquila até que lhe advirta que se casa com “*um bom para nada*”. Oh, se meu querido Derek estivesse vivo...

Todos na mesa guardaram um silêncio sepulcral, incapazes de acreditar no que a mulher acabava de dizer. Acabava de chamar seu filho de “*bom para nada*” na frente de todos. Rubi sentiu uma pontada de raiva e sentiu a

necessidade de defendê-lo, sobretudo quando viu a dor mal dissimulada nos olhos de Damián.

— Não conheci seu outro filho, milady, mas posso lhe assegurar que lorde Aberdeen não é nenhum “*bom para nada*”. É a pessoa mais respeitável e responsável que conheci. É todo um cavalheiro e me parece de muito mau gosto que fale assim dele em minha presença.

Um novo silêncio se instalou, mas foi quebrado pela gargalhada amarga da mulher.

— O que sabe você, menina desavisada? É muito bonita, mas não posso tomar em conta o julgamento de uma mulher que, de longe se nota, carece de classe.

— É o suficiente, mãe! — Damián levantou-se já no fim de sua paciência. — Não penso permitir que insulte assim a minha prometida, se seguir assim será melhor que se retire.

Deveria dar por finalizado aquele jantar, que claramente estava destinado a terminar em desastre. Devia imaginar que os motivos de sua mãe para insistir naquela reunião não eram nada bons, só que ingênuo, acreditou que sua progenitora teria suficiente educação para comportar-se como a dama que se supunha que era.

— Manda-me embora? — Perguntou em tom zombeteiro. — Isso não faz mais que demonstrar sua falta de educação.

— Você a está demonstrando com cada palavra, senhora — Rubi interveio, já bastante irritada. Como se atrevia a acusar seu filho de falta de educação quando ela era a que estava propiciando semelhante espetáculo?

— Menina estúpida, — a marquesa se levantou, irritada —

uma insignificante moça não vai me dar aulas de educação, e menos ainda uma que parece que tingiu o tecido do vestido com suco de limão. Que classe de tecido é esse?

— Tafetá italiano, e ao menos ela não leva um pavão na cabeça — Topázio disse com ironia, que foi a primeira em sair do estupor que causou a conversa.

— Parece que todas as moças são impertinentes.

Topázio sorriu friamente.

— Melhor impertinentes que uma velha mal-educada. Acusa-nos de falta de classe, milady, mas lhe falta educação. Além disso, se o vestido de minha prima parece tingido com um limão, você parece um arbusto andante. Não acha, Safira?

Safira, que pestanejou várias vezes para sair de seu estupor, pela primeira vez não repreendeu sua prima e disse com um sorriso igualmente mau:

— Com essas plumas, querida, eu acredito que é idêntica a um louro.

James não pôde segurar uma gargalhada ante o comentário e a mulher ficou vermelha de raiva.

— São todas umas desrespeitosas, se nota que não receberam educação.

Sério? A mulher acaso era consciente do que dizia? Acaso escutava a si mesma?

— Quem não recebeu educação foi você, senhora, — Rowena interveio surpreendendo a todos — e não penso tolerar nem um minuto mais a sua companhia. Moças, vamos — anunciou. Quando todas se levantaram, disse: — Não posso entender como de semelhante mulher nasceu um cavalheiro

como lorde Aberdeen.

— E eu não entendo que uma senhora como você, incapaz de criar boas mulheres, seja uma duquesa.

— Basta já, senhora! — Levantou-se William furioso. — Não penso permitir que falte ao respeito nem à minha esposa nem às minhas filhas dessa maneira. Para dar aulas de educação precisa recebê-las primeiro.

O duque foi o primeiro em abandonar a sala de jantar sem olhar para trás. Rowena o seguiu, não sem antes fazer uma reverência de despedida a Damián. James lhes seguiu o passo, mas Rubi pôde ver que sussurrava algo a Topázio antes de sair. Sua prima, que era a mais próxima à marquesa, sorriu daquela forma que não parecia nada bom.

— Bem, milorde, o que provamos do jantar esteve delicioso, mas o que mais eu gostei foi deste esplêndido vinho — pegou uma das taças de um dos cavalheiros e a levantou para enfatizar o dito, só que ao fazê-lo torceu a taça de tal forma que o vinho caiu em cima da marquesa.

Rubi não pôde evitar rir diante da expressão da mulher e, conforme viu, Safira tampouco.

— Oh, minhas desculpas, milady, acontece que não sou só impertinente, também estou acostumada a ser um pouco desajeitada.

Sorrindo, Topázio encolheu ligeiramente os ombros para não dar importância ao assunto e saiu seguida de Safira.

Antes de abandonar o lugar, Rubi olhou ao Damián. Tornara a se sentar e passou as mãos por seu rosto como se não pudesse ainda compreender o que acontecera. Ele a olhou

com a desculpa brilhando em seus olhos. Neles também havia desolação e tristeza, embora tentasse ocultar. Ela sorriu levemente para inspirar ânimo. Logo saiu sentindo pena, não por Damián, mas sim por aquela senhora cuja amargura por algo desconhecido envenenara sua própria alma.

* * *

— Essa sempre foi a sua intenção — era mais uma afirmação que uma pergunta. — Não veio para assistir ao casamento, queria me fazer parecer mau.

— Queria advertir a ingênua a que classe de pessoa está a ponto de unir-se, nem sequer me deixou dizer a quarta parte do que penso de você — disse com amargura.

— Queria me humilhar! — Gritou levantando-se, intimidando-a com sua altura.

— Sim! — Respondeu a mulher sem nenhum remorso. — Queria deixar claro que não é nem a quarta parte do que era seu irmão! Desse irmão que está morto por sua culpa!

— Não foi minha culpa! Nem sequer estava aqui quando morreu!

— Talvez não o matou, mas de certa forma foi o causador e nunca lhe perdoarei isso — cada palavra era como uma chicotada dada com extrema exatidão.

Com o desprezo sempre presente no olhar, a mulher abandonou o salão para pôr em ordem seus pertences. Iria no dia seguinte.

Damián se deixou cair novamente em seu assento. Não era sua culpa e não pensava carregar isso. Mataram Derek em

uma briga de taverna quando ele nem sequer se encontrava na Inglaterra. Não havia maneira de que isso fosse sua culpa, embora sua mãe pensasse assim. O acontecido há anos tampouco era por completo sua responsabilidade e não pensava carregar esse peso. Sua mãe estava cheia de amargura pela morte de seu adorado filho e não tinha com quem desafogá-la, por isso sua atitude, embora isso não fosse nem de longe uma justificativa para sua conduta dessa noite. Insultara da pior maneira as Loughy e os Richmond, e não se surpreenderia se quisessem romper o compromisso. Rubi teria ao menos uma razão válida para fazê-lo, ninguém queria aparentar-se com alguém como sua mãe.

A possibilidade de perdê-la formou um nó no estômago. Não queria afastar-se dela. Desde que se interpôs em sua vida essa deu um giro de 180 graus, mas para o bem. Toda a decepção e amargura que levara consigo, mesmo desde aquele incidente, desapareceram como por milagre. Sentia que recuperara sua confiança e se convertera em uma melhor versão de si mesmo. O que lhe causara era difícil de explicar. Só sabia que não podia deixá-la ir, embora fosse um bastardo egoísta por isso. Ela se casaria com ele em uma semana, não importava o que tivesse que fazer para convencê-la. Embora interiormente rogasse para que não houvesse necessidade de convencê-la.

Capítulo 24

Na noite do dia seguinte Rubi seguia muito preocupada. O tema do horrível jantar do dia anterior não foi mencionado em nenhum momento desde que aconteceu, e sua família não parecia ter nenhum rancor por Damián pelo incidente. Isso era bom. Mas o que a deixava realmente preocupada era que Damián não aparecera nesse dia por lá, nem sequer para pedir desculpa pelo acontecido. E se sentisse tanta dor por isso que já não desejava seguir adiante com o compromisso? Ou pior, se pensasse que ela já não quisesse seguir comprometida com ele? Precisava lhe fazer saber que isso não era assim. Contudo, esse não era o único ponto que a preocupava, também estava mortificada por todos aqueles sentimentos que viu em seus olhos antes de sair, pela tristeza gravada neles. Algo lhe dizia que aquele desprezo da mãe de Damián para com ele tinha a ver com o misterioso assunto que o levava a se alistar no exército, e ele ainda sofria por isso; ela sabia, embora talvez ele não. Precisava ajudá-lo e devia fazê-lo nesse mesmo dia.

Pegando uma capa de inverno de seu armário, Rubi saiu da casa. Deviam ser mais ou menos onze da noite. Encontrou o cocheiro no pequeno estábulo reunido e falando com outros lacaios e lhe fez gestos para que se aproximasse e lhe contou seu plano.

— Senhorita, eu não posso fazer isso — respondeu o homem, sem jeito.

— Será só um momento, é urgente.

— Mas é noite, — ele disse como se ela não soubesse — não pode ser amanhã?

— Não.

— E lady Richmond? Ela sabe que você deseja sair a esta hora?

Se Rubi tivesse tido menos sentido comum teria ido deter qualquer carruagem de aluguel ou pegado um cavalo para ir sozinha, mas era muito tarde e, portanto, perigoso, necessitava de uma companhia de confiança e ninguém melhor que aquele homem que estava há anos com eles. Podia confiar nele e em sua discrição.

— Por favor... — rogou.

O homem se rendeu.

— Como faremos para que não se deem conta? O ruído da carruagem contra a terra os alertará.

— Todos já devem estar adormecidos, iremos com cuidado, só a cavalo para não fazer tanto ruído.

O cocheiro suspirou e preparou os animais.

Tiveram a sorte de que ninguém pareceu perceber sua saída e em pouco tempo estavam parados em frente à casa de Damián.

Colocando a capa que lhe cobria até a cabeça, desceu e bateu à porta.

Depois de um momento, o próprio Damián foi quem abriu.

Apesar da escuridão da noite ele a reconheceu

imediatamente, já que seu cenho se franziu.

— O que faz aqui?

Ela não respondeu, mas entrou antes que alguém a visse e tirou a capa.

— Fiquei preocupada — admitiu sentando-se no primeiro assento que encontrou. — Hoje não foi ver-me.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Uma vez me acusou de que te incomodava muito e agora se queixa de que não fui ver-te. Acredito que nunca entenderei as mulheres.

O humor retornou ao Damián, então ela admitiu sentir-se preocupada porque ele não fora. Isso devia significar que não tivera de cancelar as bodas.

— Oh, sabe ao que me refiro, é pelo acontecido ontem, certo?

— Não acredito ter cara para ver sua família depois daquilo, de verdade sinto muito, Rubi.

— E se eu te assegurar que não lhe guardam nenhum rancor? Você não tem culpa de ter uma bruxa como mãe. E mais! — Seus olhos se iluminaram com diversão. — Estamos empatados, você tem uma bruxa como mãe e eu tenho uma bruxa como prima.

Ele não pôde evitar sorrir.

— Acredito que sua prima ganhou meu respeito depois do vinho.

Ela também sorriu.

— James sugeriu, sabia que Topázio era a única que se atreveria a fazê-lo.

Passaram uns minutos em silêncio.

— Por que sua mãe te trata assim? E qual é aquele assunto que eu não sei? — Perguntou-lhe afinal, incapaz de reprimir sua curiosidade.

Ele se sentou ao lado dela no sofá georgiano e suspirou. Passou tanto tempo em silêncio que Rubi acreditou que não fosse contar, mas enfim falou:

— Digamos que sempre fui a ovelha negra da família. O menino travesso. O adolescente rebelde e o homem irresponsável e mulherengo. Derek era justamente o contrário, assim ganhou benefícios dos meus pais, sobretudo da minha mãe. Claro que o educaram como o que era, o herdeiro, e a disciplina foi um pouco mais estrita em seu caso. Apesar de tudo sempre nos demos bem até...

Rubi permaneceu em silêncio. Podia ver a indecisão em seus olhos sobre contar ou não. Ambos se olharam aos olhos e logo, contra todo prognóstico, ele continuou:

— Até que ela entrou em nossa família — sorriu amargamente ao recordar. — Possuía um rosto de anjo e era um dos melhores partidos daquela temporada. Derek começou a cortejá-la, convidava sua família para jantar, saíam juntos, tudo parecia que terminaria em casamento, até que me dei conta de que ela não estava interessada em Derek, ao menos não como estava em mim. Nessa época eu era um descarado, mantinha casos com mulheres casadas, viúvas, admito, mas nunca solteiras e menos ainda com a mulher pela qual meu irmão se apaixonou.

— Mas ela não entendeu isso — Rubi deduziu.

— Era uma vadia, — disse sem nenhum pudor — paquerava comigo enquanto ao Derek jurava amor eterno. Propôs-me que fôssemos amantes após ela se casar. Quando a rejeitei e lhe reprovei o convite, a mulher ficou furiosa, começou a dizer que a ela ninguém rejeitava e ameaçou vingar-se, e o fez.

Outro minuto de silêncio passou antes que ele voltasse a falar.

— No dia em que o compromisso se anunciaria ante a sociedade, eu saí para não ver como meu irmão cometia o pior erro de sua vida. A mulher me seguiu, o que eu não soube foi como se encarregou de que Derek a seguisse. Era um baile de máscaras e eu acabara de combinar com... com uma mulher para passar um bom momento, — Rubi decidiu ignorar a pontada de ciúmes que a atravessou. Se sentisse ciúmes de cada mulher com quem ele esteve, ficaria amargurada — então, quando senti uns dedos em meus ombros supus que era meu encontro, virei e a estreitei em meu corpo, muito tarde compreendi que não era quem esperava, já que Derek chegou justamente nesse momento. O que aconteceu a seguir já deve imaginar: ele se aborreceu. Ela chorou e me acusou de sabe lá Deus quantas coisas. Não acreditaram em mim. Fui o mau da história. Meu irmão deixou de me passar dinheiro e eu terminei no exército para ganhar a vida.

— Mas... mas por que nunca lhe disse o que essa mulher fazia?

— Tentei em várias ocasiões, mas ao final nunca pude fazê-lo. Alguma vez esteve apaixonada?

Rubi negou com a cabeça sabendo que essa era a maior mentira de sua vida.

— Bem, acontece que quando alguém se apaixona essa pessoa passa a ser prioridade ante todos e o coração terá o instinto de defendê-la acima de tudo. Não teria acreditado em mim e, provavelmente, só teria adiantado meu desterro da família.

— E afinal se casou com ela?

Damián negou com a cabeça.

— Não, mas a traição lhe doeu mais do que esperava. A última coisa que soube dele antes de ir era que bebia com muita frequência, para esquecer.

— Como morreu? — Rubi perguntou com voz suave.

— Em uma briga de taverna. Estava bêbado. Minha mãe e meu cunhado se encarregaram de que o assunto não fosse um escândalo, mas ela nunca pôde me perdoar por isso, assegura que eu tenho a culpa.

— Isso não é verdade! — Apressou-se a defendê-lo.

— Sei, mas ela não acredita que seja assim. De todas as formas, faz tempo que deixei de mendigar seu amor para que isso me afete.

Ao olhá-lo nos olhos Rubi soube que o afetava, e muito. Mas a quem não afetaria o desprezo de uma mãe? Também pôde deduzir que o que mais o atormentava não era isso, mas sim seu irmão, que certamente foi a única pessoa de quem recebera apoio e foi-se deste mundo acreditando-o um traidor.

— O destino te deu uma rasteira, — disse em tom reconfortante — mas acredito que onde for que esteja Derek,

sabe que a culpa não foi tua.

— Deve ter me odiado até o último de seus dias.

— Ou possivelmente odiou a si mesmo por haver se apaixonado por alguém assim, não pode saber.

O olhar de Damián indicou que não acreditava.

— Disse que não queria voltar a ver-me em sua vida.

— Oh, bom, possivelmente depois repensou, ou talvez sim, morreu te odiando, mas isso já não importa.

Não era o melhor consolo que podia dar. De fato, era péssima dando-o, mas não lhe ocorria nada mais que dizer.

— A vida segue Damián, não pode seguir se atormentando pelo ocorrido.

— Não estou me atormentado.

— Ah, não? Todos asseguram que mudou logo depois da guerra, mas eu acredito que mudou no momento em que isso aconteceu. Acredito que sua tortura começou nesse mesmo momento e não entrou no exército só para sobreviver, mas sim como uma forma de fuga. Queria escapar de todos aqueles que lhe acusavam e, ao mesmo tempo, queria lhes demonstrar que podia ser responsável e não um canalha como todos acreditavam. Ou me engano?

Damián se recostou na cadeira e fechou os olhos. Enganava-se? Não, não o fazia. O que havia dito era exatamente o acontecido. Desde aquele dia nada voltou a ser igual, não só contava com o desprezo de sua mãe, mas também com o de seu irmão, aquele com quem sempre se deu bem. Depois disso vivera na casa de seu cunhado durante um tempo, até que se deu conta de que não podia seguir assim, de

que era necessário mudar. E foi quando lhe ocorreu que estavam recrutando homens para lutar contra Napoleão. Que melhor forma de demonstrar à sua família que mudara? Que podia valer-se por si mesmo? Foi então que se alistou no exército inglês e a guerra só conseguiu amadurecê-lo, que visse o mundo por outra realidade. Quando retornou, não era o mesmo, mas quando se foi tampouco. Por dentro já havia sido tocado fundo.

— Não — sussurrou depois de um momento.

Sem saber o que fazer, Rubi se abraçou a ele e recostou a cabeça em seu ombro.

— Não pode se jogar a culpa pelo acontecido. Se seu irmão caiu no vício do álcool, a culpa não foi sua, ele foi muito fraco para confrontar os fatos. Seu único pecado foi não tentar lhe abrir os olhos e... ser irresistivelmente bonito.

Isso conseguiu lhe tirar um sorriso.

— Afirma que sou arrogante e, ainda assim adula-me aumentando minha vaidade.

Rubi fez um movimento com a mão e o olhou aos olhos.

— Já me resignei com esse teu defeito.

Ele levantou uma mão e lhe colocou uma mecha de cabelo no lugar. Logo lhe acariciou a bochecha.

— Suponho que tem razão, — disse enfim — não posso fazer mais nada.

Rubi esfregou sua bochecha contra sua mão.

— Sabe, admito que temi que cancelasse o casamento usando isto como desculpa — ele disse.

— Pensei, — respondeu em um tom que delatava a

brincadeira — mas falta uma semana para o matrimônio, o escândalo seria enorme, além disso, e se eu estiver grávida?

Ele aproximou o rosto ao seu cabelo e inalou o aroma de rosas.

— Eu adoraria aumentar essa possibilidade — disse lhe beijando o lóbulo da orelha.

— Sim...! Não! — Exclamou separando-se bruscamente. — Tenho o cocheiro esperando lá fora, não posso demorar mais.

Como pôde, Rubi foi para longe dele.

— Vemo-nos —sorriu-lhe e depois se foi.

“*Uns dias*”, repetiu-se. Uns dias e aquela maravilhosa mulher seria sua esposa. Maravilhosa, verdadeiramente era maravilhosa. Damián não recordava a última vez que uma mulher se preocupara tanto com ele, que alguém lhe oferecera consolo e o escutara no momento mais necessitado. Rubi era única e a alegria que sentiu ao saber que não pensava romper o compromisso foi enorme. Já se fazia estranho ver a vida sem ela. Sem aquele caráter teimoso. Sem seus frequentes ataques de histeria. Ela era perfeita, ao menos para ele era. Não sabia o que essa mulher lhe fez para que pensasse assim. Para que tivesse se atrevido a lhe confessar seu maior segredo. Mas, fosse o que fosse o que lhe tivesse feito, não desejava mudar.

Capítulo 25

Faltavam três dias para as bodas. Três dias para o casamento! E Rubi ainda não podia acreditar. Em três dias seria a esposa de Damián. A esposa do homem que amava. Não cabia de alegria. Estava tão feliz que nem sequer protestou ante sua obrigatória participação nos preparativos. Teve que ir várias vezes à costureira para ver seu vestido. Ir daqui para lá preparando tudo junto com Rowena. Mas nada disso importou, porque tudo valeria a pena no final.

Seu bom humor devia ser mais notável do que supôs, porque durante a última prova de seu vestido ouviu Topázio comentar:

— Para alguém que não desejava casar-se eu a vejo com o mesmo sorriso estúpido de uma noiva antes de umas bodas.

Esmeralda e Safira assentiram concordando.

Rubi não se incomodou com o comentário, afinal, era a pura verdade. Ainda não falava com Topázio, mas não porque seguisse aborrecida, não, ao contrário, estava até agradecida. Ela, seguramente, soube desde o começo o que Rubi demorou tanto em descobrir e por isso fez o que fez. Apressou-se em julgá-la, mesmo sabendo que ela nunca faria nada para feri-la. Devia-lhe uma desculpa e precisava encontrar o momento para dar-lhe, embora fosse possível que não a aceitasse e se

empenhasse em negar, o que se consideraria uma boa ação por sua parte.

No dia seguinte de sua visita à casa dele, Damián foi vê-los. Foi se desculpar pelo incidente do jantar, mas Rowena se negou a ouvir qualquer justificação de sua parte, afirmando que isso não era sua culpa e que ninguém escolhia seus progenitores. Tudo ficou resolvido nesse dia, para alívio de Rubi. Só faltava esperar o casamento deixar que o destino decidisse seu futuro.

* * *

— Já basta de esperar, Hereford — Jonh agarrou pelo pescoço o esquálido homem e o bateu contra a parede. — Não sei como fará, mas eu quero meu dinheiro para amanhã ou lhe envio à prisão Fleet.

Soltou-o, Hereford caiu ao chão e olhou com ódio ao homem que desaparecia pela porta de seu escritório.

O lugar estava completamente vazio. Quase tudo na casa foi vendido para pagar as dívidas, mesmo assim não alcançara o valor. Só ficava aquela casa e, embora a vendesse não conseguiria o dinheiro suficiente. Do imóvel ligado ao título não podia desprender-se, por isso nada o salvaria do cárcere.

Amaldiçoou sua sorte e se serviu uma taça do licor barato que restava. Tudo era culpa dela. Tudo era culpa de Rubi Loughy. Por sua culpa estava naquela situação. Não só o rejeitou, a desgraçada se encarregou de que ninguém mais quisesse ser sua esposa. Nem os pais mais desesperados se atreveram a fazer uma aliança com ele, nem as mais feias das

debutantes se deixaram convencer por seus encantos. E tudo por ela, tudo porque divulgara a informação de sua ruína e que andava procurando fortuna. Rubi Loughy o deixou sem nenhuma saída e agora estava com um pé no cárcere dos devedores e não possuía dinheiro nem sequer para pagar o local dos cavalheiros. Seria enviado a um local de pessoas comuns e seria obrigado a conviver com gente muito abaixo de sua posição. Seria tratado pior que um animal e tudo por culpa dela. Sem dinheiro não podia fazer nada. Entretanto, sua sede de vingança se negava a deixá-la feliz enquanto ele apodreceria no cárcere. Devia fazer algo para cobrar a afronta.

Depois de mais alguns goles lhe ocorreu a ideia perfeita. Não, ela não seria feliz, porque antes a mataria. Sim, essa seria a vingança perfeita: mataria ela e Aberdeen. Os dois mereciam morrer, nenhum deles devia ser feliz enquanto ele estivesse no cárcere e que melhor forma de evitar que mandá-los à tumba?

Soltou uma gargalhada de júbilo. Sim, isso é o que faria. Possivelmente terminaria na forca em lugar da prisão Fleet, mas a morte seria muito melhor que o que lhe esperava nesse lugar.

Levantando-se com muita dificuldade do chão, foi cambaleando até seu escritório, de onde tirou uma pistola. Era quase meia noite, assim restava toda uma noite para pensar em como atrairia suas presas à armadilha.

Capítulo 26

Faltavam dois dias para o casamento e Damián não podia achar-se mais feliz. Não era como esperava se sentir estando a ponto de colocar a corda no pescoço, mas se sentia assim e depois de analisar o assunto por várias horas descobriu o porquê. Apaixonou-se.

Estava completa e absolutamente apaixonado por Rubi Loughy. Como aconteceu? Não sabia. Quando aconteceu? Tampouco fazia a menor ideia, mas de uma coisa estava seguro, e era que aquela mulher com temperamento explosivo era o amor de sua vida e não poderia viver sem ela.

As mulheres nunca representaram para ele nada mais que uma aventura, uma forma de entretenimento. As jovens casadouras, por sua parte, sempre foram um mal do qual sempre fugiu, uma praga cujo único objetivo na vida era te apanhar e arruinar sua existência. Essa era e acreditou que sempre seria sua opinião sobre as mulheres, afinal, sua progenitora não lhe deu muitos motivos para que as visse de outra forma. Mas quando ela apareceu em sua vida tudo foi diferente. Desde o momento em que a viu naquele baile de máscaras, desde que mostrou aquele engenho afiado e se retirou com pose orgulhosa, Damián notara que ela era diferente. Quando lhe deu a melhor noite de sua vida devia

saber que não havia como voltar atrás, embora não o admitiu em seu momento. Entretanto, foi quando pôde lhe confessar todo seu passado que soube que ela era especial; quando a confiança surgiu entre eles e se contaram aqueles acontecimentos tão bem guardados como um segredo de confissão; quando ela o apoiara sem julgá-lo, como fez toda sua família. Aí foi quando compreendeu que o que sentia por ela era mais que uma simples atração e logo depois de analisá-lo por horas, chegou à conclusão de que estava apaixonado.

Adorava tudo nela, seus ataques de histeria, seu senso de humor, sua teima, sua insensatez. Tudo. Absolutamente tudo.

Enquanto caminhava pelas ruas em direção à casa da mulher de sua vida, sabia que devia ter a cara de um estúpido apaixonado e, se não a tinha, ao menos o sorriso devia deixar entrever algo, mas é que ocultar aquele sentimento que acabava de descobrir era tão complicado quando se estava tão feliz...

Ao chegar à casa dos duques o sorriso se apagou imediatamente.

O mordomo que lhe abriu a porta mostrava em seu semblante, normalmente inexpressivo, uma expressão de indubitável angústia.

Damián não precisou perguntar para saber que algo andava mal.

* * *

Havia desaparecido, não havia outra explicação. Esmeralda desaparecera.

Rubi se recostou em uma das colunas de mármore do grande salão para tomar um descanso em sua busca que, sinceramente, não sabia por que a faziam, já que estava mais que confirmado que sua irmã não se encontrava naquela casa.

Revistou-se o lugar e os arredores de cima a baixo ao menos duas vezes e Esmeralda não se achava ali. Rubi se sentia muito preocupada. Podia ser que sua irmã não tivesse a sensatez de Safira, mas não era irresponsável e jamais desapareceria assim sabendo a angústia que causaria. O pior de tudo é que de verdade parecia ter sumido. Ninguém a viu sair da casa.

Essa manhã todas as mulheres saíram para terminar os assuntos do casamento. James tampouco se encontrava no lar e William resolvia assuntos do Parlamento, por isso ela ficou quase só em casa. Era o dia livre da maioria dos criados e só trabalhavam o mordomo, a governanta e alguns lacaios, entretanto, era pessoal suficiente para que algum percebesse sua saída e todos asseguravam que não a viram sair. Mas, então como é que não a encontravam em nenhum lado? Revistaram o lugar dos pés à cabeça várias vezes e ela não estava ali.

Não sabia por quê, mas Rubi sentia um mau pressentimento sobre o assunto.

— O que aconteceu?

A voz de Aberdeen a tirou de suas reflexões. Rubi virou para ele. Por sua cara deduziu que já descobrira que algo não andava bem na casa e, certamente, já o confirmara porque a expressão de Rubi não era a melhor. Estava a ponto de

começar a chorar.

— Esmeralda desapareceu. Quando retornamos não se achava em casa e não a encontramos em nenhum lugar. Eu acredito que lhe aconteceu algo, Damián.

Damián assentiu mostrando sua conformidade.

— Mas o que...?

Damián se calou quando viu que o mordomo entrava no lugar.

— Chegou isto para você, senhorita — o mordomo indicou lhe estendendo uma carta.

Rubi abriu o envelope e tirou o papel mal o mordomo desapareceu. Seu rosto empalideceu ao ler o conteúdo.

Incapaz de falar estendeu o papel para Damián para que ele lesse por si mesmo.

“Já que se deu ao trabalho de arruinar todos e cada um dos meus planos, decidi que chegou a hora de cobrar isso. A situação é assim: sua irmã está em meu poder e, se não vier logo que receba esta nota, com tudo o de valor que possa reunir, ela morrerá. Não se engane, a matarei, prefiro morrer na forca que no cárcere dos devedores, por isso não lhe ocorra trazer policiais com você.”

Hereford.

— Oh, minha pobre irmã! — Rubi soluçou incapaz de acreditar. — Temos que fazer algo!

— O primeiro será que se acalme, não cairemos na chantagem e você não fará nada.

Ela o olhou furiosa.

— Como não farei nada?!

— Disse que você não fará nada, eu irei ver o Hereford.

— Não penso ficar aqui enquanto a vida da minha irmã está em perigo, vou contigo.

— Não, — negou de forma terminante — se colocará em perigo também.

— Mas é minha irmã! — Reprovou. — Morrerei de angústia enquanto espero. Vou contigo. Além disso, sei me defender sozinha, disparo tão bem como você, recorda?

Damián grunhiu.

— Não penso te colocar em perigo! Esqueça!

Rubi mudou de tática.

— Se estiver contigo não estarei em perigo.

— Não funcionará, Rubi. Não me convencerá.

— Oh, vamos, ficarei na carruagem, se quiser, mas não penso ficar aqui esperando e rezando. Vou contigo e essa é minha última palavra.

Damián duvidava que pudesse convencê-la do contrário e, enquanto discutiam, perderiam tempo.

— Está bem, — aceitou a contragosto — mas fica na carruagem — assegurou.

Rubi assentiu satisfeita.

— Vou pegar as armas, estou segura que James terá uma para te emprestar.

Rubi saiu e retornou ao salão com duas pistolas, deu uma ao Damián e guardou outra em sua pequena bolsa de mão.

Dispunham-se a sair quando Topázio lhes interrompeu o

passo.

— O que acontece aqui? — Interrogou.

Rubi suspirou, estava com a esperança de que pudessem escapular sem que ninguém percebesse, não queria preocupá-los mais, mas conhecendo como conhecia Topázio Loughy, sabia que não os deixaria ir sem receber primeiro uma explicação. Assim, resignada, começou a relatar o ocorrido.

— Eu vou com vocês — afirmou depois de ter escutado tudo.

— Não! — Disse Damián. — Não penso cuidar de duas mulheres de uma vez só. Você fica.

— Eu não necessito que ninguém cuide de mim, milorde, sou perfeitamente capaz de me cuidar sozinha. Vou com vocês — teimou.

— Topázio, — Rubi interveio — não há tempo para discussões, fique aqui, por favor, estaremos bem.

Topázio pensou um momento e, contra todo prognóstico, aceitou.

— Está bem.

Rubi relaxou, mas não deu nem dois passos quando seu cérebro foi consciente de que ela aceitara muito rápido.

— Prometa-me — exigiu sabendo que uma promessa era a única coisa que Topázio não romperia.

Topázio fez algo parecido com um beicinho e logo assentiu a contragosto.

— Prometo-lhe.

Damián suspirou aliviado e junto com Rubi saíram da casa.

* * *

— Socorro!

O grito de Esmeralda ecoou no lugar fechado. Sabia que era provável que ninguém a escutasse já que, se não se enganava, devia estar no porão, mas ao menos sua voz aguda atormentaria os ouvidos de seu sequestrador até que este, cansado, descesse para amordaçá-la, então escaparia.

Não fazia a menor ideia de como chegara até ali. Recordava estar na biblioteca, concentrada lendo uma novela muito interessante quando, de repente, sentiu que alguém lhe apontava a arma pelas costas. Hereford a obrigou a sair pela cozinha, que estava vazia àquelas horas e logo fez com que subisse em uma carruagem parada muito perto dali. Depois só recordava de uma lacerante dor na cabeça que, supôs, levou-a à inconsciência. Despertou ali, naquele lugar escuro certamente lotado de ratos onde, pouco depois, descobriu que seu sequestrador devia ter perdido o juízo.

Embora não tivesse a menor ideia de por que a levaram ali, sabia como escaparia. O muito imbecil possuía a força de um camundongo, isso ou estava um tanto bêbado, porque as cordas com as quais a amarrara não foram muito difíceis de desfazer. Então, quando ele entrasse farto de seus gritos, ela o golpearia com a pesada viga de maneira que encontrara em um canto do asqueroso lugar. Simplesmente assim. Não sabia por que a sequestrara, mas ela não deixaria que se desse bem.

— Socorro! Socorro! — Seguiu gritando a todo pulmão, ignorando a ardência de sua garganta já cansada e a sua dor de cabeça.

O esforço valeu a pena, pouco depois escutou uns passos que se aproximavam do lugar. Colocou-se ao lado da porta segurando firmemente o pedaço de madeira na mão. Quando a porta se abriu, bateu — com toda a força que sua jovem idade lhe permitia — a viga contra as costas do homem.

Hereford caiu ao piso retorcendo-se de dor, mas não inconsciente. Esmeralda, em vez de sair correndo imediatamente, inclinou-se em frente ao homem e sem que ele tivesse força de evitar, tirou de seu colete o anel que lhe tirara.

— Nem pense que ficará com ele — disse antes de sair correndo escada acima.

Ouviu que o homem gritava uma série de impropérios, mas ignorou e seguiu correndo. Na casa, ao que parecia, não havia pessoal de serviço, por isso ninguém atrapalhou seu passo.

Para sua sorte a porta estava aberta. A rua se encontrava vazia e Esmeralda olhou ao seu redor sem saber aonde ir. Como ainda não fora apresentada em sociedade, não saía muito de sua casa, além disso, era distraída por natureza, por isso não fazia a menor ideia de onde se achava nem para onde ir. Não disposta a perder o valioso tempo, correu para a direita até que viu uma carruagem de aluguel e a deteve. O homem teve suas dúvidas em levá-la, mas ao ver sua boa roupa aceitou. Sabia que correria muitos riscos ao entrar na carruagem de um desconhecido, mas provavelmente estaria pior na casa de Hereford.

Pena que as carruagens aonde iam eram de portas fechadas, senão Esmeralda perceberia a presença de Rubi e

Damián, ou eles a dela quando se cruzaram em algum ponto do caminho.

Capítulo 27

Hereford demorou vários minutos em recuperar-se do golpe e poder levantar. Menina condenada, quem diria que teria tanta força. Ao menos não a suficiente para deixá-lo inconsciente, mas o que importava isso agora que escapou?

Amaldiçoou em voz baixa. Foi tão fácil capturá-la que pensou que seria igualmente simples retê-la. Quando chegou à sua casa, trancou-a no porão sem pôr muito empenho em amarrá-la, e logo fechou a porta. Depois redigiu a nota que enviaria a Rubi Loughy e que certamente informaria sobre o conteúdo ao marquês.

Tudo fora bem até que a moça recuperou a consciência e começou a gritar com aquela voz irritante. Decidiu que a amordaçaria para que se calasse, teve uma surpresa quando foi golpeado pelas costas. Ao que parecia subestimara a inteligência de Esmeralda Loughy. Em sua defesa, nunca teria esperado que o que era pouco mais que uma menina tivesse tanta força.

Dirigiu-se para a biblioteca com passos silenciosos e, para sua surpresa encontrou o marquês de costas para ele. Sem ficar pensando em como entrara levantou a arma que carregava na mão e lhe apontou.

— Não se mova, Aberdeen — ordenou.

Damián virou lentamente com a arma na mão e o enfrentou.

— Solte a arma.

Damián, que encontrara várias vezes uma arma apontando-o, não mostrou o mínimo medo e, ignorando levantou a sua, apontando para ele também.

— Onde está Esmeralda Loughy? — Perguntou com voz calma.

A mão de Hereford começou a tremer, mas a arma não se desviou de seu objetivo.

— Solte a arma ou disparo — Hereford repetiu.

Calculando as opções, e sentindo de repente a mesma excitação que experimentara no campo de batalha, quando não sabia que dia podia atacá-lo a morte em forma de balas ou de outra coisa, Damián deixou que um sorriso torcido se formasse em seus lábios. Seus olhos cintilaram determinação e com uma voz rouca e firme, disse:

— Faça.

Hereford avaliou os possíveis riscos e ao final decidiu que valia a pena corrê-lo, porque pôs a mão no gatilho e disparou. Damián fez o mesmo e os dois disparos ressoaram simultaneamente no lugar. Um corpo caiu ao piso.

Rubi se sobressaltou ao ouvir os disparos e, sem poder conter-se mais, saiu da carruagem e foi investigar.

Olhando se não havia ninguém ao redor e antes que as pessoas saíssem para bisbilhotar o motivo dos disparos, Rubi correu para a casa e se meteu pelo mesmo lugar por onde viu Damián entrar.

O que encontrou fez com que um gemido saísse de sua boca. Hereford estava estendido no chão inconsciente, com um ferimento de bala no ombro esquerdo e Damián sangrava de um ferimento no braço direito.

— Meu Deus! — Disse. — Está ferido.

Damián deu um olhar em seu braço e não deu atenção, negando com a cabeça.

— Foi só um arranhão, vamos... — olhou-a com o cenho franzido. — Não te disse que ficasse na carruagem?!

Rubi o olhou desafiante.

— Quando ouvi os disparos me assustei, mas não percam tempo, procuremos Esmeralda. Não, melhor, você fique aqui e eu a procurarei, não devemos forçar esse ferimento.

Ele não deu atenção e começou a procurar depois que ela saiu.

* * *

Quando Esmeralda entrou na casa vários olhos surpreendidos se pousaram nela.

— Onde esteve? — Todos perguntaram, todos menos Safira e Topázio, inteiradas do assunto.

— Escapou? — Topázio perguntou e Esmeralda assentiu.

— Como assim escapou? — Rowena chiou.

Topázio a ignorou.

— Me diga que topou com Rubi e o marquês.

— Não... por que teria que...? — Esmeralda compreendeu tudo. — Oh, Deus, foram me buscar.

— Temos que lhes avisar — Topázio disse e correu à sua habitação.

— Alguém me explica o que está acontecendo?! — Rowena gritou sobressaltando todos.

— Bem...

Safira começou a falar, acabava de terminar quando Topázio desceu com uma pistola em sua mão e se dirigiu à porta.

— Aonde vai? — William perguntou.

— Avisar Rubi e Aberdeen.

— Topázio, não pode... — William ficou com a palavra na boca, porque a morena já havia saído.

— James, vá atrás dela — ordenou ao seu irmão e este se apressou a segui-la, entretanto deteve-se um momento para observar Esmeralda, repassando-a de cima a baixo.

— Está bem? — Perguntou-lhe preocupado.

Quando ela assentiu ele saiu murmurando algo sobre que lhe ensinaria a disparar.

Topázio pegou o primeiro cavalo que encontrou, montou-o sem incomodar-se em selá-lo e saiu rapidamente sem dar atenção aos olhares de reprovação, escandalizados e incrédulos que ganhava ao seu passo.

James fez o mesmo e saiu atrás dela.

Esquivando das carruagens que atravessavam chegaram à casa de Hereford, que se encontrava rodeada por gente curiosa.

— Não podemos entrar, chamaremos muito a atenção. Vamos pela porta de serviço — James indicou.

Topázio não se incomodou em lhe dizer que, certamente,

já tinham chamado a atenção quando cavalgaram escarranchados pelas ruas de Londres em pleno meio-dia.

Todos estavam tão ocupados com a intriga que não perceberam quando eles rodearam o lugar para chegar à porta de trás, por onde entrava o serviço.

— Eu vou, — Topázio indicou — você fica com os cavalos e vigia para que ninguém se aproxime.

James assentiu, pensando que seria ter muita sorte que alguém não os visse, afinal, era pleno dia.

Topázio entrou na casa com a pistola na mão. Esta parecia livre de pessoal, mas não estranhava isso, Hereford devia ter despedido todos devido à sua situação ou ao menos se encarregou de que não estivessem presentes quando sequestrasse Esmeralda, para não ter testemunhas do delito.

Com passos silenciosos atravessou a cozinha e saiu em um corredor. Não se escutava nada. Quando entrou no salão principal escutou uns soluços provenientes de um salão adjacente e se dirigiu para lá. Os soluços eram de Rubi, que se encontrava no canto de uma sala vazia, abraçando a si mesma tentando conter a lágrimas. O marquês estava ao seu lado.

— Não está em nenhum lugar, — Rubi disse — não entendo...

— Não está em nenhum lugar porque está em casa tentando tranquilizar Rowena que, suponho, deve estar pior que você neste momento.

Rubi virou para ela e a olhou surpreendida.

— Mas como...? Então, ela não estava aqui?

— Sim, mas entendi que escapou.

— Como?

Topázio encolheu os ombros.

— É uma Loughy.

Rubi sentiu como se o ar retornasse aos pulmões e inclusive lhe deu vontade de sorrir. Era necessário ter muita coragem para meter-se com uma Loughy, mesmo uma Loughy tão pequena como Esmeralda.

Topázio pousou seus olhos em Aberdeen, cujo ferimento parecia sangrar mais.

— Oh, Deus! Está ferido — disse, embora isso fosse óbvio.

Rubi virou para ele e um gemido afogado exclamou de sua boca ao ver que o ferimento sangrava mais.

— Temos que ir e procurar um médico rápido.

— É só um arranhão — ele afirmou. — Te asseguro que não é grave.

— Enquanto não infeccionar...

Rubi dirigiu um olhar hostil à sua prima e voltou sua atenção ao Aberdeen.

— Será melhor irmos.

Ele assentiu de acordo.

— Esperem — Topázio interveio. — Onde está Hereford?

— Disparei-lhe no ombro, encontra-se inconsciente na biblioteca.

Ela fez um gesto carrancudo, como se a incomodasse haver perdido a ação, mas logo se recompôs.

— Matou-o?

— Não sei.

— Será melhor confirmar, eu não gostaria que esse verme

nos desse mais problemas.

Admitindo que a mulher estava com a razão, retornaram à biblioteca. O corpo do homem seguia exatamente aonde o deixaram. Damián tomou-lhe o pulso e se deu conta de que ainda vivia, mas havia poucas possibilidades de que sobrevivesse. Mesmo assim, tirou de seu colete um par de lenços e lhe atou as mãos e os pés com suficiente força para que não pudesse escapar.

Rubi lhe reprovou o esforço e lhe recordou o ferimento, mas não lhe deu atenção e seguiu seu trabalho.

Quando saíram pela mesma porta traseira pela qual entrou Topázio, Damián montou com Rubi em um cavalo e Topázio montou no outro com James.

A viagem de volta à casa dos Richmond pareceu durar uma eternidade. Embora ninguém os viu sair da casa de Hereford, houveram várias pessoas que os viram no caminho de volta e causaram muitos rumores. No dia seguinte toda a sociedade inglesa estaria especulando sobre esse fato e não demorariam em tirar conclusões. O escândalo os perseguiria um bom tempo.

Logo que chegaram à casa chamaram o doutor e tal e como afirmara Damián, o ferimento não era mais que um arranhão, nada com o que preocupar-se.

Rubi se sentiu aliviada por várias coisas. Sua irmã estava a salvo e intacta, seu futuro marido não possuía nada grave, o casamento não seria cancelado e o mais importante de tudo foi que não demorou em chegar a notícia de que Hereford fora detido, embora morrera a caminho de Newgate, então já não

suporia um problema.

Rubi teve que suportar uma forte reprimenda de Rowena por ter arriscado daquela forma sua vida e Damián não saiu imune, ele também teve que escutar que sua tutora o acusasse de ter permitido levar-lhe consigo, como se não soubesse que Rubi não lhe deixara outra opção.

Ao final tudo parecia haver se arrumado, foram vítimas de várias colunas de intrigas e fofocas devido à cena que apresentaram, mas nada que não se arrumasse com o tempo.

No dia anterior às bodas a emoção não deixou Rubi dormir. Ainda lhe preocupava um tanto o assunto de amar um homem que não a amava, mas decidiu que colocaria todo seu empenho em que ele também a amasse. E Deus sabia que era teimosa por natureza, não se renderia até conseguir, por isso não deixou que esse pensamento interferisse em sua felicidade.

Em lugar de ir pegar seu livro “*cura-insônia*”, decidiu que era a hora de ir falar com Topázio, então saiu de sua habitação e foi à de sua prima, que estava ao lado. Bateu com suavidade, mas não esperou resposta e entrou.

Topázio se levantou ao sentir a porta abrir-se e a olhou com uma sobrancelha arqueada.

— Vai voltar a falar comigo? — Perguntou em tom de zombaria.

Rubi se aproximou da cama e se deitou ao seu lado.

— De fato vim te agradecer por tudo, acredito que sem aquele desatinado plano nunca aceitaria o casamento e muito menos teria descoberto que me apaixonei — Rubi olhava para o teto, então não viu o sorriso zombeteiro no rosto de Topázio.

— Então enfim se deu conta?

— Você sabia — afirmou olhando-a.

Ela encolheu ligeiramente os ombros.

— Supunha-o, sim.

— Como você sabia e eu não?

— Sabia sim, acredito que sempre soube, só que demorou a admitir.

Rubi pensou e se surpreendeu ao dar-se conta de que era verdade. Também lhe surpreendeu uma vez mais essa capacidade que Topázio tinha de decifrar os sentimentos dos outros.

— Só espero que quando se apaixonar seja capaz de descobrir com a mesma facilidade.

Topázio estalou a língua.

— Jamais me apaixonarei — assegurou.

— Só espera chegar o homem adequado — predisse. — Isso me recorda... Lorde Frederick está muito interessado em ti.

Topázio se levantou levemente na cama como se tivesse recordado algo, mas logo se relaxou ao lembrar que não estava sozinha.

— Tolices, — disse — esse homem não está interessado em mim. Trama algo.

— Não pode desconfiar tanto das intenções dos cavalheiros, Topázio. Sei que alguns são maus, mas você é formosa, qualquer um se fixaria em você, apesar dessa língua perigosa que tem.

Topázio riu. Rubi sabia que sempre lhe causou graça o que todos diziam dela.

— Pode ser, — admitiu, embora soubesse pelo tom de sua voz que o dizia só para terminar o assunto — mas ele não trama nada bom, me acredite, sei.

Rubi não colocou em dúvida. O instinto de Topázio Loughy nunca falhava.

— Bem, mas já chegará alguém, estou segura.

— Se você diz...

— Oh, não seja tão negativa, se lembrará de mim quando acontecer.

Topázio não disse nada mais.

Passaram um momento em silêncio até que Rubi falou.

— Dormirei aqui — informou.

— Não acredito.

Rubi franziu o cenho.

— Não entendo por que nunca quer que alguém durma contigo.

— Eu gosto de dormir sozinha, além disso, mexe-se muito quando dorme.

— Isso não é verdade.

— É, Safira me disse.

Era Safira quem procurava colchões humanos, mas não o disse, em troca insistiu.

— Mas não consigo dormir — queixou-se.

— Se quiser companhia vá para a habitação de Esmeralda ou Safira, elas lhe receberão encantadas.

Rubi franziu os lábios em gesto carrancudo, mas se levantou da cama.

— Está bem.

Quando ia sair uns golpes na janela fizeram com que se detivesse.

Ambas viraram e viram uma pequena pedra que golpeava o vidro. Topázio, estranhando, aproximou-se da janela e a abriu. Olhou por ela e sorriu ao ver a cara de desconcerto de Aberdeen que, ao que parecia, enganara-se de janela.

Topázio estendeu uma mão pela janela e saudou com gesto zombeteiro.

— Acredito que seu príncipe errou o balcão — informou à Rubi.

Ela se aproximou imediatamente da janela para ver. Efetivamente, Aberdeen se encontrava abaixo no jardim, olhando com o cenho franzido à Topázio. Quando percebeu que ela também estava ali sorriu e lhe fez gestos para que descesse.

Rubi saiu da habitação com um sorriso nos lábios. Topázio negou com a cabeça e sorriu, logo começou a procurar suas calças, tinha uma reunião para ir.

Rubi saiu da casa com o maior sigilo possível e foi até o jardim. A noite escura lhes ofereceria refúgio de olhos indiscretos.

— Tem sorte de que eu estava na habitação com Topázio, temo que quem for que tenha indicado a direção do meu quarto, fez isso mal — disse às suas costas e o recebeu com um sorriso.

Ele também sorriu.

— Sua criada pessoal disse a um dos meus lacaios, não sei qual dos dois divulgou mal a informação.

Ela soltou uma pequena risada e se abraçou a ele

entrelaçando os braços em seu pescoço.

— O que faz aqui? — Perguntou-lhe.

— Vim ver-te, precisava te dizer algo muito importante.

— Ah, sim? — Arqueou uma sobrancelha. — E o que pode ser tão importante que não podia esperar até amanhã?

— Eu... vim te dizer que, além de teimosa, histérica e insensata, é uma ladra.

Rubi franziu o cenho.

— Como?

Ele sorriu.

— E uma muito boa, além disso.

Pelo tom de sua voz Rubi soube que brincava, mas não entendia o significado de sua brincadeira.

— E... pode se saber o que roubei?

— Minha alma e meu coração.

Rubi ficou paralisada, sem saber o que responder. Não era nem capaz de assimilar completamente o que acabava de ouvir. Seria verdade? Não seria um truque de seu esperançado cérebro?

— O que... o que diz?

— Que te amo. Que minha alma e meu coração agora são teus e de ninguém mais. Não sei como fez com eles, mas agora você é a dona. Não sei quando nem como aconteceu. Estou irremediavelmente apaixonado por você e não podia esperar um minuto mais para lhe dizer isso.

— Eu também te amo, — ela confessou quando conseguiu recuperar a voz — acho que sempre fiz, mas suponho que era teimosa demais para admitir isso. Se eu roubei seu coração foi

apenas uma retribuição, já que você roubou o meu faz tempo. Eu acho que no fundo, desde aquela noite, eu sabia que você era o homem certo para mim.

Rubi sentiu que a alegria começava a distribuir-se por seu corpo. Era verdade, ele a amava. Não podia ser tudo mais perfeito.

Incapaz de conter-se, se lançou para ele e o beijou. Beijou-o lhe dizendo com seus lábios o que a emoção não lhe permitia expressar. Ele a rodeou com seus braços e respondeu ao seu beijo com a mesma urgência, com a mesma emoção.

— E eu soube que sempre seria a mulher da minha vida.

Voltaram a se beijar com a mesma paixão da primeira vez, mas também com o mesmo amor que sentiam agora. Expressaram com seus lábios aquele sentimento indescritível com palavras, porque às vezes, quando há amor, não se necessitam palavras, só se necessita daquela pessoa especial, aquela pessoa que se encontra no lugar menos esperado e com a qual se passariam dias e noites inesquecíveis.

Epílogo

As bodas foram uma das melhores experiências que certamente teria em sua vida e a celebração desta não ficou atrás. Toda pessoa que pudesse dizer-se respeitável estava ali. Uns para desfrutar da festa, outros para bisbilhotar e outros poucos porque de verdade se alegravam pelo matrimônio.

Rubi não recordava haver se sentido mais feliz em sua vida. Tudo parecia tirado de um final de novela. O vestido, a festa e, sobretudo Damián. Se antes lhe houvessem dito que encontraria o amor de sua vida nele, riria na cara de quem o mencionasse, mas isso só demonstrava quão irônica podia ser a vida.

Quando abriram a pista com a primeira dança, Rubi começou a acreditar que tudo era um sonho que esperava que nunca se acabasse. Ao final, tinha muito mais do que esperara.

Damián, por sua parte, não se sentia menos contente. Depois de tudo se casara com Rubi Loughy, só que houve uma pequena mudança nos motivos iniciais: agora o fazia porque sabia que ela era a mulher de sua vida. Se algum de seus amigos o ouvisse, com toda probabilidade começariam a rir. Outro safado que caiu nas redes do amor. Mas que formoso era ficar apanhado naquelas redes. Se muitos soubessem o que se sente, não se esmerariam tanto em evitá-lo.

Damián tomou um gole de sua taça incapaz de acreditar ainda que semelhante alegria e paz fossem possíveis. Viu como sua esposa falava feliz com a marquesa de Lansdow e sorriu. Já não havia cura, Rubi o enfeitiçara por toda vida.

Estava tão concentrado nela que não sentiu quando as conversas no salão cessaram e logo se reavivaram com mais força ainda.

— Então se casou, — disse uma voz familiar às suas costas — ora, isso que é uma surpresa, mas não sei o que me ofende mais, que tenha caído nas redes do matrimônio ou que não me tenha convidado às bodas.

Damián não pôde evitar dar um pulo pela surpresa, mas logo se virou e sorriu.

— O que te acontece, Aberdeen? Acaso o matrimônio te fez baixar a guarda? Agora se surpreende só de ouvir minha voz? — Zombou o homem.

— Não sabia que retornou. Isto sim que é uma surpresa.
Adam sorriu.

— Devo supor que é por isso que não recebi convite. Menos mal, começava a me sentir ofendido.

Isso o fez pensar.

— Como entrou?

Ele encolheu os ombros não dando importância ao assunto.

— Já que seu laçao se negou a me deixar passar, tive que entrar pela porta dos criados.

— Não estava fechada?

— Sim, mas isso não foi inconveniente.

Damián negou com a cabeça em gesto de reprovação, mas no fundo se divertia.

— Forçou a fechadura — deduziu.

— De que outra forma queria que eu entrasse? Não pensava perder as bodas de um grande amigo.

— Já perdeu.

— Mas não perdi o banquete.

Damián soltou uma pequena gargalhada. Adam, duque de Rutland, jamais mudaria. Olhou seu amigo e se deu conta de que tampouco mudara fisicamente. Seguia sendo o mesmo homem com aquelas feições que fizera com que o apelidasse “o *Adônis de cabelo negro*”. Só desenvolveu um pouco mais de músculo.

— Quando retornou?

— Ontem, me alegra que a guerra tenha acabado, mas é uma pena não ter trabalho.

— Tem um imóvel bastante grande do qual se ocupar, e outras propriedades.

Adam fez uma careta.

— A um trabalho divertido, me refiro, nada melhor que procurar informação sentindo como o perigo o persegue.

— Está louco — declarou.

— Talvez. Mas, me diga, como caiu nas redes do matrimônio? Isso de casar-se parece estar no ambiente como uma praga. Retornei para me encontrar com todos os famosos libertinos reformados. Acabo de topar com o Bla à sua esposa com a mesma cara de estúpido que você está olhando a tua.

— Acredita no amor, Adam?

— Antes não, mas agora que estou vendo a tua cara estou em dúvida.

— Bem, quando o encontrar terá sua resposta.

— Então acredito que não fica mais que te felicitar, muito formosa sua esposa.

— Tem duas primas em idade casadoura, se quiser apresento a mais aceitável.

Os olhos negros de Adam se abriram em uma expressão de horror.

— Homem, isso lá é maneira de demonstrar que se alegra com a minha volta, se oferecendo a me apresentar a uma jovem casadoura? Não me interessa mesmo que seja tão bela como sua mulher.

— Como quiser, vejo que não tem intenção de se reformar.

— Não, ao menos em uns cinco anos. Não importa se... — Adam não terminou de falar, já que seus olhos se fixaram na mulher de cabelo mogno que estava no outro do salão. — Quem é? — Perguntou aniquilado pela singular beleza.

Damián não pôde evitar soltar uma gargalhada antes de responder.

— Uma das primas da minha esposa.

Adam virou para ele e o olhou em tom de recriminação.

— E vai cometer a descortesia de não me apresentar? Onde ficou sua educação, Damián?

Damián guardou o que pensava a respeito e disse:

— Me acredite, essa você não deseja conhecer.

— Sou adulto o bastante para saber o que desejo — respondeu voltando a pousar os olhos na mulher.

— Está bem, mas deixo sob sua responsabilidade. Não se deixe enganar por aquele rosto de anjo, Adam, ela difere muito de ser um.

— Anos de experiência me ensinaram essa moral, querido amigo. Agora, apresenta-me ou me apresento eu?

Damián ficou sério de repente ao ver que seu interesse era real.

— Adam, na verdade...

— Acredito que já entendi — ele disse.

— Entendeu o quê?

— O que disse sobre por que caiu nas redes do matrimônio.

Damián começou a preocupar-se.

— Não dirá o mesmo quando a conhecer realmente.

Ele sorriu.

— Eu acredito que seguirei afirmando o mesmo. Agora, apresente-me — ordenou.

Damián negou com a cabeça e se aproximou com seu amigo para o canto onde Topázio se encontrava sozinha.

— Bebendo, senhorita Loughy? — Perguntou zombeteiramente vendo a taça que a mulher segurava na mão.
— Acreditei que isso não estava permitido às damas solteiras.

Ela encolheu ligeiramente os ombros.

— A mim ninguém proíbe nada, milorde, uma dama solteira também pode desfrutar de uma boa taça, sempre e quando não se exceder, é claro — disse sabendo que ele captaria o significado oculto.

Topázio olhou então o homem que o acompanhava. A

princípio o examinou com aborrecimento, mas logo, como se recordasse algo, abriu os olhos com incontestável surpresa, embora o ocultasse tão rápido que Damián pensou que estava imaginado. Não prestou atenção nem a isso, nem ao sorriso de Adam, já que viu que Rubi saía ao jardim e se apressou a fazer as apresentações.

— Adam, ela é a senhorita Topázio Loughy. Senhorita Topázio, ele é sua excelência, o duque de Rutland — desapareceu atrás de Rubi logo que terminou de dizer aquilo.

Adam sorriu de forma maliciosa a Topázio e tomou sua mão para beijá-la.

— Senhorita Topázio, que prazer... voltar a vê-la.

Topázio soltou um som pouco feminino e olhou ao homem com irritação. Pensou que sua má sorte atual aumentava e que, de todos os homens na Inglaterra, tinha que voltar a topar-se com o intrometido da noite anterior.

Damián encontrou Rubi passeando perto de umas roseiras e se aproximou dela.

— Já se aborreceu com o casamento? — Perguntou zombeteiramente.

Sorriu-lhe.

— É tão incrível que tudo parece um sonho. Se for assim, desejo nunca despertar.

— E eu desejo estar nele sempre.

— Está se sendo muito romântico ultimamente.

— O que faz o amor. Além disso, acreditei que as mulheres adoravam os homens românticos.

— Eu só adoro você — respondeu aproximando-se dele.

Damián passou um braço por seus ombros e a apertou contra seu corpo.

— E eu só viverei por você.

Levantou seu queixo e lhe deu um suave beijo nos lábios, mais uma carícia que um verdadeiro beijo.

— Será que podemos escapar da festa? Eu gostaria de começar a noite de núpcias.

— Temos muitas noites adiante para nos expressar amor.

— Entretanto, a mim bastou uma noite para saber que seria o amor da minha vida.

— E me bastou uma noite para me dar conta que, em realidade, sempre gostei de você.

Damián soltou uma gargalhada e voltou a beijá-la, desta vez com mais intensidade, com mais paixão, mas não por isso com menos amor. É que, às vezes, uma noite é o suficiente para apaixonar-se.